

Nemo mihi molestus sit, ego enim stig-
mata Domini Iesu in corpore meo
porto, Gratia Domini nostri Iesu
Christi cuius inuestro fratres Amen.

PRIMEIRA
PARTE DAS CHRONI-

cas da ordem dos frades Meno-
res do sempiterno padre sam-
Francisco, seu institui-
dor & primeiro mi-
nistro geral.



QUE SE PODE CHA-
mar, Vitas patrum dos Menores. Con-
ta dos principios & primeiros san-
ctos padres desta sagrada religiam. Nonamete
copilada & ordenada dos antigos liuros
& memoriaes da ordem, per frei
Marcos de Lisboa frade me-
nor da prouincia de
Portugal.

CONTEM ESTA PRIMEIRA PAR-
te dez liuros em que he diuisa, per mayor clareza da hy-
storia, Como na volta desta folha se vera.

COM PRIVILEGIO
Real por dez annos.

As Crónicas da Ordem dos Frades Menores de Fr. Marcos de Lisboa ou a história de um triunfo anunciado

...*quel gran fiume che sono le Cronache di Marco da Lisbona...*

Felice Accrocca, in *Introd. a Angelo Clareno, Liber Chronicarum*, 35

O franciscano Marcos de Lisboa morreu, sendo bispo do Porto, em 13-IX-1591. Teria, se são verdadeiramente fiáveis — não o costumam ser — os seus, então, 80 anos, nascido em Lisboa em 1511... Seria, assim, dessa geração a que pertenceu outro notável mendicante e ainda mais célebre arcebispo de Braga, Fr. Bartolomeu dos Mártires, O.P. (nasc. em 1514) e também um cardeal que foi príncipe e rei, D. Henrique (nasc. em 1512)... Desta ordem de tradicionalidades "positivas" que, como todas as outras, esperam o desenvolvimento sem o qual qualquer explicação será sempre mais eventual do que provisória, convirá recolher aqui apenas os elementos que directa ou indirectamente dizem respeito aos tempos em que preparou e publicou a sua obra maior — aquela em que, desde cedo, pôs quase toda a sua vida e lhe conferiu direitos a ter de ser, pese o esquecimento a que tem sido votada, considerada um monumento da cultura portuguesa, e mesmo da europeia, ao longo dos séculos... Com efeito — e recordemo-lo com emoção neste ano em que vão passando os 410 anos da sua morte —, foi através das vastas e equilibradas três partes das suas *Crónicas da Ordem dos Frades Menores* que a Europa, mesmo depois de ter conhecido os trabalhos de Pedro Ridolfi (*Historiae Seraphicae Religionis, Venetiis*, apud Franciscum de Francisci, 1586), de Francisco Gonzaga (*De Origine Seraphicae Religionis Franciscanae, Romae*, ex Typographia Dominici Basae, 1587) e, sobretudo, do eruditíssimo Lucas Wadding, (*Annales Minorum*, Lyon, C. Landry, [*et alii*], 1625-1635)¹, continuou a admirar S. Francisco de Assis e muitos dos seus filhos — desde o século XIII até cerca de 1520... A confirmá-lo, as cerca de uma centena de edições da sua obra — do original e das suas traduções europeias...

¹ No momento em que, sob a responsabilidade do Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, a reedição das *Crónicas da Ordem dos Frades Menores* (Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001) de Fr. Marcos de Lisboa é também um modo de afirmar a importância de uma outra dimensão, geralmente menos assinalada, das contribuições portuguesas para a cultura europeia, lembremos ainda, desde esse mesmo ponto de vista, que a segunda edição (Roma, 1731-1740) desse monumento de erudição que são os *Annales Minorum* de L. Wadding, ele próprio bem relacionado com a vida franciscana portuguesa, se deve à incansável munificência de Fr. José Maria da Fonseca e Évora, O.F.M., que veio a ser, como coroação de uma longa carreira romana carregada de honras e honrarias, também bispo do Porto (1739-1752) e prelado bem célebre pelo seu fausto.

À parte algum dado derivado de um certo anedotário que os séculos XVI e XVII cultivaram com afinco e quase elevando a sua composição à categoria de género fixado em "Florestas"... "Silvas"... "Espelhos"... "Colecções"... de variadíssima erudição e de imagens deformadas, os elementos biográficos mais completos actualmente disponíveis e, como sugerimos, sempre repetidos, sobre Marcos de Lisboa — o frade e o bispo — continuam a ser os que Fr. Fernando da Soledade deixou na sua continuação da *Historia Serafica* (V, 2, 15, Lisboa, 1721) em que compila tradições da Ordem e sintetiza, com justeza, os dados que, com elogios, juntou a «ilustre pena» de D. Rodrigo da Cunha no *Catalogo dos Bispos do Porto* (Porto, 1623, João Rodrigues, II, 39). Lastimemos que Fr. António da Piedade que, como argumento para uma polémica sobre a província franciscana (Portugal? Santo António?) que verdadeiramente tinha o direito a pôr na sua história e no catálogo das suas glórias um tal frade, prometia escrever largamente a sua biografia, não tenha chegado a fazê-lo²... As suas promessas, a julgar pelos tópicos a tratar, poderiam, se concretamente realizadas, trazer elementos novos sobre os anos (1568-1581) em que Marcos de Lisboa foi um zeloso prelado na recolecta província franciscana de Santo António fundada, precisamente, em 1568...

Mais do que esse ano de 1511 em que Fr. Marcos terá nascido, interessaria, nesses tempos de divisão definitiva da ordem franciscana em Observantes e Conventuais, saber ao certo o ano em que foi feito observante... Dizemos "foi feito", porque a Marcos da Silva (a supor que seguiria o apelido de seu pai, Luís da Silva, falecido no Oriente³), lançarão os franciscanos observantes «o hábito antes de ter a idade competente»... Mais do que uma vocação precoce — sempre possível e que não se nega — tal indicação de Fr. Fernando da Soledade pode sugerir que a entrada na Ordem foi um dos meios que a Providência usou para «tomar por sua conta a sustentação dela [mãe] e de seus filhos»..., entendamos de «hã grande cópia de filhos»... Contas feitas, poderemos supô-lo em Santa Cristina de Tentúgal — um dos conventos tradicionalmente de *strictior observantia* que a *regularis observantia* mantinha como casas de recolecção⁴ — cerca de 1524..., isto é, já em tempos em que a

² Martinho do AMOR DE DEUS. *Escola de penitencia. Chronica da santa provincia de Santo Antonio da regular e estreita observância da ordem do serafico patriarca S. Francisco no instituto capucho neste reyno de Portugal*. Lisboa Occidental, Herdeiros de Antonio Pedroso Galram, 1740, I, 363.

³ Fernando da SOLEDADE, *Historia serafica da ordem dos frades menores de S. Francisco da provincia de Portugal*, Quinta Parte, Lisboa, Off. de Antonio Pedroso Galram, 1721, II, 16, 251.

⁴ Santa Cristina de Tentúgal foi, desde a sua fundação em 1437, centro de rigorosa observância e chegou mesmo, sob a orientação de Fr. Gomes do Porto, a ser casa recolecta de *strictior observantia*..., carácter que conservava ainda em tempos de Fr. João da Póvoa (†1506) também lá professo. No século XVI passou a ser de *regularis observantia* e aí foram instituídos estudos em 1594 (Conf. Manuel da ESPERANÇA, *Historia serafica da ordem dos frades menores de S. Francisco na provincia de Portugal*, II, Lisboa, Officina de Antonio Craesbeecke de Mello, 12, 5-

observância franciscana, herdeira e, talvez só momentaneamente, consagrada indiscutida de um ideal mantido com polémica e, por vezes, mesmo luta bem pouco seráfica, ao longo de séculos, se afirmava segura de representar — com selo e preeminências desde 1517 — esse autêntico espírito (*intentio*) de Francisco de Assis. Por esses mesmos anos (1522/1525) se consagra definitivamente, sob a orientação do Geral Francisco de los Angeles (Quiñones) o movimento de *recolecção* na Observância (III, 9, 16)⁵... Como teremos ocasião de sugerir, Fr. Marcos de Betânia (teria sido o seu primeiro nome de religião?), sempre guardou profunda fidelidade a essa *observantia* da letra da Regra..., a ponto de, mais tarde, questiúnculas à parte, se ter passado a uma nova província em que essa fidelidade se revelava mais exigente e, logo, a observância mais exacta. Não é um facto este sem importância, pois informará a visão que da tradição e da história franciscana traçará nas suas *Crónicas*... Mas estes eram já — sublinhemo-lo — tempos em que à *observantia regularis* não repugnavam, como inicialmente⁶, e, individual ou organizativamente, continuavam a repugnar aos movimentos de *strictior* ou de *strictissima observantia* sempre mais empenhados num estilo de vida enformado, em tons e graus diversos, por um certo anti-intelectualismo tão favorecedor da pobreza — não grandes livrarias, por exemplo⁷ — como da humildade⁸ — de que vinham

11, 652-656; Fernando da SOLEDADE, *Historia seraphica*, ed. cit., III, 2, 1, 141-142). Fr. Marcos, porém, ainda aí poderá ter vivido o pristino clima de recolecção por que optou ao ingressar, mais tarde, na Província de Santo António.

⁵ P. MESEGUER FERNÁNDEZ, *Programa de gobierno del P. Francisco de los Angeles (Quiñones)*, II in *A. I. A.*, 21 (1961), 18-23; Ángel URIBE, *Espiritualidad de la descalcez franciscana* in *A. I. A.*, 22 (1962) [*Estudios sobre S. Pedro de Alcántara en el IV centenario de su muerte — 1562-1962*], 133-161 (136-137).

⁶ Marcos de LISBOA, *Chronicas*..., III, 1, 63 lembra, com a concordância, ao parecer, do *Firmamentum trium ordinis*..., do *Monumenta ordinis*... e de Mariano de Florença que, não sem polémica, Fr. Giovanni da Capestrano, forte do *Regimento* da Observância, nas Constituições que para ela redactou, «mando tambien a los frayles que estudiassen y se hizicessen algunos estudios por las provincias. Y porque sobre este ordenar estudios, tuvo por contrario a muchos padres de la observancia, zeladores de la simplicidad y pobreza, escribio una larga epistola sobre esto a todos los frayles observantes de Italia, exhortandolos a los estudios de las divinas escrituras, la qual fue escrita en el año del Señor de mil quatrocientos y quarenta y quatro a cinco de Hebrero en Sant Francisco Trans Tiberim». A data permite assegurar que Marcos de Lisboa se refere à *Epistola circularis de studio promovendo inter Observantes* que Giovanni da Capestrano enviou a toda a Observância italiana, e que estuda Pietro MARANESI, *Nescientes litteras. L'ammonizione della Regola francescana e la questione degli studi nell'ordine (sec. XIII-XV)*, Roma, Istituto Storico dei Cappuccini, 2000, 272-283, com publicação integral do seu texto em «Appendice documentaria» (nº 21, 377-380).

⁷ Marcos de LISBOA, *Chronicas*..., III, 5, 50 recorda as críticas de um Fr. Juan de Lucca († c. 1471) às grandes livrarias que os observantes se iam já permitindo construir e que, segundo ele, evidenciavam um sinal de uma nova «conventualidade», questão que a obra de Pietro MARANESI, *Nescientes litteras*..., ed. cit., 176, 198 *et passim* permite seguir nos seus contextos e possíveis fontes..

⁸ Marcos de LISBOA, *Chronicas*..., III, 8, 10, sublinha, como remate da vida de Fr. Juan Hotelano,

brotando, entre nós, os "capuchos"...., os arrábidos... —, numa tradição⁹ que pretendia interpretar alguns gestos e recomendações do seu Fundador — ele

«quanto más gana un simple con Dios, que todos los letrados con el mundo, quanto más vale estudiar en la humildad y en las escuelas de la vida de Iesu Christo, que en las escuelas de los hombres», texto que nem por nele repassar quer o *Christus est sapientia* de Petrarca quer o *summa igitur studium nostrum sit in vita Iesu Christi* de T. Kempis deixa de ser revelador de uma posição observante a que aludimos. Muito interessantes nos parecem ainda hoje as considerações que sobre este assunto tece Jacques PAUL, *Les spirituels entre la sainteté et l'hérésie (Historiographie et perspectives d'études)* in AA.VV., *Gli studi francescani dal dopoguerra ad oggi* (a cura di Francesco Santì), Spoleto, Centro italiano di studi sull'Alto Medioevo, 1993, 173-212 (195-198).

⁹ Marcos de LISBOA, *Chronicas*.... III, 7, 28 com base nuns *Memoriales* ditados por Fr. Jácome de la Marca († 1476), companheiro de S. Bernardino de Siena, chama a atenção para o estilo de vida desses tempos, que depois muitos, como Fr. Mariano del Bosco de Romandiola († 1495), continuavam: «... Acuerdome, decia el, que quando entre en la religion todos trayamos a braços la leña, y cada uno traya tantas haces, y todos trabajavamos en la huerta, y todos yvamos por la limosna, y San Bernardino y yo fuimos muchas vezes juntos a pedirla, mas agora casi todos han verguença dello. Eran los frayles fervientes en el culto divino, quietos en casa con modestia y recogimiento, salian muy pocas vezes fuera, y moravan en casas pobres, y con una sola vez en la semana que yvan por el pan, ninguna cosa les faltava, cada uno pretendia ayunar más que otro. Decia tambien, acuerdome que muchas vezes passavan seis meses que no comiamos bocado de carne, ni huevos, haciamos los capitulos sin buscar carne, y así no la comiamos, sino era offrescida. Los frayles enfermos curavanse con medicinas simples, y caldos de harina, o de pan y agua de cevada, y en las grandes fiestas passavamos de la misma manera. En las yglesias siempre estaban algunos frayles de dia y de noche en oracion, y principalmente despues de maytines. Quando algun frayle se mudava de una casa para otra, los otros lo abraçavan, y con muchas lagrimas se despedian del, tanta era la charidad con que todos se tratavan. Estas virtudes y otras muchas perseveraron en muchos viejos...». Desde este mesmo ponto de vista, ainda que um tanto mais tardio, e bom exemplo da tensão equilibrada entre o trabalho manual e os estudos, poderá também ser a «memória» que do estilo de vida que levavam os frades de Santa Maria da Ínsua deixou Fr. João da Póvoa em 1493: «Item. no anno do senhor de mil cccc noventa e tres moravão aqui na Insoa estes frades que se seguem.s.: fr. Vasco de Santarém confessor que fazia livros para a comunidade de linguagem e ajudava-o fr. Tristão de Lisboa, diácono; fr. Pero da Cunha, confessor, estudava; fr. Francisco Lobo fazia libros e buscava-lhas muntiras e fazia-as correger; fr. João de Deus estudava e pregava na vila; fr. Tristão de Coimbra, sodiacono, aprendia; fr. João de Tentugal aprendia a ler; fr. João da Póvoa andava por hy; fr. Marcos, leigo, fazia esteiras de palha; fr. Francisco, leigo, fora barbeiro; fazia as barbas e corrigia a ferramenta; fr. Manuel da Ponte era sapateiro e corrigia a casa; todos com fr. Marcos ajudavam na orta; fr. Estevão de Valença, leigo, com fr. Manuel erião sapateiros do segre; e acudialhe fr. João da Póvoa. E todos ao coro de noute e dia. E em silencio se davão à oração e em muita paz que nunca ninguem os ouvia contender; tres bebiã vinho e os outros todos agoa; pescado em quaresma pouco; e delles nada; carne nos dias aadur; e pore, avião medo do grão juizo de Deos; e do dar da conta; nõ dizião trintauros nem os tomavão; nem tomavão toda a esmola que lhes davão; muito pouco pedião de fora; sempre estavão em casa; com pão da vila soo quasi se mantinhão cada somana com algo biscocoyto de que se provião no tempo; de ventura ouciusedades; nem estar juntos; fallar baixo; caridosos. E ainda que milhores fossem não perdião nada; comião em rodilhas aa mesa e trazião burel muitos delles; nõ tinham esmolas em deposito, todos os avitos estavão em comunidade e sayas; em oração mental e trabalhar cada dia hum pouco...». Fr. João da PÓVOA, *Memoriais* in A. D. Braga, ms. F -5 in José Adriano de Freitas CARVALHO, "Nobres Leteras".... "Fermosos Volumes".... *Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal no século XV. Os traços de união das reformas ibéricas*, Porto, 1995, 33.

que, contudo, sempre lembrará a obrigação do trabalho e não a dos estudos —, as "letras"..., mesmo os estudos universitários¹⁰...

Companheiro de Fr. Vasco Correia, provincial da província observante de Portugal — as outras eram, então, a dos Algarves e a da Piedade —, teria sido por estes anos imprecisos e neste meio de exigências de estudos, viagens, visitas — governo que impunha o provincialato —, que Fr. Marcos «teve ocasiões repetidas para conceber o grande empenho com que depois sahio a luz escrevendo a *Chronica Geral da [sua] ordem*»¹¹... Com estas «ocasiões», talvez, se deseje apenas sugerir que teve maior oportunidade de, como diz D. Rodrigo da Cunha, «ler antigas crónicas da ordem... e livros que tratam dos religiosos della»¹²..., se bem que, como se sabe, tal documentação não abundasse por então... Entre nós, verdadeiramente acessíveis — como parece sugerir o aproveitamento que da obra boaventuriana se faz no que recentemente se chamou a «*Compilação de Coimbra*»¹³ —, a *Legenda mayor* e o *Floreto de San Francisco*, já que da *Chronica XXIV generalium Ordinis Minorum* o primeiro exemplar só entrará em Portugal em 1466... Sem esquecer, naturalmente, as páginas da *Legenda Aurea*... Por informação do que ainda será, como sugerimos, o seu melhor biógrafo, Fr. Fernando da Soledade, sabemos que frequentou, para «estudar as letras divinas», o franciscano Colégio de S. Boaventura, fundado, já tardiamente — depois de 1552 —, por D. João III no prolongamento da reforma da universidade de Coimbra¹⁴... Mas onde se teria feito «perito» na língua latina e «douto» na grega e na hebraica? Na mesma Universidade? — Talvez, pois na dedicatória a D. Nuno de Noronha, reitor da universidade de Coimbra (1578-1586)¹⁵ do *De Disciplina Christiana* — obra, infelizmente, ainda inédita — mostra-se «*gratíssimo*» para com a *Alma*

¹⁰ Valham ainda como exemplo antonomástico as palavras de Fr. Manuel da ESPERANÇA a meados do século XVII: «Estas regencias e estes graos honorificos [Leitor, Bacharel, Licenciado, Presentado, Mestre] extinguiu a nossa reformação Observante, mas não desterrou de nós o amor das letras e o estudo, que a fazem resplandecer gloriosa entre as luzes da catholica Igreja». *Historia serafica*, I, Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1656, I, 4, 24, 453, perspectiva, de marca boaventuriana, que recebeu de Fr. Giovanni da Capestrano um forte respaldo, como assinala Pietro MARANESI, *Nescientes litteras...*, ed. cit., 230-231..

¹¹ Fernando da SOLEDADE, *Historia serafica*, ed. cit., V, 2, 16, 252.

¹² D. Rodrigo da CUNHA, *Catalogo e historia dos bispos do Porto*, Porto, João Rodrigues, 1623, II, 39, 334.

¹³ Maria Joana G. A. de Sousa GUEDES, *A «compilação de Coimbra». Edição crítica do ms. 1192 da B.G.U. C.*, Porto, 1992 (Dissert. de Mestrado apresentada à F. L. U. P.; ed. policopiada).

¹⁴ Sobre este colégio franciscano na Universidade de Coimbra as notas de Fernando da SOLEDADE, *Historia serafica*, ed. cit., IV, 3, 13, 299-305 e V, 2, 26, 252, são pouco esclarecedoras; T. BRAGA, *Historia da Universidade de Coimbra*, Lisboa, Por Ordem da Academia Real das Sciencias, 1895, II, 576, não junta elementos verdadeiramente novos.

¹⁵ T. BRAGA, *Historia da universidade de Coimbra*, ed. cit., II, 837.

*Mater*¹⁶... Se o seu latim parece, efectivamente, estar longe das elegâncias humanísticas, não há provas do seu saber helenístico e hebraico, mas nada custa aceitar um elogio benévolo e ligeiramente retórico feito quase um século e meio depois.... já que, benevolência por benevolência, nada custa também a imaginá-lo entre os doutos alunos desse «novo milagre» que eram, segundo o elogio muito mais retórico de Clenardo, as aulas de grego do germânico Vicente Fabrício em Coimbra¹⁷... De todos os modos, Fr. Marcos terá leccionado (Teologia, em que seria Mestre?)¹⁸ no Colégio de S. Boaventura, ainda que não tivesse aspirado à «cadeira em que depois o puserão» — em que datas? —, já que, ao parecer, preferia ensinar no púlpito¹⁹. Nestes tempos — ou, pelo menos, desta experiência universitária — nasceu o *De Disciplina Christiana* que em 1587, já «episcopus portugalisensis», pensara publicar, pois são desse ano as licenças de impressão que acompanham o manuscrito (B.N.L., Cod. 564). É um compósito tratado em cinco livros, destinado, ao parecer, à doutrinação dos estudantes, centrado numa tradição que desde Tauler e, sobretudo, Ruisbroeck medita sobre o puro amor, porque *quasi obliviscamur proprium meritum et salutem, quam per virtutes quas appetimus, quaerimus, operamur, consecuturi sumus. Quoniam multu nobilior et rectori finis est, ideo operari, quia Deus id vult, et eius bonitas id poscit, quae nos ad suum amorem et obsequium maxime allicit et astringit, quam ut nobis ipsis bonum et gloriam acquiramus*. É este puro amor que explora, sobretudo, no primeiro livro que, natural e consequentemente, enforma a meditação sobre as virtudes..., a *recta puerum educatio*..., a verdadeira nobreza (*Nobilitas species quattuor vel quinque*) para concluir, depois de meditar na *Gratitudo servanda et cognitio Dei*, que dos que estudam *Christus fidei et vitae nostrae scopus*..., formulação de um tema que, como um *leitmotiv* une, através de S. Bernardo, Petrarca à *Imitatio Christi*... Recordemos, porém, que o *De Disciplina Christiana* é seguido por um *Animi vere contricti, per spetem psalmos, quos penitentiales vocant, ad Deum simplex et affectuosa precatio*, ordenada, como era bem tradicional, pelos dias da semana, que, de certo modo, o complementa.

¹⁶ Mário MARTINS, *Fr. Marcos de Lisboa e a formação universitária*, in *Brotéria*, XLI (1945), 74-81, chamou, pioneiramente como em tantos outros domínios, a atenção para esta obra do futuro bispo do Porto, bem representativa de ambientes humanísticos (tardios) portugueses.

¹⁷ M. Gonçalves CEREJEIRA, *O humanismo em Portugal: Clenardo*, Coimbra, Coimbra Edit., 1926 (Nova ed. refundida), 393; Sebastião Tavares de PINHO, *Les études du Grec à l'université de Coimbra (XVI^{ème} Siècle) en L'humanisme portugais et l'Europe* (Actes du XXI^{ème} Colloque Intern. d'Études Humanistes, Tours, 3-13 Juillet, 1978), Paris, Centro Cultural Português, 1984, 87-109.

¹⁸ Fernando da SOLEDADE, *Historia serafica*, ed. cit., V. 2, 16, 252, diz que Fr. Marcos «deu tão boa conta de Theologia Escholastica que sem controversia era singular entre os eruditos», mas não refere qualquer grau académico: Gaspar Barreiros na dedicatória que lhe dirigiu das suas *Censuras* di-lo, porém, Mestre em Teologia. (Grau ou elogio?)

¹⁹ Fernando da SOLEDADE, *Historia serafica*, ed. cit., V. 2, 16, 252.

Se não para os mesmos tempos, pois em 1557 foi guardião de S. Francisco de Viseu e cerca de 1559 da "casa nova" (fundada em 1553) de N.ª S.ª do Amparo onde veio a escrever a "segunda parte" da suas *Crônicas*, pelo menos²⁰, ao parecer, também de Santa Cristina²¹ para o mesmo ambiente de estudos, agora já só uma recordação, é bem possível nos remeta a dedicatória que a Fr. Marcos de Betâmia, mestre em Teologia, faz Gaspar Barreiros (†1574) das *Censuras sobre quatro livros intitulados em M. Portio Catam De Originibus, em Beroso Chaldaeo, em Manethon Aegyptio e em Q. Fabio Pictor Romano*, obra que urge valorizar no contexto humanístico que cerziu e admirou essa «inutil falsidade»²²... que Anio de Viterbo fez admirar à Europa. Com efeito, nessa dedicatória (Évora, 1557) o cônego de Viseu e Évora que, um pouco mais tarde, passaria de um breve noviçado na Companhia de Jesus em que entrara sob a influência do fascínio da personalidade e da palavra de Francisco de Borja, para os franciscanos em Araceli (1562)²³, reconhece doutrina e letras a Fr. Marcos para apreciar essa erudita obra escrita alguns anos havia, mas só publicada em Coimbra (João Álvares) em 1561... Curiosamente, nessas páginas, Gaspar Barreiros, aludindo «ò amor e tam inteira amizade» que, depois de, surpreendentemente, ambos se terem descoberto biógrafos do mesmo santo²⁴, o unia a Fr. Marcos, afirma largamente a sua admiração e devoção a S.

²⁰ Martinho do AMOR DE DEUS, *Escola de penitencia. Chronica da santa provincia de Santo Antonio*, ed. cit., I, 666-667; Fernando da SOLEDADE, *Historia serafica*, ed. cit. V, 2, 19, 87.

²¹ Fernando da SOLEDADE, *Historia serafica*, ed. cit., V, 2, 16, 253.

²² C. VASOLI, *Postel e il "Mito dell'Etruria"*, in *La cultura delle corti*, Bologna, Cappelli Edit., s.a. (1980), 190-218, e "*L'Homo Novus Restitutus*" di Guillaume Postel: *gli anni veneziani*, in *Filosofia e religione nella cultura del Rinascimento*, Napoli, s.a. (1988), 323-360, chamando a atenção para a importância que assumiram na cultura europeia renascentista esses escritos do Ps. Beroso, permite pensar quanto haverá que valorizar as críticas de Gaspar Barreiros em tal contexto: no entanto, nem Giovanni BAFFIONI, na sua anotadíssima edição da *Viterbiae historiae epitome. Opera inedita di Giovanni Nanni da Viterbo* nem Paola MATTIANGELLI, *Annio da Viterbo, ispiratore di cicli pittorici in Annio da Viterbo. Documenti e ricerche*, Roma, C.N.R., 1981, 11-251, 255-342, respectivamente, referem as *Censuras* de Gaspar Barreiros.

²³ Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca lusitana*, II, Lisboa, Officina de Ignacio Rodrigues, 1747 (aliás, Coimbra, Atlântida Editora, 1966), 334. Infelizmente, as páginas do Abade de Sever ainda são, no seu conjunto, o melhor estudo biográfico deste humanista.

²⁴ Gaspar BARREIROS, *Censuras sobre quatro livros intitulados em M. Portio Catam...*, Coimbra, João Álvares, 1561 (aliás, Coimbra, 1968), «Ao muito Reverendo Padre Frei Marcos de Bethamia...», s. p.: «lançarei também entam a sua conta, á publicaçam da vida do glorioso e Seraphico padre sanct. Francisco, que em Latim á muitos annos tenho começada, e mui cedo espero acabar. Na descripçam da qual concorreemos ambos, sem hum ter noticia do que fazia ó outro, se nam fora hum accidente de hũa certa comunicação e practica, que descubriu e manifestou duas tam conformes occupações...». Como nota de pura erudição, mas, talvez, pertinente no contexto da reedição que acaba de aparecer, refira-se que na B.P.A.D. Évora (Res. 534) se guarda o (ou um) exemplar das *Fioretti* (Veneza, s. i., 1509) que, como atesta a assinatura, pertenceu a Gaspar Barreiros. Curiosamente este exemplar de uma obra que Marcos de Lisboa não parece ter conhecido — ou, pelo menos, não ter utilizado —, apresenta algumas passagens riscadas num estilo que, geralmente, se identifica com "censura" inquisitorial. Assinale-se ainda que na mesma biblioteca se

Francisco, prometendo terminar, guiado pela que Marcos de Betâmia acabava de publicar nesse ano de 1557, a sua vida do *Poverello*, em latim, dedicando-a, então, ao seu melhor biógrafo²⁵. Independentemente destes episódios que entre 1557 e 1561/1562 relacionam os dois homens e as suas obras, poderia interessar perguntar aqui, porque não terá sido precisamente Fr. Marcos — quem, de acordo com um pedido do autor: «as quaes Censuras lhe peço que torne à ver e emendar, e depois publique»²⁶ deveria ter-se encarregado da sua edição — a promover a edição das *Censuras* na cidade universitária, universidade que não parece ter pesado na formação de G. Barreiros²⁷? É, por agora, uma pergunta sem resposta, já que foi o Doutor Lopo de Barros, seu irmão e herdeiro dos seus papéis, quem levou a cabo essa empresa. O mais que podemos supor — e há sempre, convirá não esquecer, um toque retórico em afirmações desse estilo — é que ele, dado o referido pedido, poderá ter sido um daqueles «algus homēs doctos» que Lopo de Barros «dixeram e ainda aconselhâram que as mandasse stampar...». É uma possibilidade... De qualquer modo, como aludiremos, Fr. Marcos, se não a conhecia já em manuscrito, deverá em algum caso — para as notícias sobre Fr. Amadeu da Silva que traz na «Tercera parte» da suas *Crónicas*, por exemplo — ter-se servido da ampla *Chorographia* de Gaspar Barreiros, texto que precede, no mesmo volume, a edição das *Censuras* a Anio de Viterbo... E seria mesmo interessante, algum dia, poder precisar as relações que os dois eruditos franciscanos portugueses poderão ter (ou não) aprofundado, pois Gaspar Barreiros, regressado de Roma, ainda viveu, ensinando e escrevendo, cerca de uma década em hábito franciscano, coincidindo durante alguns anos com Fr. Marcos na mesma província franciscana (Portugal), pois o autor das *Crónicas* só passou à de Santo António em 1568/1569... Seria um estimulante capítulo de uma possível continuação das *Crónicas* de Fr. Marcos... Lastimemos, por isso, a perda dessa biografia que, humanista, Fr. Francisco da

conserva um exemplar (Res. 248) da *Arbor vitae crucifixæ* de Ubertino de Casale com algumas anotações marginais cuja letra, quando comparada com a da assinatura que vem no rosto das *Fioretti*, poderia sugerir ter igualmente pertencido a Fr. Gaspar da Madre de Deus.

²⁵ Gaspar Barreiros, apesar de informar Fr. Marcos de Lisboa que «mui cedo [a] espero acabar», não parece que a tenha levado a cabo, pois o Doutor Lopo de Barros, seu irmão e herdeiro, na dedicatória de alguns dos «muitos papeis que [lhe] ficãram de [seu iram]» continuará a dizer, em 1560, que «à vida de sanct. Francisco [...] falta mui pouco por acabar...».

²⁶ Gaspar BARRREIROS, *Censuras sobre quatro livros intitulos em M. Portio Catam...*, ed. cit., «Ao muito Reverendo Padre Fr. Marcos de Bethamia...», s. p..

²⁷ Manuel Lopes de ALMEIDA, *Notas de história e bibliografia — I — Duas cartas referentes a Gaspar Barreiros* in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, 1 (1955), 277-282 publica duas cartas de D. Miguel da Silva, então bispo eleito de Viseu, datadas de 1528, em que o futuro cardeal se interessava junto do cabido dessa diocese pelos estudos do cônego em Salamanca, que confirmam, corrigindo-o em parte, o que sobre o assunto informa D. Barbosa Machado.

Madre de Deus — o nome de religião de Gaspar Barreiros — escrevia com essa profunda devoção que, segundo afirma, lhe fazia as vezes de furor poético²⁸.

De todos os modos foi deste ambiente de estudos que passou a cronista da sua ordem... Quando? — Seguramente entre 1547 e 1553, isto é, durante os anos em que ocupou Fr. André da Ínsua o cargo de ministro-geral da Ordem de S. Francisco e, como veremos, o encarregou de escrever as crónicas. Três anos depois (1556/1557) inicia-se a publicação dessa obra que, «notavelmente apeteçada naquelle tempo»²⁹, só veio a concluir-se em 1570.

Pelo meio, ficou, como há-de recordar Fr. Marcos no «Prólogo» da «Segunda parte» das suas *Crónicas*, uma viagem — ou viagens? —, «a pé, pedindo por amor de Deos», através da Europa, muito especialmente por Itália que, para ele, além de, seguramente, representar, enquanto franciscano, uma peregrinaçãp *ad sacra loca Sancti Francisci*, também poderia aparecer, enquanto humanista conimbricense — não discutamos aqui nem o grau nem a orientação desse Humanismo — a realização dessa viagem a Itália que devia fazer parte do *curriculum vitae* ideal de todo o humanista. Não é fácil precisar a data de tal «larga, e honrosa peregrinação» — como lhe chamará Fr. Martinho do Amor de Deus³⁰ —, mas, com certeza, sabemos, que além de se ter andado por Florença onde, no convento de S. Salvador, consultou, demoradamente, o manuscrito do *Fasciculus Chronicarum* de Mariano de Florença³¹, e que em

²⁸ Gaspar BARREIROS, *Censuras sobre quatro livros intitulados em M. Portio Catam...*, ed. cit., «Ao muito Reverendo Padre Fr. Marcos de Bethamia...», s. p.: «E tambem â muita devaçam que sempre tive à este glorioso sancto. A qual me fica em lugar de hum furor poetico, que os authores gentios no principio de suas obras desejavam, invocando quê lho mal podia dar, se ó elles o nam tiveram de sua natural suasiencia: que em mim nam â, e este bêaventurado sancto me pode alcançar com seus merecimentos...».

²⁹ Fernando da SOLEDADE, *Historia serafica*, ed. cit., V, 2, 166, 252.

³⁰ Martinho do AMOR DE DEUS, *Escola de penitencia, caminho de perfeição. Chronica da santa provincia de S. Antonio...*, I, 123-124.

³¹ Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, II, «Prólogo. Frey Marcos ao leitor»: «Estas Chronicas assi como as deixou frey Mariano, estam guardadas em o convento do Salvador dos frades menores observantes em Florença. Onde eu as tive todo tempo que me foy necessario pera tirar dellas o que compria...». Talvez possa ter algum interesse precisar que, pelas datas em que Marcos de Lisboa esteve em Florença — entre 1547 e 1555 —, o convento do Salvador ainda não se tinha fixado definitivamente no central convento de Ognissanti, o que, ao parecer, só veio a acontecer em 1561, por influência de Pio IV. Na verdade, depois de 1529 até essa data (1561), os observantes que estavam em S. Salvador do Monte de Florença, por vicissitudes várias (guerra, instabilidade dos terrenos em que está implantado o convento, etc.) andaram entre essa casa, Ognissanti e Santa Catarina, sem, contudo, nunca ter abandonado esse velho convento e a sua elegantíssima igreja em que interveio Giuliano "Il Cronaca". É certo que já em 1537, por insistência de Fr. Francisco Pardo «spagnuolo, uomo astuto, e gran negoziante», pretenderam alguns frades instalar-se, definitivamente, em Ognissanti, mas apenas conseguiram que ficassem alguns em Ognissanti (partilhando as instalações com os beneditinos Umiliati), outros em Santa Catarina, governados por um único guardião — residente em S. Salvador do Monte —, com um vigário em Santa Catarina, que, em 1532-1533, foi Fr. Dionísio Pulinari († 1582). Em S. Salvador do Monte viveu, morreu e foi sepultado Mariano de Florença († 20.7.1523). Deste modo, tudo parece indicar que Fr. Marcos se

outro momento — entre 1553 e 1555?³² — encontrou em Roma — onde visitou alguns lugares que as tradições relacionavam com S. Francisco — o Padre Luis Gonçalves da Câmara — que viria a ser o redactor do *Memorial* de Inácio de Loyola — e quem, como Fr. Marcos confessará mais tarde (1576), recebeu, então, um exemplar das laudes de Jacopone da Todi³³. Depois de Roma, terá andado por Assis e na Porziuncola, pois aí, como parece insinuar («Segunda parte», «Prologo», s. p.) terá ouvido ler — ou apenas terá sabido que se lia? — o «*Specchio de frati minori*, e que cômumente se chama *Francisquina*» de G. Oddi «em comunidade»³⁴. Sem grande violência podemos ainda admitir que esteve em Greccio, pois a menos que esteja a fazer sua qualquer fonte literária, a visão que oferece do lugar — «este oratorio está no valle da Riete pegado a hum alto monte e montanha, como hum ninho de passarinhos, a qual montanha he muy

demorou em S. Salvador do Monte, onde, aliás, igualmente, esteve o autor destas notícias, o mesmo Fr. Dionísio Pulinari, também ele compilador e abreviador de quanto escreveu Mariano de Florença sobre franciscanos e conventos toscanos. Dionísio PULINARI, *Cronaca dei frati minori della provincia di Toscana. Secondol'autografo d'Ognissanti*. Ed. del P. Saturnino Mencherini, Arezzo, Cooperativa Tipografica, 1913, 221-225.

³² Francisco RODRIGUES, S. J., *Historia da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, 1, 2, Porto, Livraria do Apostolado da Oração, 1931, 73-81 informa que Luis Gonçalves da Câmara esteve em Roma entre 1553 e 1555 — ano em que regressou a Portugal — e, de novo, entre 1558 e 1559. Ora, como Fr. Marcos alude, pela primeira vez, à sua viagem no «Prologo» da «Segunda parte» das *Crônicas* (1562), parece aceitável deduzir que por aí andou por esses anos, ainda que sabendo que em 1557 — ano em que apareceu a «Primeira parte» da sua obra — era guardião de Viseu, possamos sugerir que essa «honrosa peregrinação» se terá realizado antes dessa data, quer dizer, que teria coincido com Luis Gonçalves da Câmara em Roma entre 1553 e 1555. É certo, porém, que Fr. Marcos, no «Prologo» da «Tercera parte» das *Crônicas* (1570) volta a aludir a viagens para recolher «informaciones fidedignas» para a sua obra para só escrever o «muy averiguado». Uma nova viagem? Nesse caso poderia voltar a encontrar-se como referente o seu encontro com Luis Gonçalves da Câmara, pois, como dissemos, este voltou a Roma entre 1558 e 1559... Cremos, contudo, dada a polémica em torno das suas *Crônicas*, talvez seja mais correcto ver nessa nova alusão da «Tercera parte» uma reiteração de uma recordação necessária para garantir o seu desejo de acertar. De qualquer modo, Fr. Marcos estava em Salamanca em Abril de 1568, pois de 20 desse mês data a su dedicatória da «Tercera parte» à infanta D. Maria de Portugal... Mesmo «ao redor da porta» é esta ainda uma nova viagem...

³³ Marcos de LISBOA «Ao muyto R. P. Luys Gonçalvez da Camara, da Companhia de Jesus, confessor e Mestre del Rey nosso senhor...»: «Bem lembrará a v. R. que em Roma me deu os canticos italianos do bemaaventurado f. Jacopone frade menor, pera que com elles me consolasse e esforçasse na peregrinação que então fazia por causa da historia da nossa ordem. E verdadeiramente eu recebi delles os effectos que me V. R. me prometeo. E vi com quanta razam os padres de sua sancta companhia se servem e aproveitam de sua familiar liçam. Agora os torno a v. R. em romance...» in *Canticos morales, spirituales y contemplativos compuestos por el Beato Jacopone de Tode, frayle menor...*, Lisboa, Francisco Correa, 1576, s.p..

³⁴ Efectivamente, parece ter sido em Porziuncola que Marcos de Lisboa conheceu *La Franceschina* que refere no «Prologo» da «Segunda parte» das *Crônicas* e, depois, como veremos, em mais algum lugar dessa sua obra. Ora, como é bem sabido, G. Oddi inclui na obra uma série de laudes de Jacopone da Todi, circunstância que não permitiria a Fr. Marcos insinuar em Roma, aquando da oferta de um volume delas pelo Padre Câmara, que as não conhecia. Logo, só depois de Roma deverá ter-se dirigido à Porziuncola.

alta, assi por baixo como pera cima do mosteyro, e muy a pique» (II, 1, 57) — dir-se-á denotar a observação directa — pessoal e «impressionista» — da paisagem... E se o affecto pode servir de prova, «ahy està inda a capelinha do tempo de o Padre S. Francisco»... e «hum alpendre pobre com hũa mesa de pao, inda do tempo do Padre S. Francisco e otras casinhas pequeninas como cellinhas, todas ao longo da rocha...» (II, 1º, 57) que bem podem traduzir a sua emoção perante esse lugar e essas relíquias. Só depois de visitar alguns conventos capuchinhos da Úmbria franciscana, terá partido para Milão e lá, de acordo com o que informa Bernardino da Colpetrazzo, consultou o abundante material que o capuchinho Fr. Francesco da Canobio tinha recolhido sobre «l'orme di nostro Padre S. Francesco» e que nunca tinha logrado publicar³⁵. Talvez tenha andado por Pádua..., pois há alguma alusão que poderá, como veremos, interpretar-se nesse sentido. De Milão, de acordo com o que informa ainda Bernardino da Colpetrazzo, teria partido para Portugal. Mas, por onde terá andado em França..., em parte da Alemanha..., em Espanha? De qualquer modo, para as suas *Crónicas* não só buscou e deixou documentos, mas também, como havemos de ver, recordações, que, para nós hoje, são, a seu modo, igualmente, preciosos testemunhos.

Aludiremos às circunstâncias e ao contexto cultural desse magno empreendimento que foi a publicação das suas *Crónicas*, mas convirá reiterar aqui que, como se deduz sem dificuldade, a preparação desse monumento veio a pô-lo, naturalmente, em contacto — que ele, aliás, teve por imprescindível — com ambientes e obras franciscanos, muitas das quais, então, completamente desconhecias³⁶, revelação que o incitou a traduzir e a editar muitas delas quer,

³⁵ Bernardino da COLPETRAZZO, *Biographiae selectae* (LVIII — *Del sancto huomo Fra Francesco da Canobio, sacerdote*) in *Monumenta historica ordinis minorum capuccinorum*, 3, Assisi, Collegio S. Lorenzo da Brindisi, 1940, 375-377 (376); Mariano D'ALLATRI, *Tipologia della santità cappuccina da una riletatura delle "Vitae Fratrum" del Colpetrazzo in Uomini di Dio al seguito di Francesco*, Roma, Istituto Storico dei Cappuccini, 1995, 175-210 (183).

³⁶ Entre estas, apesar de delas existir alguma tradição em Portugal, deverão contar-se esses "Cantos Italianos" (*Laude*) de Jacopone da Todi que, como já sabemos, o jesuíta Luís Gonçalves da Câmara, S.J., lhe «revelou», com vivas recomendações, em Roma, livro que, como, sem violência, pode deduzir-se da dedicatória da tradução castelhana (Lisboa, 1576) Fr. Marcos, então, completamente desconhecida. (Sobre a divulgação de Jacopone da Todi em Portugal, v. José Adriano de Freitas CARVALHO, *Nas origens dos jerónimos na Península Ibérica: do franciscanismo à ordem de S. Jerónimo — O itinerário de Fr. Vasco de Portugal*, Porto, 1984, 98-104; Mário Martins, *Laudes e cantigas espirituais de Mestre André Dias*, Lisboa, Ramos, Affonso e Moita, 1951). Talvez seja o momento de lembrar que Jacopone da Todi, editado em 1576 numa sequência de *ars orandi*, era, segundo Fr. Marcos nessa dedicatória a Luís Gonçalves da Câmara, leitura na Companhia, o que, depois de, por sua vez, ter lido o turdetino, o cronista franciscano bem compreendia: «E vi com quanta razam os padres de sua santa Companhia se servem e aproveitam de sua familiar liçam»... A Pedro LETURIA, *Lecturas ascéticas e lecturas místicas entre los jesuitas del siglo XVI e Cordeses, Mercuriano, Colegio Romano y lecturas espirituales de los jesuitas en el siglo XVI*, in *Estudios ignacianos*, Roma, 1957, 269-331 e 333-377, respectivamente, parece ter escapado este autor e esta familiaridade.

como havemos de ver, no corpo das *Crónicas* quer em edições autónomas... É um empreendimento notável — como teria sido a edição portuguesa desses textos se não tivesse sido assim? — que resulta da sua documentação e se integra plenamente na renovação vigiada e vigilante da história da espiritualidade — e da cultura — na segunda metade de Quinhentos em Portugal (e na Europa tridentina). Autonomamente fez editar, em tradução, textos autênticos ou apócrifos de S. Boaventura³⁷..., de Jacopone da Todí — além da vasta antologia inserida nas *Crónicas* (II, Ap. fin.) há-de vir a favorecer a sua edição integral em 1576..., — dos *Exercícios, e devota meditação da vida e paixão de nosso senhor Jesu Christo*..., do Ps.-Tauler (Viseu, Manuel João, 1571) e do *Livro Insigne das Flores e perfeições das vidas dos gloriosos santos do Velho e Novo Testamento* (Lisboa, Francisco Correa, 1579) de M. Marulo, essa «instituição da vida religiosa» em que, com o apoio abundantíssimo de *exempla* e meditações tiradas do Velho Testamento e, sobretudo, de J. Cassiano, se vai meditando no desprezo das coisas terrenas..., nos modos de orar..., no silêncio..., nas principais virtudes..., nos Novíssimos..., e na vinda do Anticristo³⁸... E bem poderia ter sido do seu círculo e por sua inspiração que surgiu em 1561 (Lisboa, João Blávio de Colónia) a tradução da *Filomena* de João Pecham, então atribuída a S. Boaventura³⁹. Pelas datas dessas edições de algumas obras de S. Boaventura, do Ps.-Tauler e de M. Marulo, já, porém, Fr. Marcos tinha deixado há muito o provincialato da província franciscana de Portugal e ingressado na recém-criada província de Santo António da «mais estricte observância» (dela foi logo o segundo provincial)⁴⁰ e acompanhando D. Sebastião durante os três meses e meio que durou a primeira jornada de África (1574)... Então, aí, em consequência da irritação do rei para com D. António Pinheiro, bispo de Miranda, lhe foi oferecida esta diocese, já que a ela,

³⁷ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Das edições de S. Boaventura em Portugal nos séculos XVI, XVII e XVIII. Semântica de uma influência na história da espiritualidade portuguesa*, in *A.I.A.*, XLVII (1987), 131-159.

³⁸ Trata-se da tradução do *De religiose vivendi Institutione per exempla ex Veteri Novaque Testamento collecta: ex autoribus quoque divo Hieronymo presbitero, beato Gregorio pont. max., Eusebio Caesariensi episcopo, Iohanne Cassiano eremita, nonullisque aliis vitas conscripsere sanctorum*, Colonia, 1531, curiosamente também de grande aceitação entre as primeiras gerações da Companhia, como assinala P. LETURIA, *Lecturas ascéticas y lecturas místicas entre los jesuitas del siglo XVI*, in *Estudios ignacianos*, ed. cit., 300.

³⁹ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Das edições de S. Boaventura em Portugal nos séculos XV, XVII e XVIII. Semântica de uma influência na história da espiritualidade portuguesa*, in *A.I.A.*, XLVII (1987), 131-159 (137-138).

⁴⁰ Fr. Martinho do AMOR DE DEUS, *Escola de penitência. Chronica da santa provincia de Santo Antonio*, ed. cit., I, 123-124. Poderia perguntar-se se esta passagem de uma província da Observância regular (Portugal) para outra «da mais estreita observância» (Santo António) não poderá ter sido ditada pelo fascínio que sobre Fr. Marcos poderá ter exercido a reforma capuchinha, com que, como sabemos, contactou em Itália. Mais tarde teremos ocasião de apontar a importância que concedeu à forma do hábito capuchinho.

momentaneamente, é certo, renunciara, o mestre do príncipe... Aliás, ao parecer, sem que saibamos bem quais, já lhe teriam sido propostas duas mitras, dessas tão pouco atractivas como, então, normalmente rejeitadas, isto é, ultramarinas⁴¹... O Porto veio, um pouco mais tarde, em 1581 e, segundo conta Fernando da Soledade, em consequência do "desencontro" real com o primeiro candidato ou, segundo outros, por intrigas palacianas que desse "desencontro" de urbanidades se teriam aproveitado⁴². Talvez não devesse repetir-se, pois, de acordo com Fr. António da Piedade, não se lhe vislumbram ânsias de bispar, mas poderia, na sequência de ofertas e veneras, glosar-se o célebre dito de Catarina de Áustria acerca de Fr. João Calvo: «El frayle [teima] en ser obispo...». Eleito em 1581, sagrado em 1582, do seu governo da diocese convirá destacar que, bispo assiduamente residente⁴³, continuou a ser frade observante com especial atenção aos pobres⁴⁴ — cremos não ser apenas um tópico da hagiografia do bispo ideal desses tempos —, o seu gosto por obras — casas e jardins —, um gosto que, já manifestado em alguns conventos em que fora prelado⁴⁵, se exaltava agora com maiores posses⁴⁶, e o seu empenho na aplicação da reforma tridentina convocando o sínodo diocesano (1585),

⁴¹ Fernando da SOLEDADE, *Historia serafica*, ed. cit., V, 2, 16, 254.

⁴² Fernando da SOLEDADE, *Historia serafica*, ed. cit., V, 2, 16, 255; D. Rodrigo da CUNHA, *Catálogo e historia dos bispos do Porto*, ed. cit., II, 39, 385; o anónimo compilador das chamadas *Memórias biográficas e anedóticas da corte*, que C. L. Lund editou (*Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista. Istórias e ditos galantes que sucederão e se disserão no paço*, Coimbra, Liv. Almedina, 1980), conta (n.º XCVII da ed. de C. L. Lund) como escolheram Fr. Marcos de Lisboa para bispo do Porto..., relato que, correspondendo ao que trazem os cronistas seráficos, acentua a parte que o capelão-mor, D. Jorge de Ataíde, terá tido em afastar o primeiro escolhido, quer dizer, o guardião do convento de Santa Cita.

⁴³ Marcos de Lisboa, já bispo do Porto, para além do contexto cultural do seu tempo empenhado em fazer cumprir o dever de residência episcopal, bem poderia recordar-se do que contara nas suas *Chronicas* (II, 9, 34): «O Summo Pontifice Gregorio undecimo, sentindo as continuas guerras, e tyrantias que havia em Italia, por causa da ausencia dos Summos Pontifices, começou de pensar em restytuir a residencia da Sede Apostolica a Roma, onde foy seu principio e estado. E acabarão de o mover a isto as palavras de hü bispo, o qual reprehido do Papa, porque se não hia pera seu Bispado, que não era justo que tanto tempo estevesse sem pastor, o bispo lhe respondeo: Porque vós summo Pontifice, que aveis de dar exemplo aos outros, vos não his a vosso Bispado e Igreja Romana? Pollo qual o Papa se determinou passar logo a «Roma».

⁴⁴ Fernando da SOLEDADE, *Historia serafica*, ed. cit., V, 2, 16, 256; D. Rodrigo da CUNHA, *Catálogo e historia dos bispos do Porto*, ed. cit., II, 39, 338.

⁴⁵ Fernando da SOLEDADE, *Historia serafica*, ed. cit., IV, 5, 15, 668-669, lembra, entre outras, as obras que Fr. Marcos mandou fazer no convento de Nossa Senhora do Amparo ou Casa Nova.

⁴⁶ Fernando da SOLEDADE, *Historia serafica*, ed. cit., V, 2, 16, 256, recorda as obras na Quinta do Prado, obras que D. Rodrigo da CUNHA, *Catálogo e historia dos bispos do Porto*, II, 39, 338, diz consistiram «em abrir muy fermosas fontes, plantar pomares e ruas de arvoredo com casas bastantes para os prelados ahi se poderem ir a recrear», como gostava de fazer o próprio Fr. Marcos quando se sentia cansado dos trabalhos do governo.

reformando, em consequência, as *Constituições* do bispado e reorganizando a distribuição paroquial da cidade⁴⁷...

Quando em Setembro de 1591 é enterrado na capela da Senhora da Saúde na Sé do Porto, capela que ergueu para sepultura sua e de seus sucessores, deixava a imagem de uma intensa actividade intelectual centrada, antes de mais, na afirmação da história da sua ordem, na renovação da espiritualidade ao longo dos séculos..., já que a maior parte dos textos que traduziu e divulgou não era mais do que um modo de sublinhar, através dos seus "clássicos", a actualidade dessa renovação... Sobretudo com as suas *Crónicas*..., essa obra que Gaspar Barreiros, colocando-a nas tradições literárias e espirituais de que, como humanista, sabia podia reclamar-se, justificava plenamente, porque «assi como o exemplo da obra tem mais efficacia que o da palavra, assi a vida que os sanctos fizeram em serviço de Deos e proveito dos proximos, tem mais vigor e efficacia que os sermões e homilias que elles mesmos screveram. Porque na scriptura de suas vidas se acham altos exercicios de oraçam, grande abstinencia de jejuns, muita aspereza e mau tractamento da carne, singular desprezo do mundo, humildade profunda, subjectissima obediencia, continuas vigílias, piadosas peregrinações, frequente communicaçam dos sacramentos e outras cousas semelhantes que fazem mais operaçam e movimento nos corações humanos, do que podem fazer as palavras de hum perfecto orador»⁴⁸.

Valerá a pena recordar que as *Crónicas da Ordem dos Frades Menores*, apesar das duas reedições da «Primeira parte» no século XVI (1567, 1587) e da importante reedição que, com alguma ligeira adaptação, deu, em 1615, Fr. Luís dos Anjos, não mereceram, entre nós, a atenção que lhes votaram pela Europa? Inclusivamente, ainda hoje, alguns elencos bibliográficos de literatura portuguesa não registam a sua existência..., que, no entanto, se não pode acolher-se ao nacionalismo de uma *História de S. Domingos* que, talvez, só por Fr. Luís de Sousa a dizer *particular do reino de Portugal e suas conquistas*... teria direito de registo, não é mais «geral» do que a *Crónica de Cister* de Fr. Bernardo de Brito e que sempre se regista⁴⁹... Por outro lado, cremos nunca ter merecido mais atenção do que a dos elogios..., apesar de ter sido incluída no imerecidamente célebre, mas ao parecer definitivo, *Catálogo dos Livros que se*

⁴⁷ Fernando da SOLEDADE, *Historia serafica*, ed. cit., V, 2, 16, 256; D. Rodrigo da CUNHA, *Catálogo e historia dos bispos do Porto*, ed. cit., II, 39, 338. Firmino PEREIRA, *A justiça de Fr. Marcos*, in *O Porto de outros tempos*, Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão, 1914, 231-256, anota a sua acção pastoral e a justiça que sempre procurou guardar a todos, de que poderia ser uma boa mostra o rigor com que procedeu contra um clérigo e um servente da catedral que exploravam um negócio de "casos reservados" de confissão.

⁴⁸ Gaspar BARREIROS, *Censuras sobre quatro livros intitulados em M. Portio Catam*..., ed. cit. in *Dedicatoria*, s. p.

⁴⁹ É o caso, por exemplo, de Massaud MOISÉS, *Bibliografia da literatura portuguesa*, S. Paulo, Ed. Saraiva, 1968, obra ainda útil.

hão-de ler para continuação do Dicionário da Língua Portuguesa, mandado publicar pela Academia das Ciências de Lisboa (Lisboa, 1799) e de algum mestre, como Francisco José Freire, confirmar que, apesar de não possuir aquele "aticismo" da língua portuguesa que se admira nos clássicos [João de Barros..., Luís de Sousa..., Bernardo de Brito...] «merece, contudo o elogio que lhe fez D. Francisco Manuel de Melo na Carta 1.^a da IV Centuria chamando-lhe "muito eloquente"»⁵⁰... Apesar de fraca, talvez a razão mais funda pudesse ser, como verificaremos, a pouca atenção que, um tanto inexplicavelmente, concedeu às coisas franciscanas portuguesas e ter publicado a «Terceira parte» em castelhano... Esta opção que costuma ser hoje uma razão de peso para uma exclusão, já se disse ter sido, curiosamente, um motivo mais por que Filipe II dele se teria lembrado para bispo do Porto⁵¹...

Recordemos apenas que a «Primeira parte» das *Crónicas* se publica em Lisboa, por João Blávio, em 1557, dedicada a D. João III, a quem os franciscanos, como, aliás, todas as ordens religiosas, tanto deveram; que a «Segunda parte» aparece igualmente em Lisboa pelo mesmo editor em 1562, dedicada a Catarina de Áustria, e que a «Terceira parte», ligeiramente "censurada" pela Ordem⁵² — facto este último que Fr. Marcos, ainda que o constate, não parece ter mesmo pensado em largamente justificar — em Salamanca, por A. de Cánova, em 1570, com dedicatória, datada de 20.4.1568, à infanta D. Maria⁵³... Ao fechar do «Prólogo» desta terceira parte, o cronista que

⁵⁰ Francisco José FREIRE, *Reflexões sobre a língua portuguesa*, Lisboa, Typographia do Panorama, 1863 (2.^a ed.), 9; D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca lusitana*, III, Lisboa, Officina de Ignacio Rodrigues, 1752 (aliás, Coimbra, Atlântida Editora, 1966), 408 também traz este mesmo elogio. Havemos, porém, que confessar que não o encontramos na referida carta de Manuel de Melo, mas, sim, na epístola dedicatória «à venerável Provincia da Arrábida» de *El mayor pequeño. Vida, y muerte del serafín humano Francisco de Assis*, Lisboa, Manuel da Silva, 1646, em que lembra igualmente a «Vida» de Gaspar Barreiros, e que depois passou a integrar as *Cartas familiares*, mas na II^a Cent., I.

⁵¹ D. Rodrigo da CUNHA, *Catálogo e historia dos bispos do Porto*, ed. cit., II, 39, 337, a propósito da eleição de Fr. Marcos por Filipe II diz que este já conhecia Fr. Marcos por ter feito imprimir a terceira parte da *Crónica* em castelhano, sem que das suas palavras se possa deduzir, como já se tem pretendido, que a escrevera ou publicara nessa língua por ordem ou a pedido do rei Prudente.

⁵² Quanto à "censura" a que foi submetida a «Terceira Parte», convirá esclarecer que esta terá partido da própria Ordem que, como diz o examinador F. Juan de Vega, desejará «más fundamento y autoridad de muchos milagros, revelaciones y visiones que se encuebran en él» [libro]; por isso, esclarece, «hanse quitado muchas destas cosas que tenían sabor a apocryphas e que lo que queda se puede imprimir debajo de pia edificación»..., reservas estas que não impediram que Fr. Juan Reinoso, guardião de Salamanca, e Fr. Alonso Gutierrez declarassem, finalmente, como era justo, que «es obra dignissima de ser impressa e leída»...

⁵³ Será de algum interesse lembrar, a propósito desta dedicatória, que Fr. Marcos nesta "história da observância" que são as suas *Crónicas*, estabelece, como uma certa confirmação desse revigorar e estender da observância da Regra em seus dias, um certo paralelismo entre a acção de D. Afonso II, da rainha D. Urraca sua mulher e da infanta D. Sancha a favor da recentíssima e "observante" fraternidade de Francisco e a acção de D. João III, da rainha D. Catarina de Áustria e da infanta D.

já tinha aludido «aos muchos trabajos, peregrinaciones, vigiliass, contradicciones, y otras muchas fatigas, por buscar ajuntar y, componer esta sancta historia», acena, depois, como que dando a deixa, a que «desde estos tiempos [i.é, dos anos em que termina essa parte] se podrá comenzar la quarta parte, quando Dios fuere servido que se haga»... Um certo cansaço? De qualquer modo, essa «Quarta Parte» que já não será obra de Fr. Marcos, se bem que se perfile no seu espírito⁵⁴ e se apoie em alguma da documentação que Fr. Marcos tinha reunido, foi levada a cabo por Fr. António Daza, e publicada em Valladolid em 1611, por Juan de Godines de Millis e Diego de Córdova que a dedicaram a Filipe III. Nela deu largamente lugar Fr. António Daza à acção evangelizadora dos franciscanos nos tempos modernos, dimensão a que Fr. Marcos, porque só leva as suas *Crónicas* até cerca de 1517-1525, não pôde ou não quis senão acenar e, mesmo assim, privilegiando uma visão que poderíamos dizer medievalizante. Pela vastidão cronológica — dos tempos de S. Francisco até cerca dos fins do primeiro quartel do século XVI — e pelos propósitos, a obra de Marcos de Lisboa pode considerar-se, sem discussão, a primeira história geral da ordem seráfica. Tal como está concebida pode aparecer-nos hoje como um resultado de um confronto e um prolongamento de similares tentativas anteriores... Só o foi, porém, até certo ponto e, curiosamente, não no momento em que foi planeada..., já que algumas das obras que poderiam ter suscitado esse confronto e o desejo de, até certo ponto, as continuar, dele eram, como se depreende do modo como as utilizará ou do conhecimento que delas revelará, completamente ignoradas... À partida, Fr. Marcos não conhecia as tentativas mais recentes — dos fins de 400 e dos começos do século seguinte — de escrever uma história geral da

Maria a favor da "observância" renovada.

⁵⁴ Com profunda nostalgia diante do que foram tantas glórias da Ordem rematadas pelo turco (p. ex. na Bósnia, IV, I, 10) ou pelos huguenotes, calvinistas, etc. (p. ex., na Hibernia, na Saxónia, na Escócia... IV, I, 9, 10, 11) em Argentina (Germânia) que *de tan perdida para conservarse en ella los frayles que sustentan en la fe los christianos dan el hábito a los niños de ocho y nueve años...* (IV, I, 10) ou ainda pelos hereses (p. ex., na Hungria, na Lituânia), Fr. António Daza repassa, retomando muitos dos fios do *De Conformitate* e repetindo algo do já tratado por Fr. Marcos, os últimos tempos antes da missionação na Índia e nas Índias... É uma espécie de resumo atualizador e introdutório em que, muitas vezes, os mesmos dados são trabalhados desde perspectivas diferentes para estabelecer, como já fizera Marcos de Lisboa, números e listas de bispos, doutores, mártires, santos, varões ilustres, reis e príncipes que protegeram ou se filiaram na Ordem de S. Francisco. Só depois passa, sem esquecer o fio condutor dos capítulos gerais, mas ressaltando, em primeiro lugar, o ministro eleito para a história da expansão universal da Ordem expressa na acção evangelizadora no Oriente e no continente americano... Às vezes nota-se que escreve apressadamente, que lhe urge chegar aos seus dias..., o que, por vezes, o leva a sintomáticas distrações..., como aquela de Fr. *Alvaro de Planctu Ecclesiae, obispo Silvense y cardenal de la sancta Iglesia romana* (IV, I, 12). De todos os modos, a *Quarta Parte* será sempre, pese a precisões e correcções, um manancial de primeiras notícias e de nomes cimeiros concernentes à vastíssima actividade missionária dos franciscanos, o que por si só bem justificaria, a nosso juízo, a sua inclusão numa futura "Biblioteca Sacra e Missionária" como complemento das três partes de Marcos de Lisboa que nele se sentiria, cremos, plenamente homenageado.

ordem, qualquer que fosse a sua finalidade última, como a desse *Specchio dell'Ordine dei Minori*, vulgarmente dito *La Franceschina*, que Giacomo Oddi terminou cerca de 1470, em que a história vem, globalmente, posta ao serviço da ilustração das virtudes de Francisco e de seus filhos... Com efeito, é ainda, até certo ponto, esse desejo, presente já nas antigas "fontes", inclusivamente na *Legenda Mayor* de S. Boaventura e profusamente glosado por Bartolomeu de Pisa no *Liber conformitatum vitae beati Francisci ad vitam Iesu Christi*... — mais vulgarmente dito *De Conformitate*... — de fazer ver a «conformidade» de Francisco com Cristo e dos autênticos franciscanos com Francisco, e não a disposição cronológica que orienta o trabalho de G. Oddi. Ignorava ainda, e dela cremos não se serviu, a *Chronica Fratrum Minorum Observantiae* que, cerca de 1480 igualmente, redigiu Fr. Bernardino Amici da Fossa (Bernardino Aquilano...); só mais tarde conheceu — e utilizou abundantemente — os cinco livros do *Fasciculus Chronicarum Ordinis Minorum* em que, no primeiro quartel do século XVI, Mariano da Firenze tratou a história da ordem até cerca dos fins de Quatrocentos... Menos fácil lhe seria saber da existência da *Chronica* em que Nicolau de Glassberger de Morávia († depois de 1508) tratou da vida da ordem até cerca de 1485⁵⁵...

Não parece, portanto, ilegítimo afirmar que não terá sido o desejo de continuar ou aperfeiçoar tal género de obras que determinou Fr. Marcos a empreender as suas *Crónicas*..., incomparavelmente mais vastas do que as anteriores. Mas foi, cremos, o sentido da necessidade a que essas, a seu modo, respondiam que o deverá ter levado, a ele pelos vistos já de noviço inclinado a ler «as chronicas da ordem e livros em que se tratava de religiosos della» — mesmo que pudesse ter sido inventada *a posteriori* é explicação bem verosímil⁵⁶ — a meter ombros à empresa... E que esta empresa era, como já aludimos, algo «notavelmente apetecido naquelle tempo»..., confirma-nos o próprio Fr. Marcos na dedicatória da primeira parte das *Crónicas* a D. João III... Com efeito, ao declarar — «encontrando-me há alguns annos entre pessoas a que V. A. encarregava ordenar esta hystoria de nossas chronicas, ainda que entam era moço na religiam [...] fiquei cheo com estes desejos que N. Senhor me chegasse a tempo e me desse algüas forças com que eu pudesse fazer algüa cousa nesta obra»..., não só confirma, de algum modo, esse gosto pela história da Ordem, mas também nos esclarece sobre as tentativas, feitas por encargo real, de escrever a história da ordem franciscana... Não podemos, hoje, saber com precisão algo sobre esse grupo encarregado do trabalho, nem se o que, então, se propunham correspondia ao que Fr. Marcos veio depois a realizar..., mas o que mais interessa por agora é assinalar que vinha sendo sentida a necessidade dessa

⁵⁵ Sobre estes momentos da historiografia franciscana, Stanislao da CAMPAGNOLA, *Le origini francescane come problema storiografico*, Perugia, Univers. degli Studi, 1979 (2.ª ed.), 94-98.

⁵⁶ D. Rodrigo da CUNHA, *Catálogo e historia dos bispos do Porto*, ed. cit., II, 39, 334.

crónica em tempos em que com alguma serenidade e, como se aceitará facilmente, com alguma parcialidade observante, se podia escrever a história em que, pese a tudo, transparecia a constância e triunfo do autêntico espírito de Francisco. À falta de outras razões explícitas e positivas, todas estas motivações parecem suficientes quer para mover a ordem quer para interessar o apoio desse rei — sempre preocupado, quase como por princípio, com a reforma — num contexto mais amplo de historiografia de conquistas e descobertas em que, por essas datas, se empenhavam F. Lopes de Castanheda com a *História da Descoberta e Conquista da Índia pelos Portugueses* (Lisboa, 1551-1562), J. de Barros cujas *Décadas* (da Ásia) são de 1552-1563 e, um pouco mais tardiamente, mas ainda contemporaneamente à publicação do trabalho de Fr. Marcos, Jerónimo Osório com o *De Rebus Emmanuellis Gestis* (Lisboa, 1571)... Será violento pensar que, para um momento em que a historiografia das ordens religiosas, entre nós, não pode ainda ser verdadeiramente evocada como contexto⁵⁷, as glórias não só do apoio dado à elevação de Fr. João Calvo († 1546)⁵⁸ a ministro-geral da Ordem — um curso favorecido pela coroa portuguesa e que tanto protegeu algumas reformas de *stricta observantia* em Portugal⁵⁹ —, mas também de ter Portugal alcançado o supremo poder da Ordem com a elevação, em capítulo em Santa Maria dos Anjos (Porziuncola) de Fr. André da Ínsua a ministro-geral (1547-1553) tivessem o seu peso na decisão de escolher um português para levar a cabo essa obra «notavelmente apeteçada»? Sabemos, aliás, por expressa declaração sua, ter sido Fr. André da Ínsua que o encarregou de levar a cabo as *Crónicas*⁶⁰, o que lhe conferia, até certo ponto, um

⁵⁷ Deverá recordar-se que até 1557 apenas os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho tinham publicado a única obra de que o género poderia reclamar-se entre nós: *Chronica da fundaçam do mosteyro de Sam Vicente dos conegos regrantes*, Coimbra, Mosteiro de Santa Cruz, 1538, pois a *Coronica de la Orden de Predicadores* por Fr. Juan de la Cruz, O.P., só virá publicada em 1567 (Lisboa, Manuel João) e a *Primeira Parte do Compendio de Chronicas da ordem da muito bemaventurada sempre virgem Maria do Monte do Carmo* por Fr. Simão Coelho, O.C., em 1572 (Lisboa, António Gonçalves).

⁵⁸ Dionisio PULINARI, *Cronaca...*, ed. cit., 113 di-lo falecido em Trento onde assistia ao Concílio.

⁵⁹ Sobre Fr. João Calvo (*de Calvo corsica oppido*, seg. L. Wadding, *Annales Minorum...*, Romæ, Typis Barnabo e Lazarini, 1740. l. XVIII, 4, n.º VII; 7, n.º XI; 47, n.º XVIII; 54, n.º XXXVII; 71, n.º VII; 84, n.º I; 115, n.º VII; 220, n.º III) e a sua actividade em Portugal vide F. Félix Lopes o fundamental ensaio dedicado a Fr. André da Ínsua, *Geral dos observantes franciscanos*, in *A.I.A.*, XII (1952), 5-80. Conf. ainda A. Daza, *Quarta Parte de la Chronica de S. Francisco y de su seraphica Orden...*, Valladolid, 1611, Liv. III, caps. 34 e 35.

⁶⁰ Fr. André da Ínsua, então Comissário Geral, na carta de aprovação das *Crónicas* que em 16-IX-1556 escreve a Fr. Marcos e que vem entre os preliminares da primeira edição, declara expressamente que a obra foi levada a cabo por seu mandado; L. WADDING, *Scriptoris ordinis minorum*, Roma, Ed. A. Nardecchia, 1906, 167, confirma tal informação; curiosamente, o inesquecível P. Fernando Félix Lopes no seu fundamental ensaio dedicado a Fr. André da Ínsua, *Geral dos observantes franciscanos*, in *A.I.A.*, XII (1952), 5-80, diz crer que a ele se deve a escolha de Fr. Marcos para cronista das glórias franciscanas... Quais seriam as razões de alguma dúvida do grande mestre da história franciscana portuguesa?

tom de oficialidade... De qualquer modo, apesar de ser um tanto estranho o silêncio de Marcos de Lisboa sobre o caso, parece em estas circunstâncias nacionais e internacionais precisas que ditam a eleição e favorecem o desenvolvimento de uma obra que, esperar-se-ia, talvez, pelos seus propósitos de história geral, fosse escrita numa língua geral — o latim, como o próprio contexto da cultura europeia como que exigia... Ao fazê-lo em português e depois em castelhano, Fr. Marcos, mesmo que pensasse na utilidade imediata dos leitores peninsulares, contribuía, sem negar tradições anti-intelectualizantes próprias da Observância que favoreciam ou obrigavam à utilização das línguas vulgares⁶¹, para uma exaltação da língua portuguesa bem em consonância com o contexto cultural..., deixando à tradução⁶² — e foi traduzida em espanhol..., italiano..., francês..., alemão..., polaco..., inglês⁶³... —

⁶¹ Com efeito, poderá sugerir-se que a tradução de obras como a *Chronica XXIV Generalium* para o castelhano e depois para o português..., das fontes franciscanas compiladas no *Floreto de Sant Francisco* para castelhano, português e catalão..., pode ter sido ditada por razões de tornar acessíveis tais textos a tantos — e teriam sido, muito provavelmente, a maioria durante algum tempo — que nas primeiras décadas da Observância, leigos e "idiotas", não sabiam latim e em que o próprio movimento observante, em geral, mas com maior incidência entre os franciscanos, se opunha, inicialmente, pelo menos, aos "estudos". Conf. o ainda não superado trabalho de Mario Fois, *L'Osservanza come espressione della "Ecclesia semper renovanda"*, in AA. VV., *Problemi di storia della Chiesa nei secoli XV-XVII*, Napoli, Ed. Dehoniane, 1979, 13-107 (esp. 92-99).

⁶² Com o seu alto saber bibliográfico, Francisco Leite de FARIA, *São Francisco e Portugal. Síntese histórico-bibliográfica*, in A.I.A., XLII (1982), 453-479, informa (467) acerca deste número e diversificação de traduções da obra de Marcos de Lisboa, indicações que amplia em *Fr. Marcos de Lisboa, c. 1511-1591 e as muitas edições das suas "Crónicas da Ordem de S. Francisco"* in *Revista da Biblioteca Nacional*, S. 2, 6 (1991), 85-106; para a circulação das traduções italianas, *La Circolazione libraria tra i francescani di Sicilia* (a cura di Diego CICCARELLI), Palermo, Officina di Studi Medievali, 1990 oferece, através dos inventários publicados, dados muito importantes — como assinalou, a seu tempo, sem preocupação de exaustividade, Mariano D'ALATRI, *L'immagine di Chiara d'Assisi nelle Croniche di Marco di Lisbona* in *Collectanea Franciscana*, 62-63 (1992), 533-546 (n^o4) —, ainda que, evidentemente, como em qualquer inventário, nem sempre esses dados sejam de uma fiabilidade indiscutível. Assim, por exemplo, há uma edição das *Croniche...*, Veneza, Venturino Ruffinello, 1541 (829) que, pela data, não é possível ser tomada em consideração, tal como outra de Roma, Erasmo Viotti, 1556 (585) que estará nas mesmas circunstâncias e poderá ser de Parma, pelo dito impressor, 1586... Há ainda outras edições que deverão resultar de troca de editores pelos inventariadores... Curiosamente a Bibliotheca Franciscana — *Gli incunaboli e le cinquecentine dei Frati Minori dell'Emilia-Romagna conservate presso il Convento dell'Osservanza di Bologna*, (catalogo a cura di Zita Zanardi com la collaborazione di Raffaella Ricci), Firenze, Leo S. Olschki, 1999 (n^os 1158-1162) não apresenta novidades em relação às listas de F. Leite de Faria.

⁶³ Recordemos três leitores que são, igualmente, três línguas e outros tantos ambientes de leitura da obra de Fr. Marcos: em 1605, Ana de S. Bartolomé escrevia a Pierre de Bérulle pedindo-lhe, entre outros, o envio de «las crónicas de San Francisco» para ler no refatório das suas carmelitas de Pontoise, o que parece indicar o interesse pela tradução francesa: Marc de LISBONNE, *Chronique et institution de l'ordre de Saint François*, Paris, G. Chaudière, 1600, a que se seguiu a *Seconde et troisième partie des Chroniques des Frères mineurs*, Paris, Veuve de G. Chaudière, 1604 (Ana de S. BARTOLOMÉ, *Obras completas*, 2 (*Cartas*), Roma, Teresianum, 1985, 134); em 1603, desde Londres, D. Luisa de Carvajal y Mendoza, missionária clandestina, pedia o envio das *Coronicas viejas de San Francisco* que, pelas datas, tudo indica tratar-se da obra de Fr. Marcos, obra a que

que garantisse e sublinhasse a importância e a necessidade da obra⁶⁴ que, pese embora ser, naturalmente, *diminuta satis*, sempre foi julgada *sed veridica et sincera*⁶⁵...

Dado o que sabemos sobre documentação e bibliotecas observantes..., circulação de antigos livros na Ordem⁶⁶..., teremos de perguntar não imediatamente pelas suas fontes documentais e literárias, mas, antes, como se documentou... Tal, efectivamente, pressupõe tanto a documentação a que teve acesso como o onde a pôde encontrar. Não era fácil, mesmo a um leitor atento e sistemático, dispor em Portugal — nem até na Península Ibérica, como reconhecerá Marcos de Lisboa — de documentação, mesmo de carácter compilatório, referente não só às diversas províncias franciscanas europeias — porque destas quase não sai Fr. Marcos — mas também, curiosamente, mesmo em relação aos tempos de S. Francisco e aos primórdios dessa "fraternitas" que, talvez mais rapidamente do que pensasse — e desejasse —, se tinha transformado em ordem ao redor de 1223... Escolhemos, porque inquestionável, a data em que a bula *Solet Anuere* aprova a sua Regra "definitiva". Mesmo supondo, com alguma legitimidade, que nos anos à volta de 1540 Fr. Marcos já podia ter acesso a algumas fontes franciscanas impressas — a *Legenda Mayor*...,

voltará a referir-se em 1609 (Luís de Carvajal y MENDOZA, *Epistolario y Poesías*, Madrid, B.A.E., (nº 179), 1965, 136, 245); em Roma, na Biblioteca Valleccliana [Borr. II. 18. a e Borr. II. 17. (1-2)] guardam-se os exemplares das edições de Veneza, I Giloti, 1586 — *Chroniche... parte seconda* — e Fioraventi Prati, 1587 — *Chroniche degli Ordine*... — que foram do uso de S. Filipe Neri. Note-se ainda que, alguma vez, os inventários publicados por D. CICCARELLI (*La circolazione libraria*..., ed. cit., XVIII, 323) poderão permitir verificar que as *Crónicas* se guardavam como leitura de refeitório.

⁶⁴ S. da CAMPAGNOLA, *Le origini francescane come problema storiografico*, ed. cit., 107; sem que tal represente de nossa parte (esperamos que tal seja óbvio) qualquer nota «chauvinisante», ressaltamos que Fr. Marcos, apesar de aí ser nomeado, não mereceu a que a sua imagem de Francisco fosse tida em consideração em *Francesco nella storia — Convegno di studi: II — Secoli XVI-XIX*, Roma, Istituto Storico dei Cappuccini, 1983.

⁶⁵ L. WADDING, *Scriptoris ordinis minorum*, ed. cit., 167; independentemente da justeza da sua crítica, haverá, algum dia, que apontar com precisão o que Lucas Wadding deverá à obra de Fr. Marcos que conheceu em Portugal, aspecto que não tem merecido atenção: há perspectivas, questões debatidas e fontes — como sugere a simples leitura de um estudo de R. MANSELLI, *San Francesco nell'opera del Wadding in Francesco nella storia*..., II, ed. cit., 9-23, em que se diria que o observante irlandês — «o mais endiabrado e interessado frade que tem Roma» — que, em opinião de um homem da Cúria romana, D. Vicente Nogueira, nem sempre favoreceu, em tempos de crise, as «coisas» franciscanas portuguesas (Vicente NOGUEIRA, *Cartas*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929, 165, 167, 176, *et passim*), não faz muito mais que glosar ou aprofundar o que já vem nas *Crónicas* de Fr. Marcos...

⁶⁶ Para a segunda metade do século XV, possuímos alguns inventários de algumas livrarias da Observância em Portugal, juntamente com indicações avulsas recolhidas por crónicas franciscanas, "pertences" de alguns exemplares de antigas bibliotecas seráficas hoje conservados em instituições portuguesas, etc., conjunto de informações para que chamámos a atenção em "*Nobres leteras...*" "*Fermosos volumes...*". *Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal no século XV. Os traços de união das reformas peninsulares*, Porto, C. I. U. H. E., 1995.

as *Fioretti...*, o *Speculum vitae beati Francisci et sociorum eius* (Metis, 1509) — de certo apenas sabemos que desde Santa Cristina de Tentúgal conhecia essa notável compilação de fontes franciscanas, nem todas de igual valor, é certo, que corria manuscrita e impressa com o título de *Floreto de S. Francisco*⁶⁷. É um conjunto de textos que, numa perspectiva zelante, cara à Observância e às reformas franciscanas do século XV, fornecia dados abundantes sobre S. Francisco e os seus primeiros companheiros e de muitos discípulos destes, bem como reflexões sobre o futuro da Ordem, uma questão que sempre preocupava. Fr. Marcos serviu-se dele abundantemente. Por outro lado, sabemos que, por empenho de Fr. João da Póvoa que tantos livros comprou e fez comprar para as casas observantes portuguesas⁶⁸, incluindo o *Floreto* e a *Arbor Vitæ* de Ubertino⁶⁹, existiam em alguma casa da Observância as *Chronicas da Ordem...* Em Alenquer, concretamente, existiam desde 1466 — foi o primeiro exemplar que houve em Portugal⁷⁰ — e compreendemo-lo, dada a preeminência da casa que, por isso mesmo, foi elevada, à volta de 1500, a como que arquivo geral da Observância portuguesa⁷¹... Mas que entender exactamente por esse exemplar «de mão» das *chronicas da ordem*? Seguramente uma cópia de... Não o sabemos e sem qualquer data precisa não é fácil propor uma hipótese relativamente fiável. Mesmo ainda sabendo que Fr. João da Póvoa o ofereceu em 1466 — portanto, antes mesmo de ser provincial, cargo que desempenhou sete vezes entre 1474 e 1506 —, não é fácil determinar uma obra através de uma simples data e de um título genérico. Não deverá, contudo, pensar-se, embora fosse texto difundido por casas franciscanas reformadas e observantes peninsulares, nesse *Floreto de S. Francisco*, pois corria muito antes de 1474⁷²...

⁶⁷ Assinalemos que, além da anastática da edição de 1492 (Sevilla, Menardo Ungut e Lançalao Polono) que cuidamos em 1985 (Porto), contamos hoje com outras duas edições: *Floreto de san Francisco (siglo XV)*, Madrid, Editorial Cisneros, 1998 (Presentación: Antolín Abad Pérez, O.F.M.; Transcripción: José Martí Mayor, O.F.M. y Eva Cardona Recasens; Glosario: Prof. Emilio Blanco); *Floreto de Sant Francisco*, Madrid, F.U.E./Universidad Pontificia de Salamanca, 1998 (ed. e introd. de Juana Maria Arcelus Ulibarrena), de que demos conta em *Via Spiritus*, 6 (1999), 247-264.

⁶⁸ Manuel da ESPERANÇA, *Historia serafica...*, ed. cit., II, 10, 46, 490: «Teve notavel cuidado de prover as livrarias, em rezão da utilidade dellas...», afirmação que exemplifica com algumas das obras compradas ou organizadas ou copiadas por Fr. João da Póvoa.

⁶⁹ José Adriano de Freitas CARVALHO, "Nobres leteras"... "Fermosos volumes"... *Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal no século XV...*, ed. cit., 51, 119, 121, 122.

⁷⁰ Manuel da ESPERANÇA, *Historia serafica*, I, 25, 1, 103; José Adriano de Freitas CARVALHO, "Nobres leteras"... "Fermosos volumes"... *Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal no século XV...*, ed. cit., 50.

⁷¹ Manuel da ESPERANÇA, *Historia serafica...*, ed. I, 25, 4, 103.

⁷² No trabalho já citado, "Nobres leteras"... "Fermosos volumes"... *Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal no século XV...*, ed. cit., 57 - 69 assinalámos que o *Floreto* corria ms. em bibliotecas observantes portuguesas desde 1452, pelo menos, pois nesse ano vem registado no inventário de S. Clemente das Penhas (Matosinhos), mas o facto de em Santa Cristina existir, antes de 1474, um ms. com uma versão catalã indica que também nessa área cultural se tinha

É, porém, possível pensar-se, apesar de o seu estado linguístico parecer, estranhamente, remeter para os fins do século XIV, numa tradução portuguesa, feita sobre uma versão castelhana, dessa *Chronica XXIV Generalium Ordinis Minorum*, geralmente atribuída a Arnaldo da Sarrant. Fr. António da Ribeira, galego, vigário do convento de Santo António da Castanheira (Vila Franca), também a mandou «escrever» à volta de 1470, como testemunha uma declaração, não datada, de Fr. João da Póvoa, aposta no final do manuscrito que dessa cópia se conserva⁷³..., o que poderia ser um índice de que essa cópia — executada por um Estevão Eanes, solteiro, e não por um membro da comunidade — foi feita pelo exemplar de Alenquer. De qualquer modo, tudo parece sugerir que das *chronicas da ordem* de S. Francisco havia em Portugal, entre 1466 e 1470, dois exemplares, pelo menos. O que, manifestamente, parece um número exíguo. Ou essa cópia de 1470 poderá ser um índice de um movimento multiplicador desse texto? Não o sabemos, mas Fr. Marcos há-de vir, naturalmente, a utilizar essas *Chronicas antigas de vinte e quatro ministros geraes*, ainda que, muito possivelmente, não — ou nem sempre — através dessa tradução, pois, há-de referir nomes e episódios que faltam no texto português⁷⁴. Contudo, mesmo juntando a essas duas obras — o *Floreto* e as *Chronicas da ordem* — o *Liber Conformitatum* de Bartolomeu de Pisa que já era conhecido em manuscrito e impresso nos fins do século XV português⁷⁵ e de que Marcos de Lisboa elogia o autor e a sua santidade (III, 1, 8), sempre verificaremos que as tradições bibliográficas seguras com que poderia contar Fr. Marcos ao começar a sua obra eram bem parcas... e, muito provavelmente, sobre isso nunca teremos certezas, a não ser para algumas obras que, como tentaremos apontar, explicitamente diz ter, directa ou indirectamente, conhecido mais tarde e fora de Portugal. Naturalmente, quando começa a trabalhar pode, como já sugerimos, contar com algumas edições de fontes franciscanas importantes como o *Anonimus Perusinus...*, o *Speculum Perfectionis...*, a *Legenda Mayor* de S. Boaventura..., a *Legenda* de Santa Clara..., as *Fioretti*⁷⁶... impressas

já difundido com anterioridade.

⁷³ *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285). Manuscrito do século XV, agora publicado inteiramente pela primeira vez e acompanhado de introdução, anotações, glossário e índice onomástico*, por José Joaquim Nunes. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918, II, 281. (Citaremos sempre por *Crónica da Ordem dos Frades Menores...*)

⁷⁴ Um exemplo — e não é o único — poderá ser o que traz Marcos de Lisboa sobre Fr. João de Alverne (II, 8, 1-9) onde remete para as *Chronicas antigas*. Curiosamente, a tradução portuguesa omite a vida de Giovanni della Verna, ainda que a anuncie. Conf. *Crónica da Ordem dos Frades Menores...* ed. cit., II, 100.

⁷⁵ Isabel Vilares CEPEDA, *Os livros da rainha D. Leonor segundo o códice 1352 da B.N.L., in Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, S. 2, II, (1987), 51-81.

⁷⁶ O *Anonimus Perusinus...*, o *Speculum Perfectionis...*, vêm quase integralmente traduzidos no *Floreto de Sant Francisco*, compilação que recolhe também alguns capítulos da *Legenda Mayor...*, da *Legenda Sanctae Claræ...* e do *Actus Beati Francisci* e de muitas outras fontes franciscanas mais

isoladamente ou em obras compilatórias, e com obras do género dos *Monumenta Ordinis Minorum* (Salamanca, Joannis de Porras, 1506⁷⁷) que diz de Fr. Antonio del Rincón (III, 9, 35)⁷⁸ ... ou o *Firmamentum Trium Ordinum* que, certamente, atribui a Bonifácio de Ceva (III, 1, 10; 8, 34)⁷⁹ ... Fr. Marcos, porém, deve ter tido imediatamente a percepção de que, mesmo sem considerar as informações necessárias sobre santos e varões ilustres de cada uma das províncias franciscanas de então, lhe era impossível escrever qualquer história da Ordem sem uma pesquisa bibliográfica e documental mais vasta e mais profunda... Para tal — e é a outra dimensão do como se documentou —, empreendeu a sempre citada viagem através de Espanha, França, Itália, viagem que temos ainda de compreender dentro das circunstâncias favorecedoras do generalato de Fr. André da Ínsua... Recorda-o com toda a simplicidade, mas também com a consciência de trabalho bem feito: «E posto que por juntar estas cousas me foy forçado fazer hũa peregrinaçam a Itália com a provisam de nossa regra que he a pé, pedindo por amor de Deos, não me pode pesar de tanto trabalho, porque doutra maneira se não poderia bem continuar a hystoria de nossa ordem e memórias de tam sanctos varões como nas religiões do padre Sam Francisco ouve em todo o tempo, do que espero resultará grande glória do Senhor em seus sanctos e muyta edificaçam das almas. Em Itália achey alguns livros das hystorias da ordem, os quaes não ha em Hespanha nem creyo se

ou menos conhecidas (em algum caso mesmo desconhecidas), como é fácil verificar pelo trabalho de S. Clasen. *El "Floreto de Sant Francisco": collectionis hispanicae de S. Francisco eiusque sociis notitiarum analysis*, in *Collectanea Franciscana*, XXXV (1965), 249-286. Algumas das edições da *Legenda Aurea*..., da *Legenda Sanctae Clarae*... e das *Fioretti* com que podia ter contactado Fr. Marcos podem ser verificadas quer em *Short-Title catalogue of books printed in Italy and of Italian books printed in other countries from 1465 to 1600 now in the British Museum*, London, Trustees of the British Museum, 1958, quer em Anne Jacobson SHUTTE, *Printed Italian vernacular religious books: 1465-1550. A finding list*, Genève, Droz, 1983.

⁷⁷ Lorenzo RUIZ FIDALGO, *La imprenta en Salamanca (1501-1600)*, Madrid, Arco/Libros, S.L., 1994, 200-201 (nº55A). O mesmo editor, Juan de Porras publicou *Monumenta ordinis minorum sumarium pontificale... Secundus tractatus huius libri in quo continet declarationes regule mostre id est fratrum minorum* (Salamanca, 1511).

⁷⁸ Jo. Hyacinthus SBARALEA, *Supplementum et castigatio ad scriptores trium ordinum S. Francisci a Waddingo allisques descriptos*, Roma, Ed. Attilio Nardecchia, 1908, I, 94, informa que Antonio del Rincón é um dos que, com Antonio de Medina e Francisco de Ledesma, compilou o *Monumenta ordinis*, de que a primeira edição é, precisamente, a de Salamanca em 1506. Conf. ainda no mesmo volume. «*Anonymus Hispanus*, XII», 55.

⁷⁹ Jo. Hyacinthus SBARALEA, *Supplementum et castigatio*..., ed. cit., I, 194-195, 210 aceita esta atribuição a Bonifácio de Ceva «ordinis minorum obedientia et observantiae regularis provinciae Franciae minister», embora na obra tenha colaborado Claudio Hugo, invocando-se aí precisamente o testemunho de Marcos de Lisboa, nesta passagem das suas *Crônicas*, tanto sobre o autor como sobre a primeira edição do *Firmamentum*...: Paris, Jo. Parvum et socios, 1512, registando ainda o *Singolare opus Ordinis seraphici Francisci a Spiritu sancto approbatu, atque a S. Romana ecclesia declarati: fratribus Minoribus eorumque devotis perutile et necessarium quod Speculum Minorum seu Firmamentum trium ordinum intitulumur*, Venetiis, Lazzarus Soardis, 1513.

acharão em as províncias citramontanas» (II. «Ao Leitor. Prologo», s. p.)⁸⁰... E, mais tarde, quando publicar a «Tercera parte» lembrará, na «Annotacion al devoto lector», que, para obter «informaciones fidedinas con vista a que no fuesse escripto sino lo muy averiguado y cierto», andou por Itália e Espanha e grande parte de França, pois não pôde ir a Alemanha e a toda a França «por no lo consentir los tiempos»... As guerras de franceses, ingleses, do papa, dos espanhóis e as suas sequelas e sentimentos anticatólicos foram, assim, uma das causas de que a sua obra ficasse *diminuta satis*..., o que, verdadeiramente, nem é culpa absolutamente sua..., mas que ele a quis *veridica et sincera* todos o reconhecem...

E para chegar a tal resultado também, por essa Europa por onde viajou, muitos, como já ficou sugerido, o ajudaram, embora ao longo das *Crónicas* não tenha deixado referências precisas a nomes e circunstâncias. No entanto, será sempre interessante constatar que em Itália, como já aludimos, alguns ecos ficaram da sua passagem e do grande empenho com que procurou documentar-se. Com efeito, se o capuchinho Bernardino Coli da Colpetrazzo recorda como «un' gran padre Portighese, del corpo della religione» que «venne in Italia per informarsi bene delle cose del Padre S. Francesco; et particolarmente nella Provincia di San Francesco, ove sempre è stato il fonte di queste cose, raccolse molte cose», não deixa de sublinhar quanto importante foi para Fr. Marcos ter sabido «che in Milano erano in buona forma» as notícias sobre a Ordem recolhidas pelo capuchinho Fr. Francesco da Canobio (†1570)⁸¹, e que «desideroso di haverle nelle mani con molta istanza pregò il Padre Vangelista da Canobio [então, Geral dos Capuchinhos]che gli volesse dare. Ma i capuccini, non tenendo più conto che tanto le diedeno a quel Padre, il quale com molta allegrezza ritornando in Portogallo le fece stampare...»⁸². E, se bem que, ao parecer, dependente destas mesmas fontes, um outro grande cronista da mesma Ordem, Mattia Bellintani da Salò lembrará que Marcos de Lisboa «no ha potuto

⁸⁰ José Sebastião da Silva DIAS, *Correntes de sentimento religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1956, I, 1, 153-154 refere-se a esta viagem de Fr. Marcos por Itália, mas, infelizmente, algumas das suas informações e identificações das obras referidas pelo cronista, como resultará destas nossas notas, têm de ser revistas. Por exemplo: o «*Specchio de Frati minoris*» não é o *Speculum perfectionis*, e, sem mais, poderia duvidar-se que Fr. Marcos tivesse lido as «*Crónicas das sete tribulações*» de Ângelo Clareno...

⁸¹ Bernardino da COLPETRAZZO, *Biographiae selectae*..., ed. cit., 375-377 não indica, como acontece muitas vezes, a data da morte de Francesco da Canobio, mas o editor da obra, Melchor de Pobladora, indica em nota esse ano, ainda que assinala que outros o dão por falecido em 25.5.1571 e outros ainda em 18.12.1575.

⁸² Bernardino da COLPETRAZZO, *Biographiae selectae*..., ed. cit., 375-377; Roberto RUSCONI, *Dai primordi della "riforma" alla provincia dell'Ordine in I Cappuccini nell'Umbria del Cinquecento, 1525-1619* (a cura di Vincenzo Crisculo), Roma, Istituto Storico dei Cappuccini, 2001, 334-356 (344). Fr. Marcos, por sua vez, não se esquecerá de elogiosamente referir (III, 9, 15) a reforma capuchinha e de nomear os «muy principales padres de observancia» que «con fervor y zelo de mas perfecta guarda» da Regra se passaram à nova congregação.

havere ne retrovare...» o *Liber Chronicarum* de Ângelo de Clareno⁸³, indicação que, mesmo se bem discutível, será sempre preciosa, pois sugere bem os esforços de Marcos de Lisboa por encontrar a obra e vale, exemplarmente, para a outra documentação que encontrou ou quis encontrar. E se logrou ver, impressas, entende-se, as laudes de Jacopone da Todi, ficou, antes de mais, a devê-lo, como sabemos, ao seu encontro, em Roma, com o seu compatriota Luis Gonçalves da Câmara, como o recorda, não nas páginas das suas *Crônicas*, mas, sim, na dedicatória da edição desses *Canticos espirituales* (Lisboa, F. Correa, 1576), ignorando que o poderoso jesuíta — antigo confessor e mestre do rei Sebastião —, não chegaria a ler essas palavras que recordavam, para um e outro, esses dias romanos, pois o Padre Câmara morrerá em 15. 3.1575⁸⁴.

Por outro lado, em íntima relação com o seu esforço documental, nas suas páginas, alguma vez, ao escrever, como que parece recordar-se de sítios, pinturas, paisagens que viu em companhia de Fr. Honório de Santa Maria — que mais tarde passará aos arrábidos⁸⁵ —, como, por exemplo, em Roma, a «igreja nova» que à sua custa «edificara a devota dona Jacoba de Sete Solios ... com o competente mosteyro onde nelle se mostram ainda o padre S. Francisco e outros frades pintados com o habito capuchino que então trazia» (II, 1, 1)... Iguamente em Roma, no convento onde esteve o hospital de S. Brás além do Tibre, «inda hoje se mostram [...] em hum pequeno de purgaminho, como meio quarto de papel» as «letras» de Gregório IX ao abade de S. Cosmato a ordenar-lhe que passasse o hospital para os franciscanos (II, 1, 1). E sempre em Roma parece ter visto, como se poderá insinuar pelo tom e modo como a descreve, a obra «de mestre Jacome de Turriti de Camerino» que, adornando a capela maior lateranense, representa o Salvador tendo à sua direita, entre outros santos, S. Francisco «com chagas e com capuchino. s. capelo agudo pintado, que elle trouxe, e ainda então a ordem trazia, e com alpergatas nos pés» e à mão esquerda Santo António também com capelo agudo (II, 5, 21)⁸⁶... Em Greccio

⁸³ S. da CAMPAGNOLA, *Le origini francescane come problema storiografico*, ed. cit., 103, nº 93.

⁸⁴ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, ed. cit., II, 356-357.

⁸⁵ António da PIEDADE, *Espelho de penitentes e Chronica da provincia de Santa Maria da Arrabia da regular e mais estreita observância da ordem do patriarcha S. Francisco no instituto capucho...*, Lisboa Occidental, Off. de Joseph M. da Silva, 1728, I, 4, 49, 782; naturalmente, nem todas as referências deste tipo serão recordações pessoais, já que quando nos diz que no Monte Alverne, num "penedo", "ficarão os dedos e as mãos [de S. Francisco] ali assinados, e assi estão oje em dia" (I, 1,62), estará a "recordar" através de uma sua fonte literária, pois, ao parecer, quando escreveu a "primeira parte" das *Crônicas* ainda não teria andado por Itália.

⁸⁶ Fr. Marcos refere estes pormenores que se diriam transmitir a sua observação directa do mosaico lateranense, na moldura narrativa da decisão de Nicolau IV sobre a eliminação da imagem de Santo António em tal obra e a sua substituição pela de S. Gregório, história conhecida que também traz Sico POLIONE, *Sancti Antonii confessoris de Padua Vita*, Padova, 1476 (colocando os factos em tempos de Bonifácio VIII), segundo alude André VAUCHEZ, *Le imagine sante: rappresentazioni*

ainda se pode ver, como recorda Fr. Marcos com ternura de testemunha directa manifesta em diminutivos, não só «a capelinha do tempo do padre S. Francisco, em que o sancto fazendo solenne festa ao Natal do Senhor minino Jesu, o mereceo ter em seus braços» (II, 1, 57) — «la qual dura aun agora sin mudança alguna» (III, 7, 28)⁸⁷ —, mas também, além de outras antigas relíquias, «hua cellinha soterranha e hua ermíndinha della na qual o servo de Deos frey João de Parma viveo quasi trinta annos» (II, 1, 57)... Em Florença, no convento do Salvador onde se demorou, viu seguramente o hábito de Fr. Querubim de Spoleto, falecido em 1484 (III, 7, 2), relíquia que outros cronistas também não deixam de lembrar⁸⁸ ... E em Pádua terá assistido, como parece pelos detalhes que da sua organização e esplendor oferece, à célebre procissão que aí fazem anualmente, a 12 de Junho, em honra do Santo (III, 9, 12).

Deste empenho posto na variedade da documentação, materializado ainda, algumas vezes, no registo da última notícia alcançada ou no acontecimento iminente no momento em que escreve⁸⁹, resultou, como sugerimos, a utilização de uma série de fontes de que, obviamente, não podemos estudar aqui os processos de aproveitamento, mas de que devemos dar o elenco das principais, propondo, de passagem, algumas identificações, discutindo os limites do seu conhecimento e utilização, mas deixando para outro momento a precisão das que talvez tenha esquecido de nomear...

Creemos dever, antes de mais, distinguir as suas fontes documentais para a história da ordem franciscana das obras de erudição de que se serviu para, nomeadamente, estabelecer alguns dos elencos bibliográficos dos escritores da ordem, e ainda as fontes dos textos de espiritualidade que publica ao longo das *Crónicas*... Aparentemente, o primeiro grupo pareceria ser o mais facilmente determinável, pois Fr. Marcos deixou constante quer nos prólogos das três

iconografiche e manifestazioni del sacro in Santi, profeti e visionari. Il soprannaturale nel medioevo, Bologna, Il Mulino, 2000, 81-94 (92), onde, por sua vez, remete para M. BAXANDALL, *Painting and experience in Fifteenth century Italy*, Oxford, 1972, obra esta que não nos foi possível consultar. É ainda possível que alguma das outras das alusões do cronista português a imagens e pinturas que refere de S. Francisco com hábito capuchinho — uma na catedral de Ciudad Rodrigo, por exemplo —, questão a que deu particular atenção, possam resultar de recordações de viagem...

⁸⁷ Fr. Marcos de LISBOA alude aqui a Fr. António dos Arrabaldes de Teate que, ao redor de 1495, viveu nessa cela em Greccio.

⁸⁸ Dionisio PULINARI, *Cronaca...*, ed. cit., 235.

⁸⁹ Por exemplo, na «Segunda Parte» (7, 1) a propósito de Fr. Francisco Fabriano († 1304) informa que «não ha muytos annos, segundo fama que a chey, no anno de mil quinhentos e sessenta [1560] fez um milagre...», indicação que pode dar a entender que por essas datas estava escrevendo essas páginas...; e na «Tercera Parte» (5, 35) refere não só vários milagres de Fr. Diego de Alcalá ocorridos «en este año de 1555» mas outro ainda na pessoa do príncipe D. Carlos, filho de Filipe II à hora da morte em 1562, tal como trata de um milagre de Fr. García Blandes em 1567 (III, 9, 5); e nesta mesma «Tercera parte» ao referir a vida do cardeal Cisneros indica que a sua «vida muy larga y copiosa está compuesta por la dicha Universidad [Alcalá] para salir a luz...». Ora, *De Rebus Gestis a Francisco Ximeniio Cisnerii* foi editado em Alcalá em 1569, com preliminares e licenças de 1568..., o que indica que Fr. Marcos introduzia esta notícia nos últimos tempos da redacção desta «Tercera parte»...

partes quer em lugar destacado ao longo das suas páginas, as principais fontes que não só sabia existirem para a história de Francisco e da sua ordem, mas também aquelas de que, efectivamente, se serviu⁹⁰. E, deste modo, para a primeira parte que diz respeito aos tempos de Francisco e de Clara e dos seus primeiros e mais directos discípulos (*socii*), isto é, os tempos fundacionais, o cronista «recita» — a palavra é sua — a *Lenda dos três companheiros* (*Legenda trium sociorum* que crê, como Bartolomeu de Pisa⁹¹ e muitos ainda hoje, obra de Fr. Leão, Fr. Rufino e Fr. Ângelo, os autores da célebre carta de Greccio que desde cedo aparece aposta aos antigos manuscritos da obra); a *Lenda antiga* «que compôs o mestre frey Thomas de Celano, com autoridade e aprovação do capitulo geral», isto é, como elucida a caracterização de Fr. Marcos que nos remete imediatamente para o respectivo «prólogo», o *Memoriale in desiderio animae de gestis et verbis sanctissimi patris nostri Francisci*, entenda-se a vulgarmente dita *Vita secunda* de Tomás de Celano (2 *Celano*), que, apesar de tudo, foi, segundo parece, mais acessível que a *Vita b. Francisci* (1 *Celano*)⁹²; a *Lenda* (*Liber de laudibus Beati Francisci*) de Bernardo de Besse; as *Lenda maior e menor* (*Legenda maior e Legenda menor*) de S. Boaventura — que lhe servem, especialmente a primeira, de “canevas” para a sua biografia de Francisco —; o *Floreto das cousas de S. Francisco e de seus companheiros*⁹³; *Chronicas antigas da nossa ordem* que, por indicações várias fornecidas no

⁹⁰ Convirá anotar, desde já, que nas suas *Crônicas*, Fr. Marcos oferece, geralmente em notas laterais no começo dos respectivos capítulos, a indicação das suas fontes, embora, algumas vezes tal não aconteça, reservando-se para as indicar no corpo do texto.

⁹¹ Bartolomeu de PISA, *Liber aureus inscriptus Liber conformitatum vitae beati Francisci ad vitam Iesu Christi ... Nunc denuo editus a Reverendo, ac doctissimo P. F. Ieremia Bucchio...* Bononiae, Apud Alexandrum Benatium, 1590, I, 8º, 62r-62v (*De fratre Leone*): «Hic [Fr. Leo] mandato fratris Crescentii generalis ministri, et capitulis generalis, cum fratre Rufino, et fratre Angelo legendam composuit B. Francisci, quam legendam trium sociorum in hoc opere multoties nomino et nominabo». (Conf., por exemplo, refer.s precisas em I, 6º, 46v.; I, 12º, 184r.; II, 6º, 234r.; II, 12, 24, 268r.) Por simples comodidade, citaremos sempre, salvo em qualquer ocasião precisa, por esta edição, que, apesar de não reproduzir, exactamente, a primeira de 1510 (Milão, Gerardo Ponte) — há, como se sabe, alterações da ordem e designação de alguns capítulos («fructus»), supressões de alguns textos e de acrescentos (de actualização, sobretudo) de outros — é, ainda assim, globalmente, utilizável no contexto presente.

⁹² Roberto PACIOCCO, «Come ho potuto e con parole improprie» in *La Legenda di un santo di nome Francesco* (em colaboração com Felice ACCROCCA), Milano, Edizioni Biblioteca Francescana, 1999, 48-77. Infelizmente, Raimondo MICHETTI, *La "Vita beati Francisci" de Tommaso da Celano: storia di un'agiografia medievale in Franciscana*, I (1999), 123-235 não assinala, com alguma razão, Marcos de Lisboa entre os os possíveis utilizadores de Tomás de Celano — ele que foi lido e aproveitado por L. Wadding.

⁹³ Marcos de Lisboa ao indicar deste modo desta compilação de fontes e textos franciscanos — *Floreto das cousas de S. Francisco e de alguns seus companheiros...* — estaria a dar o título da tradução portuguesa? É provável, pois, como assinalámos em *Nobres leteras... Ferosos volumes ... Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal...*, ed. cit., 62-63 tal tradução existiu.

corpo da obra⁹⁴, podemos — quase sempre?⁹⁵ — identificar com a *Chronica XXIV generalium ordinis minorum*; o *Livro das conformidades (Liber conformitatum vitæ Beati Francisci ad vitam Domini Iesu)* de vária tradição manuscrita, de vária sorte editorial e polémica, que escreveu Bartolomeu de Pisa; os *Memoriais antigos da ordem de pena* (ms. de difícil identificação); o *Livro de Vitæ Christi (Arbor vitæ crucifixæ Iesus)* de Ubertino da Casale largamente conhecido em Portugal depois de 1485; esse *libro antiguo de la orden llamado Monumenta (Monumenta ordinis minorum)* que no corpo da obra atribui, como dissemos, a Fr. Antonio del Rincón⁹⁶; o *Firmamentum trium ordinum* que, mais tarde e como que incidentalmente, diz ser de mestre Bonifácio de Ceva (III, 8, 34)⁹⁷ e composto em França (III, 1, 10); o *Speculo hystorial (Speculum Historiale)* de Vicente de Beauvais, O.P.; a *História (Chronicon)* de Santo Antonino de Florença, O.P.; o *De Planctu ecclesiæ* de Fr. Álvaro Pais; a *Lenda* de Santo António, Santa Clara e doutros santos que não sabemos se refere uma compilação hagiográfica ou resulta de um simples modo de citar quer a *Legenda* de Santo António de Lisboa (muito possivelmente a conhecida por *Assidua*, de grande tradição manuscrita e pela primeira vez integralmente editada em Portugal, em 1830, por Fr. Fortunato de S. Boaventura⁹⁸) quer a *Legenda S. Claræ Virginis* atribuída a Tomaso de Celano⁹⁹; e finalmente a *Lenda dos Cinco Mártires de Marrocos de Santa Cruz de Coimbra* que não sabemos se indique simplesmente que a *Lenda*, tal como as relíquias, se encontrava no célebre mosteiro coimbrão — que, efectivamente, possuía as relíquias e a sua história «scripta em latim»¹⁰⁰ — ou, mais simplesmente ainda, a *Lenda* desses mártires, qualquer que ela fosse, que estavam em Coimbra... Fr.

⁹⁴ Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, II, 9, 33 (por exemplo), assinala à margem, como de costume, a fonte desse capítulo que trata «da eleição do vigesimo quarto ministro geral», Leonardo de Grifones: *Chronicas antigas*, mas no corpo do capítulo identifica precisamente a obra: «Aqui se acabão as *Chronicas antigas de vinte e quatro ministros geraes*»; conf. ainda, *Chronicas...*, II, 8, 26.

⁹⁵ É possível que algumas remissões de Marcos de Lisboa para as *Chronicas antigas* nem sempre indiquem as *Chronicas antigas de vinte e quatro ministros geraes*, como escreve Felice ACCROCCA, *Francesco e le sue imagini. Momenti della evoluzione della coscienza storica dei frati Minori (secoli XIII-XIV)*, Padova, Centro di Studi Antoniani, 1977, 149-150, mas, de um modo geral, tanto quanto também foi possível controlar, é para essa fonte que tais indicações remetem, o que, aliás, também crê Mariano d'ALATRI, *L'immagine di Chiara d'Assisi nelle Croniche di Marco da Lisbona in Collectanea Franciscana*, 62 (1992), 533-546 (536, n.º 14).

⁹⁶ S. da CAMPAGNOLA, *Le origini francescane come problema storiografico...*, ed. cit., 123.

⁹⁷ S. da CAMPAGNOLA, *Le origini francescane come problema storiografico...*, ed. cit., 123.

⁹⁸ Vergilio GAMBOSO, in *Introd. à sua edição de Vita Prima di S. Antonio o "Assidua"* (c. 1232), Padova, Ed. Messagero, s.a. (1981), 205.

⁹⁹ Mariano D'ALATRI, *L'immagine di Chiara d'Assisi nelle Croniche di Marco da Lisbona in Collectanea Franciscana*, 62 (1992), 533-546.

¹⁰⁰ Marcos de Lisboa não podia, obviamente, utilizar a versão portuguesa impressa dessa *Lenda*, pois esta só veio a ser publicada em 1568 (Coimbra, João Álvares).

João da Póvoa tinha, aliás, mandado copiar essa *Legenda* em 1476¹⁰¹, o que torna a primeira hipótese mais viável...

Das fontes para a «Segunda parte», Fr. Marcos, no respectivo prólogo, destaca o «*Spechio de frati minori* que communmente se chama *Francisquina*», isto é, *La Franceschina* de Giacomo Oddi de quem faz uma alusão biográfica (III, 5, 57)¹⁰² que, informação curiosa, se lia em comunidade em Porziuncola em Assis, «en la Segunda lection de la mesa», o que parece denotar um experiência por ele directamente vivida (II, «Prologo: ao Leitor»; III, 5, 57); *hūas breves chronicas de sete tribulações da ordem ...* em latim (*Liber chronicarum seu historia septem tribulationem ordinis minorum*), a célebre obra de Ângelo Clareno, vulgarmente conhecida por *Chronicon*¹⁰³; as *Chronicas geraes*, em latim, de Fr. Mariano de Florença (*Fasciculus chronicarum ordinis minorum*)¹⁰⁴ que, como declara, se encontravam no convento do Salvador de Florença «onde [...] as [teve] todo o tempo que [lhe] foy necessario pera tirar dellas o que compria»¹⁰⁵ e que, de tão vastas — «infinitas» —, a sua mesma vastidão terá sido um impedimento à sua publicação¹⁰⁶. Serviu-se ainda de «hum livro antigo

¹⁰¹ É o actual ms. 52 da B. P. M. do Porto: Manuel da ESPERANÇA, *Historia serafica...*, ed. cit., I, 10, 36, 490 e A.G. da Rocha MADAHIL in *Introd. a Tratado da vida e martirio dos cinco mártires de Marrocos*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928, XXXVII e XLIII, estudo que será necessário ler com as notícias de Fr. Manuel da Esperança na frente...

¹⁰² Marcos de LISBOA, *Chronicas* (III, 5, 57) assinalou com cuidado: «En este año [1472] acabo fray Iacomo de Oddo, de la provincia de sant Francisco el libro que compuso de los padres de la orden dignos de memoria, ordenado por los lugares communes de las virtudes, al qual puso el titulo de espejo de los menores, y otros le llaman Francisquina, y leese continuamente en la segunda lection de la mesa en Santa Maria de los Angeles de Porziuncola». Sobre o ms. que, conservado em Santa Maria degli Angeli, Fr. Marcos poderá ter utilizado, pode ver-se Nicola CAVANNA, *Intr. a La Franceschina. Texto volgare umbro scritto dal P. Giocomo Oddi di Perugia*, Assisi, Tipografia Porziuncola, I, 1929, LXVII-LXVIII.

¹⁰³ Disposomos, actualmente, da edição do *Liber chronicarum sive tribulationum ordinis minorum* por Giovanni Boccali, com introd. de Felice Accrocca e trad. italiana por Marino Bigaroni, Assisi, Edizioni Porziuncola, 1998, pela qual citaremos.

¹⁰⁴ Independentemente de hoje não ser conhecida esta obra de Mariano da Firenze, de que Fr. Marcos se serviu abundantemente, talvez seja pertinente propor que o cronista português tentou, para os tempos modernos, "completar" o *Fasciculus Chronicarum* do frade italiano.

¹⁰⁵ Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, III, 9, 23 refere-se ao «santo martirio» que, quando da peste que assolou a capital da Toscana, que causou a morte do «muy diligente y copioso historiador y chronista de las cosas memorables de nuestra orden» que «como zelozo da honra da casa de Dios y de la santa religion y religiones del padre S. Francisco, peregrino por Italia, buscando las memorias notables de las sanctas vidas, y obras de los religiosos, y religiosas de la orden, principalmente de la observancia».

¹⁰⁶ Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, II, «Prologo»: «Frey Mariano de Florença frade menor observante, depois de peregrinar por toda a Italia e com diligencia buscar as memorias das ordens do Padre Sam Francisco, compos hūas Chronicas geraes em latim em dous volumes, nas quaes foy tam largo, que creyo essa ser a causa porque sua hystoria se não divulgou por ser infinita». Devemos confessar que não sabemos como interpretar essa indicação de «dous volumes» de que se compunha o *Fasciculus Chronicarum* de Mariano de Florença que Fr. Marcos teve em mãos, pois, ao parecer, a obra compunha-se de quatro volumes em cinco livros e quatro apêndices (G. PAGNANI, *Contributi alla questione dei «Fioretti» di S. Francesco* in *A. F. H.*, 49 (1956), 7-9, de que Giuseppe ABATE, *Le fonti della Cronaca di Fra Mariano da Firenze* in *Miscellanea Francescana*, 34 (1934), 46-52

e autentico, que largamente contem a vida e milagres [da] Rainha santa [Isabel] que esta en Santa Clara de Coimbra» (II, 8, 26)¹⁰⁷.

Para a última parte da sua autoria, Fr. Marcos aproveita muitas das fontes que nomeou na primeira e, principalmente, na segunda parte, recorrendo ainda a toda uma série de documentação manuscrita — *memoriales en los archivos de la orden*¹⁰⁸..., *relaciones de personas fidedignas de cosas modernas...*, *testimonios de escrivanos por instrumentos publicos...* — que fixavam as biografias dos grandes obreiros das Observâncias — Fr. Paulo de Trincis..., S. João de Capestrano..., G. de la Marca..., S. Bernardino de Sena..., Santa Coleta..., S. Francisco de Paula... —, mas, tirando algumas informações pontuais, a maior parte da sua informação procede de Mariano de Florença e de Giacomo Oddi. Refere ainda a *Legenda de la Bienaventurada Sancta Colecta que se halla en latin o frances en los monasterios de la 1.ª Regla de Sancta Clara*¹⁰⁹...

deu o elenco dos autores citados pelo cronista no início do IV volume, mas que não ajuda a destrinçar a questão. Independentemente de, dado o lugar e as datas em que consultou a obra, Fr. Marcos se ter, provavelmente, servido de um ms. próximo do autor, quererá o cronista português sugerir que apenas utilizou os dois volumes que mais lhe interessavam?

¹⁰⁷ António G. Ribeiro de VASCONCELOS, *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão, esposa do Rei Lavrador, D. Dinis de Portugal (a Rainha Santa)*, Coimbra, I, Imprensa da Universidade, 1894, 4.

¹⁰⁸ Marcos de Lisboa precisará um pouco melhor alguns dados desta documentação ao referir os *Memoriales de España* (III, 10, 61 et passim...); os *Memoriales* de Fr. Lope de Salazar y Salinas (II, 1, 10); os *Memoriales antiguos de Portugal* (III, 1, 23, 24); os *Memoriales* de [Conceição] Toledo (III, 8, 11), etc..

¹⁰⁹ De Fr. Marcos temos ainda a *Vida de la bienaventurada sor Colecta reformadora de la orden y regla de Santa Clara traduzida de catalán en romance por Fray Marcos de Lisboa, frayle menor, para se escribir en la tercera parte de las chronicas de Sant Francisco nuestro padre* (ms. F153 das Descalzas Reales de Madrid, segundo o *Catálogo de Manuscritos e impresos del monasterio de las descalzas reales de Madrid* (Dirección: María Luisa López-Vidriero), Madrid, Patrimonio Nacional, 1999, 52. Segundo o citado catálogo trata-se de um códice de 61 fol.s dedicado por Fr. Marcos, a soror Juana de la Cruz, abadessa dessa casa, remetendo para um *Libro de la vida de la bienaventurada sor Colecta, como parece en el proceso della, por una religiosa discipula de la bienaventurada madre*. Como não foi possível consultar essa *Vida de la bienaventurada soror Colecta...*, nada podemos dizer da sua relação com a obra que se cita na lista de «Autores donde fue coligida esta Tercera parte». Como, porém, aí se diz que pertencia à «provincia [franciscana] de Portugal» deverá ser trabalho anterior a 1568, ano em que não só já estava terminada a «Tercera parte» das *Crónicas*, mas também foi criada a Província de Santo António para onde passou Fr. Marcos pouco depois de regressar a Portugal. Por outro lado, também não é possível estabelecer a relação entre esta *Vida de la bienaventurada sor Colecta traduzida do catalán en romance* [castelhano] e a *Vida da V. Sor. Colecta de Borgonha, traduzida em Portuguez que, com base em informação de Jorge Cardoso e recolhida por Nicolás Antonio* (B. H. N., II, 69), atribui a Marcos de Lisboa D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, II, ed. cit., 409-410, dado que acolhe Maria de Lourdes Correia FERNANDES, *A biblioteca de Jorge Cardoso (†1669), autor do Agiologio Lusitano. Cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal moderno*, Porto, Faculdade de Letras, 2000, 238. Contudo, se o exemplar da [*Vida de sor. Colecta de Fr. Marcos*] que possuía J. Cardoso era, como reza o catálogo da sua biblioteca, «original» — e original quererá dizer o próprio

Não será, seguramente, necessário demorar a demonstrar que, muitas vezes, para um mesmo texto de Fr. Marcos concorrem várias fontes — naturalmente as que julgou melhores ou as que lhe foram acessíveis — que, combinando-se no seu testemunho e nos seus pormenores, o tornam, muitas vezes, um compósito e complicado mosaico¹¹⁰... Alguma vez, porém, ou as suas fontes eram, já de si mesmo, incompletas — e não lhe sobrou tempo (ou paciência...) para completar informações a que elas apenas aludiam — ou, pela premente necessidade de sintetizar, não aproveitou toda a informação das suas fontes¹¹¹.

A estas fontes que Fr. Marcos traduz largamente ou que resume — processo este que, como em algum caso esclarece, lhe deu grande trabalho¹¹² — devemos juntar ainda referências bibliográficas dispersas no corpo das *Crônicas*, como, por exemplo, a *Vida* de Jacopone da Todi escrita por G. Battista Modio¹¹³..., ou a obra de Giacomo da Tondo.

No entanto, convirá ponderar que, algumas vezes, ficamos na dúvida se Marcos de Lisboa conheceu as obras ou se as cita indirectamente — através de Bartolomeu de Pisa..., de Mariano de Florença... —, o que digamo-lo francamente, diante da massa de documentação manejada não seria de estranhar... No entanto, pelo que diz respeito a algumas das fontes franciscanas

ms. saído da pena de Fr. Marcos, ou simplesmente que Fr. Marcos é o autor original da tradução? — poderemos sempre perguntar-nos se essa *Vida de sor Colecta traduzida em Portuguez* não será uma tradução da *Vida de la bienaventurada sor Colecta* que, com dedicatória e outros paratextos, está na livraria das Descalzas reales de Madrid. Curiosamente, a estar pelo índice da sua biblioteca e pelos cuidadosos índices de Maria de Lourdes Correia Fernandes, dir-se-ia que Jorge Cardoso não teria possuído as *Crônicas* de Fr. Marcos..., o que não parece ser possível, já que as alega algumas vezes — por exemplo, ao comemorar Santo António, 13 de Junho (*Agiológio Lusitano*, I, Lisboa, Antonio Craesbeecke de Mello, 1660, 680).

¹¹⁰ Um exemplo simples desta "composição" que pratica, muitas vezes, Fr. Marcos pode ser o retrato físico e psicológico de S. Francisco montado sobre textos quase justapostos do *Floreto*, II, 149 (Conf. ed. anastática, Porto, 1988, 174-175) e do *Liber conformitatum*, ed. cit., I, 10^o, 138), embora ambos dependam da *Vita b. Francisci* de T. de Celano (83).

¹¹¹ Um bom exemplo poderia ser o que diz (III, 7, 39), seguindo o *Monumenta* ou a Mariano de Florença —, sobre Bartolomeu de Fabriano que tendo escrito «hum libro grande de la vida de nuestro Señor Iesu Christo y de su gloriosa madre, el qual intitulo Pantameron, y tambien compuso otro libro». Porque omite o tamanho e o título deste último? Seguramente, por uma das razões que sugerimos.

¹¹² No «Prólogo» da «Segunda parte» das suas *Crônicas*, Fr. Marcos refere-se à sua demorada consulta dos dois volumes das *Chronicas Geraes* de Mariano de Florença, no convento do Salvador da capital toscana, acrescentando que «o maior trabalho que [lhe] deram foy abreviar historias e lendas de pessoas devotas muy compridas, por quam particular vay nellas»... De *La Franceschina* traduz, muitas vezes, resumidamente, como assinalaremos em algum caso.

¹¹³ E. MENESTÒ, *Le vite antiche di Jacopone da Todi*, Florença, Nuova Italia, s.a. (1977), estudou (XXXVI-XXXIX) o aproveitamento que Fr. Marcos fez desta influente biografia do beato turdetino, bem como (XLV-LV) a influência, por sua vez, exercida pelo trabalho de Marcos de Lisboa em autores italianos do século XVI e XVII. (A biografia de G. B. Modio pode ler-se a pág. 151-173 da referida obra de E. Menestò.)

mais antigas que, uma vez ou outra refere, sabemos que, apesar dessas referências, não as leu directamente, pois ele mesmo informa no «Prologo» da «Primeira Parte» que as «lendas [*Três Companheiros, Lenda antiga* de Tomás de Celano, isto é, o *Memoriale* de T. de Celano (2 *Celano*) e *Liber de Laudibus* de Bernardo de Besse] não vão alegadas porque se não achão por sua antiguidade, se não em os autores que delas compuserão suas histórias, como fez S. Boaventura e outros»¹¹⁴... E mais tarde, confirmando este seu aviso, dirá que composta por «este sancto frey Leão com frey Rufino e frey Angeo de Tancredo, de mandamento do ministro e Capitulo geral compuserão a vida e lenda do padre S. Francisco, que se chama lenda dos tres companheyros, a qual se perdeo por sua antiguidade e porque della e doutras se compuserão outras historias mais perfectas» (II, 6, 19)¹¹⁵. É esta "limitação", que nos diz quanto nos meados do século XVI ainda era verdadeiramente difícil conhecer Francisco¹¹⁶, que, até certo ponto, dita, sem o saber, as suas preferências pelo *Speculum Perfectionis*..., essa obra de clara orientação "espiritual", mas que, por isso mesmo, e não, talvez, apenas por ser acessível na edição quase completa que dela dá o *Floreto*, foi altamente apreciada pelas reformas e observâncias do século XV peninsular... A *Crónica do Monte Alvernia*, tantas vezes citada e alegada por esse austero, para não dizer radical, Fr. Lope de Salazar y Salinas, é, como se sabe, o *Speculum Perfectionis*¹¹⁷.

Algumas dúvidas nos poderiam ficar sobre se, efectivamente, Marcos de Lisboa acabou por lograr utilizar o *Chronicon* de Ângelo de Clarenó, «padre dos Clarenos». Refere-o, com bastante precisão, como vimos, no elenco das

¹¹⁴ Naturalmente, o *De Conformitate* terá também servido a Fr. Marcos para conhecer nomes e obras..., como, por exemplo, T. de Celano (I, 1º, 17v; I, 5º, 40r; I, 12º, 187r; II, 6º, 234r; II, 16º, 283r, *et passim*) ou, como vimos, a *Legenda trium sociorum*, ou ainda Bernardo de Besse (II, 1º, 193r - 193v), precisamente as velhas «*legendae*» que diz não ter encontrado... Mas não terá acabado por conhecer a *Vita Prima* ou a *Vita Secunda* em Itália? A questão poderá ser pertinente, mas a resposta tem de ser, hoje por hoje, negativa, pois a essas *legendas* se refere, algumas vezes, como títulos históricos e nada mais. «Neste tempo [c. 1233] escreverão muytos a historia da vida do Padre São Francisco por mandado do Papa, e do ministro geral. Frey Tomas de Celano da provincia Penense de mandado do papa escreveu a vida e milagres do Padre São Francisco, e presentou o livro ao Papa, e foy per o Papa aprovado. João de Ceperano notario da sede Apostolica polla devação que a ordem tinha escreveu da vida e obras do Padre São Francisco. Tambem tres companheyros do Padre São Francisco compuserão sua historia, e outros alguns» (II, 1, 3). À questão de Giovanni da Ceperano dedicou sérias reflexões Felice ACCROCCA, *Francesco e le sue immagini...*, ed. cit., 37-56 (*Intorno al notaio Giovanni autore della vita di S. Francesco "Quasi stella matutina"*).

¹¹⁵ Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, II, 1, 3 volta a aludir, brevemente, à *Lenda dos três companheiros*. S. da CAMPAGNOLA, *Le origini francescane come problema storiografico...*, ed. cit., 108 afirma que Marcos de Lisboa «confessa candidamente» ter composto a sua obra servindo-se da referida *Lenda* e de Tomás de Celano, o que, evidentemente, o sério cronista não confessa...

¹¹⁶ Mariano D'ALATRI, *Uomini di Dio al seguito de Francesco...*, ed. cit., 183 fez, curiosamente, esta mesma reflexão, que, aliás, é, para nós hoje, absolutamente óbvia.

¹¹⁷ José Adriano de Freitas CARVALHO, "Nobres letras"... "Fermosos volumes"... *Inventários de bibliotecas de franciscanos observantes em Portugal...*, ed. cit., 57-60.

fontes para a «Segunda parte», esclarecendo que essas «breves chronicas — o que é exacto — narram as tribulações da ordem «té o tempo do papa Ioanne vigesimo segundo, em latim» — o que é exactíssimo — e ao traçar a biografia do célebre autor informa ainda que «se achão em Italia escritas de mão»... (II, 7, 23) Logo, porém, precisa um pouco mais: essas «chronicas pequenas» mostram como «os zelozos da regra foram avexados tè o seu tempo». Tais precisões parecem indicar que efectivamente viu a obra e que as poderá ter utilizado, ainda que se possam discutir os limites — e, talvez, mesmo as formas — dessa utilização. Aliás, convirá deixar claro que Fr. Marcos nunca disse — pelo nos em português e em castelhano que não as pôde encontrar, pois a afirmação que nesse sentido também faz, como apontámos, Mattia Belintani da Salò¹¹⁸, deriva de uma interpolação na tradução italiana das *Crónicas*... Com efeito, nessa passagem sempre citada (II, 7, 23), Marcos de Lisboa apenas diz o que diz¹¹⁹. Deste modo, mesmo que nunca pareça alegar directamente essa obra de Clareno, a questão da sua utilização terá que vir a ser reexaminada. Aos textos, directa ou indirectamente, dependentes de Ângelo Clareno para que algum investigador já chamou a atenção¹²⁰, poderíamos juntar, a título de mais algum exemplo que pode apoiar essa sugestão, quer o que Marcos de Lisboa (II, 1, 49) aproveitou da célebre visão de Giacomo de Massa (*Liber Chronicarum*, 4, 176-218) sobre «o

¹¹⁸ Matthias a SALÒ, *Historia capuccina* (ed. a P. Mechiore a Pobladura), Romae, Institutum Historicum Ordinis Fratrum Minorum Capuccinorum, 1950, II, (*Monumenta Ordinis*..., VI), 516: «Del qual libro [*Liber Chronicarum*] dice F. Marco di Ulisbona, autore delle *Chroniche* di essa religione, haver inteso que egli sia in Italia, ma non haverlo potuto havere ni ritruovare...».

¹¹⁹ Para permitir uma melhor visualização do texto original de Fr. Marcos e o da tradução italiana, oferecemo-los em citação paralela:

Deste venerável Padre se diz que apreendeu sem mestre humano a língua Grega, de que trasladou em a latina o Livro de João climaco e outras obras. Finalmente cheo de boas obras acabou seus dias deixando fama de bem aventurado. Compos hūmas Crónicas pequenas das sete tribulações com que os zelozos da regra foram avexados, té seu tempo, que se acham em Itália escritas de mão.

Chronicas (1562) II, 7, 23.

Di questo venerando Padre se dice, che imparò la lingua Greca senza maestro humano, dalla quale tradusse in Latino Giovanni climaco, et altre opre, e poi da queste mortale alla Celeste, e eterna se ne passò, lasciando dise fama di Beato. Compose una breve Chronicha chiamata delle sete tribulationi, che patirono i zelosi della riforma, che durarono sin'al tempo suo, il qual volume si truova scritto a mano in Italia, ma non sapiamo dove.

Croniche (1606) , II, 7, 23.

E, para evitar falsas questões, vale a pena prevenir que a tradução espanhola de Fr. Felipe de Sosa a partir da qual se fez a tradução italiana — Alcalá de Henares, Andres de Angulo, 1567 — também não traz essa «declaração assassina»... atribuída a Fr. Marcos... , como poderá ver-se em *Parte Segunda, de las Chronicas de de los frayles Menores... Traduzida de lengua Portuguesa en nuestro vulgar Castellano, por el Reverendo padre fray Phelippe de Sosa...* Alcalá de Henares, Andres Angulo, 1577. (II, 6), 186 (Para a localização da referência, deverá notar-se que esta edição não reproduz o décimo livro, donde decorre essa diferença de localização entre II, 7, 23 e II, 6, 23.

¹²⁰ Felice ACCROCCA, *Francesco e le sue imagini*... ed. cit., 147-148.

estado da ordem» quer uma «Exortação» que atribui a Fr. João de Parma, «exortação» essa que, como certamente viu Mattia da Salò¹²¹, não é mais que uma tradução, selectiva e ligeiramente adaptada, do *Liber Chronicarum* (3, 105-165). Apesar da reiterada opinião em contrário de Mattia da Salò, teria Fr. Marcos acabado por encontrar a obra entre a documentação franciscana reunida pelo capuchinho Francesco de Canobio?¹²² É uma hipótese possível¹²³, mas um tanto frágil, pois Mattia da Salò que, como se sabe, utiliza a obra, não a encontrou nesse acervo¹²⁴. É certo, contudo, que os manuscritos — e até os impressos — têm, muitas vezes, caminhos insondáveis para ir ao encontro de quem os afincadamente busca... Poderia, porém, encarar-se a possibilidade de Fr. Marcos ter conhecido o *Liber chronicarum* através de Dionisio Pulinari, que, ao parecer, o traduziu¹²⁵, sem esquecer que, como sugerimos já, não parece ser de, sem mais, rejeitar a hipótese dos dois leitores e «resumidores» de Mariano de Florença se terem encontrado em Florença — ou noutro lugar — durante a sua viagem por Itália. De qualquer modo, o que parece ser verdade é que Fr. Marcos não terá tido tempo ou para utilizar tranquilamente a obra de Clarenno ou para veridicar a fiabilidade do texto que teve à sua disposição. Qualquer dessas hipóteses poderia ser sugerida pelo modo como «transformou» um texto de Clarenno numa «Exortação» de Fr. João de Parma... No entanto, estamos em crer que o mais importante a reter aqui é que, ao contrário do que se vem dizendo desde os seus dias, Fr. Marcos nunca afirmou não ter encontrado a «Chronica

¹²¹ Matthias a SALÒ, *Historia Capuccina...*, ed. cit., I, (*Monumenta... Ordinis...*, V), 230: «Et perchè et quale fosse all' hora lo stato della religione et con quanto spirito egli [João de Parma] procurasse di riformarla appare de un suo sermone, egli qui se mette, massimamente perchè F. Marco nelle sue Croniche [III, 1, 37, mas deverá ser II, 1, 38] si è pensato scriver quello et hà scritto quello che il B. Angelo scrive da se di quei tempi...».

¹²² Matthias a SALÒ, *Historia capuccina...*, ed. cit., II, 385: «Fu [Francesco da Canobio] diligentissimo in cercare, trascrivere et conservare le cose et antiche et moderne della religione. Et però venendo in Italia et in Roma Fra Marco da Ulisbona, che ha fatte le Croniche di S. Francesco, per cercare le librerie et trovar le cose della religione, egli fu indirizzato a questo Padre, il quale gli diede molti scritti da lui raccolti qua e là...». S. da CAMPAGNOLA, *Le origini francescane come problema storiografico...*, ed. cit., 103 n.º 93, refere que Mattia Bellintani da Salò na *Historia Capuccina*, começada depois de 1587, informa, como modo de sublinhar a dificuldade de encontrar a obra de A. Clarenno que Fr. Marcos de Lisboa, apesar dos esforços feitos e do auxílio de um capuchinho — que seria, precisamente, o P. Canobio —, não teria logrado encontrar tal *Chronicon...* o que não é exactamente o que se lê na passagem da *Historia Capuccina* referida e que acabamos de citar.

¹²³ Felice ACCROCCA, *Francesco e le sue imagini...*, ed. cit., 148 encara igualmente esta possibilidade.

¹²⁴ Matthias a SALÒ, *Historia capuccina...*, II, ed. cit., 516: «Il quale [«libro delle sette tribulazione della Religione di S. Francesco»] noi per opera di questo buon Padri [Giovanni da Vintimiglia, que o encontrara em Chiavari] habbiamo havuto et serviti se ne siamo nel comporre questa Historia Capuccina».

¹²⁵ Assim o assinala Saturnino MENCHERINI, Introd. à sua cit. edição da *Cronaca* de D. Pulinari (XXXV).

das sete tribulações»... E se escreveu tão claramente que não pôde encontrar as «lendas» de Tomás de Celano, dos «Três companheiros» e de Bernardo de Besse, porque não diria o mesmo sobre o livro de A. Clarenno, se, realmente, não o tivesse visto? De qualquer modo, é, como sugerimos, toda uma questão a investigar.

Curiosamente, Fr. Marcos parece, porém, não ter utilizado, directamente pelo menos, as *Fioretti* — regularmente confundidas desde a primeira tradução italiana da *Cronica da Ordem dos Frades Menores* com o *Floreto*¹²⁶, pois as vezes em que poderia pensar-se que a elas recorre, deparamos que segue outras fontes. É o caso, por exemplo, — e são apenas exemplos um tanto arbitrariamente seleccionados — de alguns dos capítulos que dedica a Bernardo de Quintavale (I, 6, 1-4), de algum que se refere a Francisco (I, 2, 53) e a Francisco e a Fr. Leão (I, 1, 76) e dos outros nove que traz sobre Fr. João de Alverne (II, 8, 1-9) que, podendo tê-los recolhido — em grande parte, pelo menos — das *Fioretti* (2, 4, 49, 50, 51), preferiu, como indicam as suas referências de fontes, servir-se, principalmente, das *Chronicas antigas* e do *De conformitate* e até do *Floreto*¹²⁷..., embora, alguma vez, o seu texto se aproxime,

¹²⁶ Sirvam de exemplo não apenas o estudo de Gianetto AVANZI, *Le edizioni del secolo XV dei "Fioretti di S. Francesco"* in *Miscellanea Franciscana*, 40 (1940), 24-48 em que o n.º 17 diz respeito ao *Floreto*, mas também uma obra informadíssima: S. CAMPAGNOLA, *Le origini francescane come problema storiografico...*, ed. cit., 108. Mas tanto A. QUAGLI, *El Floreto: fonte storica sconosciuta di Marco da Lisbona e del Wadding*, in *Studi Francescani*, 54 (1957), 40-49, como S. CLASEN, *El Floreto de Sant Francesco: collectionis hispanicae de S. Francesco eiusque sociis analysis notitiarum*, in *Collectanea Franciscana*, 35 (1965), 249-286, e depois em *Legenda antiqua S. Francisci*, Leiden, E. J. Brill, 1967, tinham lembrado que, embora, naturalmente, coincidentes em alguns textos por dependentes de tradições comuns, o *Floreto* e as *Fioretti* são duas obras completamente distintas..., tão distintas como são um ms. e um impresso mesmo que a letra de um possa imitar a letra do outro.

¹²⁷ Naturalmente não procedemos — nem poderíamos proceder aqui — a um confronto sistemático de todas as passagens em que, com maior ou menor probabilidade, poderia Marcos de Lisboa ter, directamente, utilizado as *Fioretti*, mas, a título de indicadora amostragem, podemos recordar, como indicámos, que os capítulos iniciais das *Fioretti* à volta de Bernardo Quintavale não passaram para I, 1, 8 («Dos primeiros dous discipulos que o Padre são Francisco teve») nem para I, 6, 1-4 (Da conversão..., da paciência..., da romaria a Santiago e do anjo...) em que Marcos de Lisboa, podendo recorrer às *Fioretti* e até ao *Floreto*, preferiu servir-se, principalmente, das *Chronicas antigas* e do *De Conformitate* (I, 8º, 60r-61v), ainda que alguns pormenores não lhe tenham chegado dessas fontes: dos capítulos dedicados a Francisco o I, 2, 53 (*Da quaresma que o sancto padre jejuou em o lago de Perosa*) não depende de *Fioretti* (7), mas, sim, do *Floreto* (II, 133); o I, 1, 76 (*De hias matinas da sancta humildade que o santo padre rezou com Fr. Leão*) está igualmente tomado do *Floreto* (III, 7) e não directamente das *Fioretti* (9); também dos capítulos dedicados a Giovanni de Firmo (ou de la Verna) o II, 8, 1 (*Da sanctidade da meninice do benaventurado frey João de Firmo*) depende integralmente do *Liber conformitatum* (I, 8º, 78r) e não das *Fioretti* (49); II, 8, 2 (*Como este sancto varão frey João de Firmo entrou na ordem dos menores*) não depende das *Fioretti*, embora o seu começo esteja próximo de *Actus* (49, 8-9); II, 8, 3 (*Dos exercicios de humildade e da oração e da pregação do sancto frey João de Alverne*) não depende das *Fioretti*, do mesmo modo que II, 8, 4 (*De como o varão de Deos era ouvido de nosso Senhor em suas orações*) não pode depender nem das *Fioretti* — não há nelas tal texto — nem de *Actus* (50); II, 8, 5 (*De como lhe foy*

em algum pormenor de estilo ou de factos, do *Actus b. Francisci*. Mas haverá que recordar que do *Actus* passaram para o *Floreto* cerca de 43 episódios relacionados com Francisco e os seus companheiros. Tal preferência, porém, não deve deixar de merecer ponderação, pois, por essas datas, já corriam abundantes edições impressas das *Fioretti*. Gaspar Barreiros, seu amigo e confrade, por exemplo, lia-as por uma edição de Veneza (1509)¹²⁸.

Dentro da sua ampla documentação, as fontes italianas, como se terá notado, ganham naturalmente, e não só por dificuldades de acesso a arquivos alemães e franceses, um peso considerável. Com efeito, muito naturalmente, Itália, para além das origens, fornecia-lhe ainda a documentação mais imediata, mais acessível e mais abundante... Por outro lado, em Itália re-nascera... e refundira-se observantemente a religião de Francisco. A própria Península Ibérica tem, como insinuámos já, um lugar relativamente discreto nas *Crónicas*, como discreta deverá ter sido a informação que para ela encontrou... Para Espanha, tirando alguns casos notáveis, como o de Fr. Pedro de Aragão (II, 9, 20)... ou de Fr. João Hortelão (III, 8, 1-10) — que culmina as reflexões sobre o lugar e papel dos leigos na Ordem com que tinha fechado o «Livro» anterior (III, 7) —, as notícias só se vão tornando mais abundantes e precisas no século XV — e para Portugal — onde, a julgar pelas suas queixas de falta de notícias para a Província da Piedade (III, 9, 28) que, certamente, se poderiam estender às outras três (Portugal, Algarves e Arrábida), não abundavam as «memórias» — a sua informação é bem escassa. Significativa, por exemplo, desde este ponto de vista, é a pouca atenção que dedica ao B. Amadeu da Silva (III, 6,30)¹²⁹, esse «espanhol Português» — a expressão é sua — que, dos jerónimos de Guadalupe passado a fundador de uma austera reforma franciscana e por mérito da sua

revelada a morte e gloria de um sancto frade), embora próximo das *Fioretti* (51) onde se fala de Fr. João de Fallerone, não deverá provir, a julgar por alguns pormenores, da obra de Hugolino de Santa Maria e o *Liber conformitatum* (I, 8^o, 78v) que expressamente cita, não lhe poderia ter fornecido todo o texto; no entanto, o II, 8, 5 (*Do familiar aparecimento de nosso Senhor a este seu servo frey João*), se está próximo das *Fioretti* (51) [*Actus*, 49, 12-45], está-o apenas como que em resumo. Os outros capítulos nada, parece, podem dever às *Fioretti*. Alguns indícios, porém, levam-nos a suspeitar que nas *Chronicas antigas* deverá existir — como se indica na tradução portuguesa (*Crónica da Ordem dos Frades Menores*, II, 100) — uma «vida» de Giovanni de la Verna que poderia ser — ou estar próxima de — a que escreveu Fr. Giovanni da Settimo Pisano (o que, de momento, não nos foi possível verificar).

¹²⁸ Sem querer tirar conclusões de dados dispersos e, necessariamente incompletos, anotemos, para o que possa servir, não só as relativamente escassas referências às *Fioretti* nos inventários publicados por Diego CICCARELLI (*La circolazione libraria...*, ed. cit.), mas também o tardio das edições af registadas: 1539 (561), 1569 (656, 697, 836), 1576 (667, 691), 1581 (20, 74, 119, 714), 1585 (600, 667), 1587 (20), 1588 (119, 710), 1592 (687, 726), 1597 (119). Também as bibliothecas franciscanas de Emilia Romagna, a julgar pelo que recolheram Zita Zanardi e Raffaella Ricci (*La Bibliotheca Franciscana...*, ed. cit., 773) não parecem ter abordado em explicação das *Fioretti*.

¹²⁹ José Adriano de Freitas CARVALHO, *A difusão da «Apocalypsis Nova» atribuída ao «Beato» Amadeu da Silva no contexto cultural português da primeira metade do século XVII* (Comunicação à Academia das Ciências de Lisboa, in *Anais da Academia das Ciências*, no prelo).

santidade e, talvez, ainda mais, dum texto profético, *Apocalypsis Nova*, que, tal como hoje se conhece, não lhe pertence¹³⁰, gozou de uma larga e profunda fama nos séculos XVI e XVII. As linhas que dedica a esse desencantado amador de princesas que a lenda gosta de evocar são precisas, mas escassas, e o facto de ser português e famosíssimo por esse texto profético não constituíram motivos para que Fr. Marcos nele se demorasse¹³¹ nem que, ao parecer, tenha percebido que era irmão de Santa Beatriz da Silva (III, 8, 11-12)... Quase diríamos que o cronista a ele se refere por ter sido um reformador "italiano", o que, por outro lado, num tempo em que tudo vinha como que reduzido a glórias nacionais, fala ainda a favor da sua imparcialidade... É certo, porém, que algumas vezes lha podemos estranhar, como, por exemplo, quando o vemos consagrar umas rápidas 23 linhas — metade das que recordam um Afonso Gago e um Afonso do Paraíso ((III, 4, 29) — a evocar essa grande figura da consolidação da Observância em Portugal nos fins do século XV que foi Fr. João da Póvoa (III, 8, 43) e dedicar dois capítulos (III, 6, 19-20) a Fr. João de Ataíde, outro alto senhor que se fez franciscano observante, referir rapidamente — com exactidão, é certo — os começos da Observância em Portugal (III, 6, 24) e a reforma das clarissas (III, 7, 37). De qualquer modo, como já sabemos, parece ter sido em nome dessa imparcialidade que, se não é um tópico de historiador¹³², terá tido que arrostar, como insinua na advertência à «Tercera parte», com alguma crítica

¹³⁰ Anna MORISI, "Apocalypsis Nova". *Ricerche sull'origine e la formazione del testo dello Pseudo-Amadeo*, Roma, Istituto Storico Italiano per il Medio Evo, 1970; tal como A. Morisi, C. VASOLI, *Giorgio Benigno Salviati e la Tensione Profetica di Fine 400 in Rinascimento*, Segunda Serie, XXIX (1989), 53-78 (78), e *Notizie su Giorgio Benigno Salviati (Juraj Dragišić)* in *Profezia e Ragione*, Napoli, Morano, s.a. (1974), 15-127 crê que, tal como a conhecemos hoje, a *Apocalypsis Nova* não é obra do Beato Amadeu, mas, sim, um texto em que largamente interveio o franciscano Juarj Dragišić ou, segundo o seu nome de adopção, Giorgio Benigno Salviati; Roberto RUSCONI, *Circolazione di testi profetici agli inizi del Cinquecento. La figura di Pietro Galatino* in *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, Roma, Viella, 1999, 211-228 (214-216) participa desta opinião.

¹³¹ Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, III, 6, 30 cita como fonte para esse capítulo sobre a congregação dos «Amadeus» e, especialmente, de Amadeu da Silva, Mariano de Florença, e uns «Memoriales». No entanto, é bem possível que, como já sugerimos, a menos que ambos tenham tido acesso a fontes comuns, parte do seu capítulo possa muito bem ter sido elaborado a partir das informações de Gaspar Barreiros na sua *Corographia* (ed. cit., 245v-247v). De todos os modos, o anónimo compilador das *Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista. Historias e ditos galantes que sucederam e se disseram no Paço*, ed. cit., LXV, 105-109 ao afirmar que «ha tardição que compos hū livro de revelações, e profecias, sobre o estado da Igrª Romana, e do Papa Angelico, e mudança do Rnº e senhorios» não faz mais que traduzir a Fr. Marcos, ainda que, onde este diz «mudança de reynos e senhorios», o anónimo compilador, adaptando a sua tradução ao contexto político em que escreve, tenha posto o B. Amadeu a profetizar a «mudança do Reino, e senhorios»...

¹³² Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, III, «Anotacion al Devoto Lector» como que justifica as «contradicones» que terá sofrido por ter dado lugar na sua obra a casos menos edificantes, lembra, com alguma demora, que também na Sagrada Escritura «se ha hecho historia y memoria no solamente de los buenos, mas tambien de los malos»... Polémica real? — Talvez, mas igualmente um tópico de garantia de objectividade do historiador e a função dela.

que, como era de esperar por esses anos, pretendia velasse um pouco mais as faltas — «flaquezas y vícios» — dos santos e varões ilustres... Marcos de Lisboa, porém, poderia bem reclamar-se nada menos do que da objectividade com que a *Chronica XXIV Generalium ordinis* diz, segundo a velha tradução portuguesa, procurar narrar, para «proveitoso emsinação dos presentes e cautella dos que som por viir», «as cousas notavees boas e maas»¹³³, isto é, os «notabilia bona et mala» do latim de Arnaldo de Serrant...

Quanto a obras de erudição em que colheu algum pormenor sobre as vidas de papas ou de grandes portugueses estranhos à ordem, ou autorizam as listas de escritores franciscanos que, sempre que possível, recorda, recorre, sobretudo, à divulgadíssima *Historia de vitis pontificum romanorum* de Bartolomeu Sacchi, (Platina) de que há edições desde, pelo mesmo, 1485 (Veneza, J. Verceilensis); à *Chronica* de R. Volaterrano e, abundantemente, ao *Liber de scriptoribus ecclesiasticis* de J. Thritemius (II, 4, 12; 7, 3; 8, 42; 9, 11, 24; III, 6, 40)¹³⁴ para formar, no seu conjunto, uma espécie de "listas cronológicas" dos homens de letras — teólogos, canonistas, autores de obras de espiritualidade... — da sua ordem, sem esquecer, naturalmente, o *Catalogus virorum illustrium quorum doctrina Ecclesia fulget, ut sol et luna, etc.* que vem no *De Conformitate*¹³⁵, obra em que colheu igualmente muitas das suas informações sobre a distribuição das províncias da sua Ordem...

De qualquer maneira, em defesa do grande cronista, convirá dizer que contrariamente ao que, por vezes, poderia supor-se — e já se tem suposto... — Fr. Marcos, dentro dos limites que os seus objectivos lhe impunham, não deixou de fazer, muitas vezes, a crítica da sua documentação, como denotam as suas distâncias — e são apenas alguns exemplos — acerca de alguns documentos precisos..., a discussão de certas afirmações de algumas obras..., ou a sua recusa em publicar o que não lhe parece ser autêntico¹³⁶.

¹³³ *Cronica da Ordem dos frades menores...*(1209-1285), ed. cit., I, 3.

¹³⁴ J. TRITHEMIUS, *Opera historica, quotquot hactenus reperiri potuerunt omnia*, Frankfurt a/M, Typis Wechelianis, 1601, I, 184 sgs.: N. L. BRANN, *The abbot Trithemius (1462-1516)*, Leiden, J. Brill, 1981, 15.

¹³⁵ Bartolomeu de PISA, *Liber conformitatum...*, ed. cit., I, 8º, 97v - 100r. Na edição que seguimos esse *Catalogus* vem, naturalmente, já actualizado, actualização que além de ter levado a eliminar alguns nomes anteriores, inclui já autores «modernos» como, por exemplo, um «Franciscus Ximenes, card.» que «scripsit eleganter commentarios in utrumque testamentum lingua multiplici...»; «Henricus Harphius scripsit De mystica Theologia...»; «Gaspar Schatzgerus scripsit De missa contra Lutherum»; «Ioannes Standitius Anglicus scripsit contra versiones Erasmi novi testamenti...»; «Petrus galatinus scripsit De archanis catholicae veritatis contra hebraeos...»; Thomas Murnar Argentinus multa edit opuscula et praesertim quoddam Calendarium in quo lutheranorum mores, secundum Circulum Zodiacum graficè depinget...», etc..

¹³⁶ Marcos de LISBOA, *Chronica...*, II, 8, 25, depois de transcrever a opinião da *Chronica XXIV Generalium* acerca de «como forão enviados frades as partes orientaes, e dos lugares da Terra Santa», escreve: «Isto diz o autor das chronicas que chamamos antigas, dos vinte e quatro geraes. Mas o que na verdade se passa he...», em que segue, ao parecer, a opinião de Mariano de Florença:

Abundantíssimos são os textos de espiritualidade franciscanos que publica ao longo das suas páginas, vincando, assim, esse selo de obra de espiritualidade que quis imprimir à suas *Crônicas* e que, como já se insinuou, se diria retirar-lhe muito do peso de história¹³⁷. Mas foi essa marca, programaticamente perseguida, que decidiu da sua perenidade... As *Crônicas da Ordem dos Frades Menores* resultaram, assim, numa ampla antologia de textos da espiritualidade franciscana e que cimenta, como que "documentando-o" nas suas motivações, todo o fluir de maravilhoso e de extraordinário de tantas biografias..., porque, convirá, talvez, recordar, as *Crônicas* são, antes de mais, um vasto conjunto de "vidas" franciscanas, umas, a enorme maioria, de santos ou varões ilustres, outras, as menos, de "frades moscas" ou mesmo pecadores, mas todas exemplares. E o que diz no «Prólogo» sobre a oportunidade de publicar a tradução do *Speculum Disciplinae* atribuído a S. Boaventura pode sugerir, exemplarmente, essa procura de deixar bem marcada ao longo da história essa interpenetração que insinuámos já: «... pareceo bem meter-se aqui, assi por se saber a santa criação daquelles religiosos passados, como por aproveitar aos presentes. E tambem porque pois somos chegados a tempos tam perigosos que publicamente os hereges dizem mal e desfazem nas religiões com muitas mentiras e falsidades, os religiosos em contraíro por defensam dos estados aconselhados e ordenados por Christo no Evangelho, descobrão com verdade seus exercicios, criçam e vida nas religiões, porque visto seu exterior e interior, fiquem os hereges confundidos e suas calunias não impeçam aos fieis christãos fazendo-lhes não se aproveitarem dos grandes frutos das religiões...». Deste modo, Fr. Marcos inclui na *Crônica* um amplo florilégio dos escritos de Francisco de Assis e da maioria dos quais dá o texto completo, sem que, hoje por hoje, nos pareça que a ordem por que os edita represente qualquer cânone dos «opuscula» de Francisco. Com efeito, publica (I, 1, 11 e I, 2, 8) não só as duas *Regras* (1221 e 1223) de S. Francisco, compreendendo, inclusivamente, não só o aparato das citações bíblicas com que se pretendia confirmar que era a

II, 4, 24 a propósito de Fr. Gualter de Bruges diz: «O autor das conformidades conta isto de coutra maneira», embora, pelo relevo que lhe dá, parece preferir a versão que recebe de outras fontes: II, 9 35 refuta a opinião de Santo Antonino sobre a existência de dois ministros gerais durante o «Grande Cisma», opondo-lhe a documentação dos *Monumenta...*; II, 7, 3, capítulo em que recorda Scoto, declara: «Muytas cousas se dizem de muyta gloria da doctrina e sciencia de Scoto. As quaes porque não ahey autenticas não escrevo aqui».

Talvez pela rapidez com que compôs a sua obra — seria fácil juntar alguns indícios que o sugerem —, nem sempre ficou o seu trabalho isento de críticas a alguma falta de crítica, como lhe aponta, com algum enfado e, talvez, com alguma razão, Jorge Cardoso: «[...] Fr. Marcos do Porto... teve para si que Santo Antonio, já era sacerdote, quando passou da Canonica Ordem à Franciscana, fundado quiça em hias Chronicas de mão, cheas de erros, e patranhas que allega. E logo não faltou pessoa a quem parecesse bem esta sua opinião, como se fora descredito daquella antiga Familia, não tomar nella ordens sacras...» (*Agiologio Lusitano*, ed. cit., III, 678).

¹³⁷ S. da CAMPAGNOLA, *Le origini francescane come problema storiografico...*, ed. cit., 108.

Regra «ex Sancto Evangelio extracta», tal como traz o *De Conformitate*¹³⁸, mas também a "declaração" da Regra por Gregório IX (II, 10, 2), por Nicolau III (II, 10, 10) e por Clemente V (II, 10, 15); a *Exposição do Pater Noster* (I, 1, 90); *Orações e Cânticos* (I, 1, 91); *Cântico do Sol* (I, 1, 92); *Orações e acções de graças que andão no fim da primeira Regra* (I, 1, 94); a *Epístola ao Capítulo Geral de todos os Frades* (I, 2, 44); a *Epístola a todos os Cristãos*, fragmentada de acordo com o aproveitamento temático das suas diversas partes (I, 2, 45, 46, 48, 50, 51); a *Epístola que o Padre S. Francisco escreveu a Fr. Elias, seu vigário geral [=Carta a um ministro]* (I, 2, 14); a "*Definição*" da *Verdadeira Alegria do Frade Menor que deu a Fr. Leão* (I, 2, 48); dezoito capituletes das *Admonitiones* (I, 2, 45, 46, 47, 48, 51) de que já tinha publicado e comentado outra (I, 1, 27); a *Regra para os Eremitórios* (I, 2, 49); *hũa benção que deixou S. Francisco aos seus verdadeiros filhos [=Testamento de Siena]* (I, 2, 11); a *Saudação às Virtudes* (I, 2, 51) e, finalmente, o *Testamento* (I, 2, 68), conjunto que permite afirmar que alcançou a promover uma das primeiras edições — se não mesmo a primeira — em língua vulgar, dos escritos quase completos de S. Francisco¹³⁹, o que tornará as suas páginas uma fonte imprescindível para o conhecimento de Francisco ao longo dos séculos¹⁴⁰. Hoje mal consciencializamos que Marcos de Lisboa foi, até muito tarde, uma das poucas fontes impressas para o *Cântico do irmão Sol*¹⁴¹... Como complemento, publica ainda o *Tratado dos Milagres* extractado de S. Boaventura, já que o *Tractatus* de Celano lhe terá sido inacessível.

¹³⁸ Bartolomeu de PISA, *Liber conformitatum*..., ed. cit., I, 9^o, 110v-112r.

¹³⁹ Apesar de tudo o que deriva da sua grande autoridade, cremos será justo reconhecer que a primeira edição impressa dos escritos de Francisco — se em latim se em vulgar, se em lição fiável ou não são aqui aspectos de importância relativa — se deve a Marcos de Lisboa e não a Lucas Wadding, com afirma R. MANSELLI, *San Francesco nell'opera del Wadding in Francesco nella storia*..., II, ed. cit., 9-23 (12-13).

¹⁴⁰ Felice ACCROCCA, "Alter apostolus". *Per una rilettura della 'Vita beati Francisci' in La legenda di un santo di nome Francesco* (em colaboção com Roberto PACIOCCO), ed. cit., 143 assinala, devidamente, este lugar que cabe à obra de Fr. Marcos na divulgação — e na fixação? — de uma imagem de Francisco.

¹⁴¹ Recordemos que na edição de 1510 (Milão) do *Liber Conformitatum*, II, 23^o vem o texto italiano do «Canticum fratris solis», mas, apesar da reedição de 1513 (Milão), o texto desapareceu na edição de 1590 (Bologna), o que, naturalmente, aumentou a dificuldade de acesso ao «Cântico». Jean de la HAYE, *Sancti Francisci assisiensis minorum patriarchae nec non S. Antonii paduani eiusdem ordinis Opera Omnia*, Paris. Apud Carolum Rovillard. 1641, 56, assim precisa o contributo de Fr. Marcos de Lisboa, referindo-o com exactidão. O *Floreto* (II, 121, 122, especialmente), apesar de traduzir o *Speculum perfectionis*, não oferece o texto completo do *Cântico*, como, aliás, muitas outras compilações que assinala Vittore BRANCA, *Il canticum di Frate Sole. Sudio delle fonti e testo critico*, Firenze, Leo S. Olschki Editore. 1950, 36, 44, 49, et passim. Naturalmente, poderia lembrar-se aqui uma obra como o *Lofzangen van den Heylighen Vader Franciscus onder den titel: Gheestelycken Nachtegael*, Anvers, 1662, de Pierre Vaele, O.F.M., título que conhecemos apenas por referência de Pierre PÉANO, *Saint François dans la réforme des Recolets in Francesco d'Assisi nella storia*..., II, ed. cit., 55-85 (75).

Em relação com Francisco publica ainda (I, 10, 1) a célebre carta em que o abade Iacobe conta o que lhe contou um cardeal sobre o túmulo de S. Francisco que teria visto na companhia de Niclau V¹⁴²... e ainda a bula da canonização do santo de Assis (I, 10, 5).

Em estreita relação com os de Francisco, recolhe (I, 7, 20, 21) algumas *Respostas*, 19 *Colações* e *Alguns dictos espirituales*, isto é, os difundidíssimos *Dicta* ou *Aurea verba* de Fr. Egídio¹⁴³, que leu quer na *Chronica XXIV Generalium ordinis*¹⁴⁴ quer, mais extensamente, em *De Conformitate*¹⁴⁵ quer ainda, um tanto mais difusamente, no *Floreto* (III, 28), e ainda as *Nove perfeições* que ficaram a Fr. Junipero (I, 3, 21), tal como, com alguma adaptação, o *Sacro Comércio* (II, 1, 58-62)¹⁴⁶, isto é, o *Sacrum Commercium Sancti Francisci cum Domina Paupertate*, esse texto, talvez da autoria de Fr. João de Parma, fundamental para a autocompreensão da Ordem que é, ao mesmo tempo, a primeira reflexão teológica franciscana sobre a Pobreza¹⁴⁷. Curiosamente, de Santo António não publica qualquer texto, limitando-se à edição da bula da sua canonização (I, 10, 6).

Se de Fr. João de Parma pensa Fr. Marcos que oferece ainda uma *Exortação que fazia aos frades* (II, 1, 38) — que, como viu bem Mattia da Saló¹⁴⁸, não é mais que uma selecção, com alguma adaptação, da «Tertia tribulatio» do *Liber chronicarum* de Ângelo Clarenó (III, 105-165) —, de S. Boaventura edita, e — permita-se nos repeti-lo — em alguns casos pela

¹⁴² Marcos de LISBOA, *Chronicas*..., III, 5, 63 conta ainda «como el papa Sixto[IV] vio el cuerpo del padre Santo Francisco», um relato que, ao parecer, não passa de uma «pia inventio» — não do cronista português, naturalmente... —, capítulo que há que pôr em relação com III, 4, 25. Também G. ODDI, *La Franceschina*..., ed. cit., II, 195-196 se alarga no mesmo relato, ainda que não seja esta a fonte de Marcos de Lisboa.

¹⁴³ Eliodoro MARIANI, *La sapienza di frate Egidio compagno di san Francesco com i Detti nella trascrizione dal codice volgare quattrocentesco della Biblioteca Bertoliana di Vicenza, curata da Bortolo Brogliato*, Vicenza, Lief, 1982; S. da CAMPAGNOLA, *La "Legenda" di frate Egidio d'Assisi nei secoli XIII - XV in Francesco e francescanesimo nella società dei secoli XIII - XIV*, Assisi, Ediz. Porziuncola, 1999, 369-402 (395-402).

¹⁴⁴ *Crónica da Ordem dos frades menores*, ed. cit., I, 132-213.

¹⁴⁵ Bartolomeu de PISA, *Liber conformitatum*..., ed. cit., I, 8^o, 66v-73r.

¹⁴⁶ A versão que traz Fr. Marcos não coincide com a que foi editada em *Tractado de como San Francisco busco y hallo a su muy querida Señora la sancta pobreza*..., Lisboa, Joannes Blavio de Colonia, 1555 de que há edição anstática apresentada por Francisco Leite de Faria (Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981).

¹⁴⁷ Sobre a importância deste texto no complexo das "fontes franciscanas" e a sua interpretação teológica da Pobreza, contamos com a notável introdução de Stefano Brufani à sua não menos importante edição do *Sacrum Commercium*..., Assis, Ed. Porziuncola, s.a. (1990); do mesmo autor, *Il "Sacrum commercium": l'identità minoritica nel mito delle origini in AA. VV., Dalla "sequella Christi" di Francesco d'Assisi alla apologia della povertà*, Spoleto, Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1992, 203-222.

¹⁴⁸ Mattia Bellintani da SALÒ, *Historia capuccina*..., ed. cit., I, (*Momumenta... Ordinis*, V), 230.

primeira vez na Península Ibérica¹⁴⁹, a *Epístola a todos os Provinciais* (II, 2, 13); *Epístola aos Prelados da Ordem* (II, 2, 14); a *Determinação e Respostas de muitas perguntas sobre o estado dos Frades Menores* (II, 2, 51); a *Epístola ... em XXV Lembranças* (II, 2, 52); uns *Exercícios* (II, 2, 53); a *Colação do Desprezo do Mundo* (II, 2, 54); a *Epístola dos Remédios dos Defeitos do Religioso* (II, 2, 55); o *Sumário do que tratou da diferença de Mendigar dos Frades Menores e das Ordens Mendicantes* (II, 1, 44); e o *Tratado chamado Espelho de Disciplina para a Criação dos Religiosos Novos na Religião* (II, 3), obra esta que, como alguma das anteriores, não pertence ao Doutor Seráfico.

Do célebre Fr. Conrado de Ofida — um nome que é uma ponte de tempos e tradições — traz uma *Epístola Espiritual* (II, 6, 29) que pode remeter para as não menos célebres *Verba Conradi*, tal como um outro breve e interessante texto seu com a resposta de Cristo sobre as grandes relaxações e transgressões da *Regra* (II, 9, 23); de Fr. Rogério de Provença publica (II, 4, 52-57), tal como o *Floreto* (III, 22-23), com alguma adaptação, mas sempre um pouco mais completamente do que *La Franceschina*, as *Considerações*, e de Jacopone da Todí, além de um grande número de *Laudes* — muitas das que não lhe pertencem, mas corriam sob o seu nome (II, 6, 37, 38; II, 10 Ap. final)¹⁵⁰ —, não as pondo todas porque «não o sofria o volume» e porque espera que «quererá nosso Senhor que muy cedo se traduzão e imprimão em hum volume pequenino e portatil, pera que tenham as pessoas de doctrina suave spiritual, que tragão sempre entre mãos, como há no vulgar Italiano», desejo que só veio a cumprir-se anos depois; do mesmo Jacopone junta ainda algumas *Prosas* traduzidas, ao parecer — e será necessário apurá-lo —, do *De Conformitate*¹⁵¹; de Ângela de Foligno, recordando, a «quem mais largamente quizer ver e aproveitar-se» da sua doutrina, que o seu «Livro anda imprimido em língua castelhana» (II, 7, 17)¹⁵², alguns *passos espirituais* (II, 7, 6-10) e outros textos

¹⁴⁹ Em *Das edições de S. Boaventura em Portugal nos séculos XVI, XVII e XVIII. Semântica de uma influência na história da espiritualidade portuguesa*, in *A.I.A.* XLVII (1987), 131-159, procedemos à identificação e classificação destes escritos com base na atribuição de Balduinus DESTELBRINK, *Bonaventura scripta. Authentica dubia vel spuria. Critice recensita*, Roma, Istituto Storico Capuccini, 1975.

¹⁵⁰ Fr. Marcos, seguindo o exemplo quer de G. Oddi em *La Franceschina* (ed. cit. II, 85-154) quer de G. B. Modio introduziu no corpo da "memória" de Jacopone da Todí algumas laudes ou extractos de outras biograficamente mais aproveitáveis e remeteu para um Apêndice final da segunda parte uma vasta antologia da obra poética de Fr. Jacopone. Deverá notar-se que na edição conjunta das três partes da *Crónica* (1615) levada a cabo por Fr. Luís dos Anjos esta selecção sofreu alguma redução.

¹⁵¹ Bartolomeu de PISA, *Liber conformitatum...*, ed. cit., I, 8º, 73r-75v; E. MENESTO, *Le Prose Latine Attribuite a Jacopone da Todí*, Bologna, Patron Ed., s.a. (1979), edita, depois de se mostrar favorável a essa atribuição tradicional, os referidos textos na sua versão latina cuja prioridade lhe parece inquestionável.

¹⁵² Efectivamente, o *Livro da B. Ângela da Foligno (Liber qui dicitur Angela de Fulginius...)* foi editado sob os auspícios do cardeal Cisneros (Toledo, 1505). Para as questões da tradição

tirados do seu *Liber* (II, 7, 11-13); de Hugo de Panziera, de quem lembra a *Doctrina* contra os que, um tanto na linha dos "dejados" peninsulares, «defendem o não pensar em Deus na oração» (II, 5, 26), uma *Epístola muy espiritual pera hũas religiosas* (II, 7, 27) que não é o conhecido *Tratado das Dores Mentais de Cristo...* São os grandes místicos franciscanos — ou textos com eles estreitamente relacionados — dos fins do século XIII e do século XIV...

Dos tempos seguintes, seleccionou o *Librillo para cautela e doctrina de las Monjas Novicias* e as *Armas para la Batalla Espiritual* de Santa Catarina de Bolonha (III, 4, 36-44) e de Fr. João de Lucca as *Colaciones* (III, 5, 48-54), de que nem sempre reproduzirá o texto original.

No domínio da "questão da pobreza", questão vital na definição que, obviamente, inclui a compreensão, que a Ordem de si mesma se dava, além da obra de S. Boaventura já citada, desse Ubertino da Casale tão admirado nos fins do século XV peninsular e de que recolheu o amplo quadro escatológico em que, como veremos, coloca a história da sua ordem¹⁵³, Fr. Marcos escolheu a *Resposta a João XXII sobre a pobreza de Cristo e dos Apóstolos...* (II, 8, 10) confortada por algumas páginas do *De Planctu Ecclesiae* (II, 59) de Álvaro Pais (II, 8, 16), pela *Epístola* de Sancha de Mallorca, rainha de Sicília e Jerusalém (II, 8, 17) ao Capítulo Geral de Paris (1329) e ainda (II, 8, 24) por outra *Epístola* da mesma rainha de Nápoles e Jerusalém ao Ministro e ao Capítulo Geral reunido em Perpignano (1331)¹⁵⁴, ambas, no contexto escaldante da revolta do ministro-geral Miguel de Cessena e de outros franciscanos contra João XXII, insistindo na importância da guarda da estrita pobreza. Ainda no aro destas polémicas, marcando mesmo o seu início, publica (II, 1, 42) também a *Epístola do Geral de S. Domingos e do Geral de S. Francisco a seus Frades por conservação da paz e união de ambas as Ordens*, isto é, a concórdia obtida por Fr. Humberto de Romans e Fr. João de Parma, que há que ler a par do *Sumário* de S. Boaventura acima referido.

No campo da evangelização, edita, com um tom um tanto controversista, a *Carta* do mártir espanhol L. Pascoal (II, 8, 46) e as *Letras* do Geral Fr. M. de Viterbo sobre a conversão dos hereges na Bulgária (II, 9, 25)...

manuscrita e editorial desta célebre obra da mística franciscana deverá consultar-se o longo estudo que L. THIER e A. CALUFFATI antepuseram à sua edição de *Il Libro della Beata Angela da Foligno*, Roma, Collegii S. Bonaventurae ad Aquas Claras, 1985.

¹⁵³ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Achegas ao estudo da influência da "Arbor Vitae Cricifixae" e da "Apocalypsis Nova" no século XVI em Portugal* in *Via Spiritus* 1 (1994), 55-109.

¹⁵⁴ Para a exacta contextualização (histórica e espiritual) destas *Epístolas* v. José M.ª POU Y MARTÍ, *Visionarios, heguinos y fraticelos catalanes (Siglos XIII XI)*, Vich, Editorial Seráfica, 1930 (agora em reimpressão anastática, Madrid, Ed. Colegio "Cardenal Cisneros", 1991, com *Presentación* de A. Abad Pérez, *Bio-Bibliografía* por J. Martí Mayor e um *Estudio Introductorio* por Juana-Mary Arcelus Ulibarrena.

Dos textos relativos a Santa Clara e à sua ordem e reformas, traz Fr. Marcos, num buscado e tradicional paralelismo com Francisco, a primeira *Regra* de Santa Clara (I, 8, 19) a *Benção que deixou Santa Clara a suas filhas* (I, 8, 34), e o seu *Testamento* (I, 8, 35), coroados pela Bula de canonização (III, 10, 16) e alguma *Carta de soror Inês, irmã de Santa Clara* (I, 8, 37); depois publicará ainda a *Regra 2.ª* de Santa Clara dada por Urbano IV (II, 10, 6) e, para os tempos mais modernos, a *Regra* da Ordem de Nossa Senhora da Conceição fundada por Santa Beatriz da Silva (III, 8, 15) ...

Pelo que diz respeito à Terceira Ordem (da Penitência), o autor da *Crónica*, que não deixou de constatar que «em Hespanha não ha tanta noticia e pratica desta religião terceira do padre S. Francisco como nas outras partes da christandade» (I, 9, 27), seleccionou alguns breves textos papais com relevância para o Breve de Gregório IX sobre a confirmação da ordem por Honório III (I, 9, 2), a *Regra* dada por Nicolau IV (I, 9, 6); do domínio da espiritualidade que lhes é própria, Fr. Marcos escolheu a *Breve relação de como se hão-de reger os irmãos da Terceira Ordem de S. Francisco que vivem em suas casas e fazendas* (II, 10, 16), bem como, para tempos muito recentes, a *Regla de los Religiosos de la Tercera Orden* aprovada por Leão X (III, 10, 22).

A todos estes textos devemos juntar alguns documentos papais atinentes a privilégios e graças concedidos à ordem franciscana¹⁵⁵ — que em 1517 se vê, apesar das tentativas de, *in extremis*, salvar a sua unidade — *Bula de unión de los frayles menores observantes y conventuales* (28.5.1517) de Leão X (III, 10, 20) — definitivamente fragmentada pelo mesmo papa Medicis em Conventuais e Observantes — *Bula de la concordia de los frayles menores observantes y conventuales* de 12.6.1517 (III, 10.21) —, com a declarada preeminência dos observantes, ainda que os conventuais, submetidos, embora, ao ministro geral da Ordem pela necessidade de lhe solicitar a confirmação do seu Mestre Geral, vieram a formar um corpo, na prática, totalmente independente, vendo, ao mesmo tempo, garantidos bens e privilégios. Fr. Marcos edita ainda (III, 9, 50), da que talvez seja a primeira reformação da Observância, o *Regimento que guardan los frayles en las heremitas del monasterio de Nuestra Señora de los Angeles de la provincia de los Angeles* que fundou, em tempos dos Reis Católicos, Fr. Juan Espanhol ou de Puebla, que no século tinha sido conde de Puebla (III, 6, 41).

Toda esta selecção, com algum que outro texto que possa ter sido esquecido — ou não encontrou contexto imediatamente pertinente para ser referido, como, por exemplo, a bula de canonização de S. Bernardino (III, 2, 20)

¹⁵⁵ Os últimos livros da «Segunda parte» e da «Tercera» das *Crónicas* estão dedicados a esta matéria, em que se podem ler, em resumos algumas vezes, as concessões de Gregório IX, Martinho V, Nicolau V, Eugénio IV, Calisto III, Pio II, Paulo II, Sisto IV, Leão X... e também as «declarações» de Inocêncio IV, Nicolau III, Clemente V..., o que torna esses livros, tal como as *Crónicas*, em geral, um repositório importante de textos legais.

—, representa, no seu conjunto, uma das mais vastas antologias de textos de espiritualidade franciscana desde sempre publicadas. E quase sempre sob o signo da *devotio*. Convém, porém, não esquecer que quer a *Chronica XXIV Generalium* quer, sobretudo, o *De conformitate* — tantas vezes também dito *chronica* — são, igualmente, ainda que menos acessíveis pela língua e pela raridade, antologias de textos e documentos e, desde este ponto de vista, bons antecedentes — que não propriamente modelos nem organizativos nem narrativos — de Fr. Marcos.

Será, certamente, de algum interesse tentar uma breve análise do plano e estruturas em que se desenvolvem as *Crônicas da Ordem dos Frades Menores*. Como obra de história que são, as *Crônicas*, nas suas três partes, propõem-se, geralmente, o fluir do movimento franciscano desde os tempos de S. Francisco até cerca de 1525, isto é, até ao momento em que, consumando-se a ruptura que, sempre, pelo menos como tensão, de um modo mais ou menos larvar, foi existindo, passou a haver, no plano da realidade prática, duas ordens da 1.ª Regra de S. Francisco. Até certo ponto, esta divisão insinua, para além da necessidade de uma cómoda organização cronológica e expositiva da matéria, as grandes etapas de uma vitória por que sempre tinha uma minoria lutado, mais ou menos aberta e criticamente, ao longo de quase quatro séculos da Ordem, isto é, a vitória dos que queriam observar à letra a “Regra” de Francisco, num convencimento de que essa observância literal, sem glosa, representava o regresso ao espírito, à autêntica *intentio* — Marcos de Lisboa traduz sempre por verdadeira «intenção» — do Fundador donde tudo tinha partido. As *Crônicas* são deste modo, como insinuaremos, depois, um pouco melhor, a história deste triunfo, isto é, de como depois das «bravas tempestades de fuera y de dentro de la orden contra estos ardientes é invencibles siervos de Christo, y discipulos del seraphico padre...» veio «el cumplimiento deste buen tiempo en que el Señor queria dar quietud a los zeladores de la perfeccion evangelica...» (III, 1, 1). Aliás, do mesmo objectivo e espírito participam outros grandes momentos da historiografia franciscana, como, por exemplo, *La Franceschina*. Para tal, nas suas três partes, dispôs, muito naturalmente, pessoas, matérias e factos ao longo de um fio cronológico, agrupando, na primeira parte, os tempos fundacionais — de Francisco, de Santa Clara, dos primeiros discípulos, dos discípulos destes que ainda conheceram o Fundador (†1226); na segunda parte, os tempos dos primeiros ministros gerais da Ordem até aos começos das primeiras reformas e observâncias oficialmente consagradas, o que equivale a uns 150 anos, isto é, até ao redor de 1376; na terceira parte, os anos de consolidação da observância e do reconhecimento da sua proeminência em 1517 / 1523 (III, 8, 47)..., ainda que tenha registado, como ficou assinalado, alguns acontecimentos — milagres incluídos — mais tardios («modernos») que lhe pareceram particularmente relevantes...

Naturalmente, o relato deste triunfo implicava também, como se pode deduzir de justificações que o próprio autor foi dando desde, inclusivamente, os seus prólogos, a recordação das dificuldades — por vezes, verdadeiras lutas físicas e jurídicas — que esse vasto e complexo movimento de observância teve, mesmo depois de aceite à volta de 1376, de vencer e em que nem sempre foi parte pacífica... Desde este ponto de vista, Fr. Marcos rememora, quase sempre em tons discretos, mas firmes, quer a protecção, por vezes momentânea, de alguns papas à conventualidade (III, 3, 39; 5, 55, 58, 59; 6, 29 *et passim*) — ou o que lhe parecia ser uma protecção, ainda que o fosse com o desejo de salvaguardar a unidade da Ordem¹⁵⁶ — quer as protecções, nem sempre desinteressadas, dos príncipes (III, 3, 35; 5, 55; 7, 27, 37, por exemplo)¹⁵⁷, quer ainda as disposições, por vezes tortuosas, de alguns ministros gerais, de que um bom exemplo poderia ser Gil de Amélia (III, 7, 36; 8, 20)... E dentro desta ordem de ideias, convirá recordar que a história desse triunfo é, de certo modo, uma história de um ponto de vista¹⁵⁸ e, assim, não nos podemos admirar que Marcos de Lisboa tenha, algumas vezes, como que condicionado psicologicamente a sua exposição, como, por exemplo, quando em oposição à glorificação dos conventuais que passam à Observância, expõe o castigo ou condenação a que se viram votados os que de observantes se fizeram conventuais. Um caso exemplar poderia ser o que traz sobre o que aconteceu ao célebre pregador, logo bispo de Aquino, Fr. Roberto de Lecce e a oitenta frades: Fr. Roberto perdeu o dom e a autoridade da palavra — «de muy pocos era oydo» — e os seus companheiros «pensando ganar honra, la perdieron» (III, 3, 38), caso em algo semelhante ao de Fr. Matias de Tibur († 1495?), «docto y buen predicador» que, com outros oitenta frades, desertou da Observância para os padres conventuais onde «acabo con confusion» (III, 7, 26)... Também é certo, porém, que o futuro bispo do Porto não deixa de recordar as críticas de muitos observantes a métodos pouco pacíficos utilizados na luta contra a conventualidade, como por exemplo, as palavras de Fr. João de Lucca ao ver «ciertos frayles de la observancia que andavan muy ocupados en tomar un convento, dixo: verdaderamente veo que os hazeis conventuales...», conquista que, ainda que autorizada (III, 1, 61), não aprovava (III, 5, 50), como muitos outros, aliás.

O desenvolvimento do amplo plano que se propôs Fr. Marcos, foi-se fazendo a partir do que poderíamos, forçando talvez um pouco, dizer essa

¹⁵⁶ Mario FOIS, *I papi e l'osservanza minoritica* in AA.VV., *Il rinnovamento del francescanesimo. L'Osservanza*, Assisi, Università di Perugia, Centro di Studi Francescani, 1985, 29-105.

¹⁵⁷ Kaspar ELM, *Riforme e osservanze nel XIV e XV secolo* in AA. VV., *Il rinnovamento del francescanesimo. L'Osservanza...*, ed. cit., 149-167 (160-161).

¹⁵⁸ No caso de Marcos de Lisboa, será interessante anotar, por simples exemplo, que não dá qualquer importância a conventuais como um Fr. Gil Lobo ou um Fr. Estevão de Guimarães que tanta importância tiveram nas cortes portuguesas de João I e de seu filho Duarte...

macroestrutura de história propriamente dita e antologia de textos de espiritualidade franciscana. A narrativa histórica parece, porém, tê-la montado, quase sempre, com os olhos postos na *Chronica XXIV Generalium*, no eixo do suceder dos capítulos e ministros gerais da ordem, mas sem esquecer que uns e outros se articulam visivelmente, dramaticamente algumas vezes, com os papas desses tempos, pelo que estes constituem sempre um referente importante da sua exposição... Por isso, a notação do tempo dos capítulos e ministros franciscanos com o papa reinante é um eixo firme e, digamo-lo, até, geralmente, a referência cronológica mais segura, o que equivalerá a dizer que a história que vai apurando da sua Ordem se articula, nela se inscrevendo — ainda que, muitas vezes, reduzida a breves referências —, com a história dos papas — de quem chegam aprovações, condenações, privilégios — de que Platina lhe oferecera, durante muito tempo, os principais referentes¹⁵⁹. Por outro lado, mas em íntima relação com o que acabamos de sugerir, a notável preocupação de Fr. Marcos com a cronologia, leva-o a descobrir que, apesar dos seus esforços, muitos acontecimentos e factos são de difícil datação e alguns até, talvez, indatáveis e, por isso mesmo, não se lhe pode exigir um rigor que, para muitos desses e tantos outros, ainda hoje não é possível lograr. Talvez, por esta razão, tivesse preferido, de acordo, aliás, com muitas das suas fontes (*S. Boaventura...*, *Speculum Perfectionis...*, *De Conformitate...*, *Floreto...*, *Franceschina...*), reunir em núcleos temáticos muitos dos relatos sobre factos e acontecimentos e, dentro de grandes balizas cronológicas, situá-los ao fio dos tempos... A agrupação por "livros", para além de práticas de época, pode ainda ter resultado deste esquema e, por isso, como honestamente previne Fr. Marcos, em alguns, sobretudo dos finais das três partes, os casos e matérias — diversos casos..., muitos deles, aparentemente, *faits-divers* — são reunidos com a ordem própria dos materiais que esperam uma recolocação no conjunto, essa recolocação que só uma nova ou mais profunda investigação poderia permitir... No fundo, continuava a reproduzir, ao nível do tempo concreto, essa macroestrutura de narrativa histórica e antologia de espiritualidade no desejo de perseguir e fixar a interpenetração indissociável da gesta e dos gestos que fundamentam e se traduzem na santidade... Não convirá esquecer que as suas *Crónicas* são, antes de mais — o que, evidentemente não quer dizer unicamente —, a história de um santo e de outros santos — nestes incluindo gente de alta virtude — que ao longo de séculos o imitaram. As suas vidas e, quando possível, os seus textos estão aí para isso. E foi, certamente, uma das razões do seu extraordinário êxito e influência, nomeadamente, como se sabe, enquanto fonte para algumas biografias de franciscanos ibéricos e italianos. Mas toda esta estrutura expositiva

¹⁵⁹ Roberto RUSCONI, *Il presente e il futuro della Chiesa: unità, scisma e riforma nel profetismo tardomedievale* in AA. VV., *L'atesa della fine dei tempi nel Medioevo* (a cura di O. Capitani e J. Miethke), Bologna, Il Mulino, 1990, 200-201 apontou, para outros âmbitos, um tipo de esquema expositivo semelhante. Esquema tradicional?

do relato, para além dessa sua pretensão de articular a história da ordem com a história da Igreja — e esta, muitas vezes, reduzida à história dos papas —, suporta ainda, como marco geral da sua compreensão da história franciscana, a notação do papel escatológico reservado a Francisco e à sua ordem. Fr. Marcos tem, por isso, a peito, desde o «Prólogo» da «Primeira parte», que também é uma introdução geral à obra, "declarar" «o intento do Espírito Santo em a instituição da sagrada religião dos Menores»... Significativamente, para tal, o cronista traduz, resumidamente, alguma vez, longas passagens do Liv. V da *Arbor Vitæ Crucifixæ* em que Ubertino da Casale, inspirado em S. Boaventura e, principalmente, em *Lectura Super Apocalypsim* de Pierre de Jean Olivi¹⁶⁰, procede, por sua vez, à adaptação do articulado esquema das tradicionais sete idades (do mundo..., da Igreja...) de base apocalíptica e dos três *status mundi* ou *tria tempora* de raiz joaquimita, de modo a individualizar o papel de Francisco, «anjo do sexto selo», como «reformador do quinto tempo (essa "idade" em que a Igreja começou «a ter possesoens temporaes assi a clerezia como as religiões»..., *tempus* em que teria começado a «relaxação e vida carnal que toda a espiritual vida e imitação de Christo parecia de todo apagada da memória dos homens»... e em que «a Igreja estava cheia de animaes entregues a sua sensualidade, de serpentes de terrenaes avarentos, de bestas feras crueis e soberbos, e tam desfeada sua face e conversaçam e roida e gastada com as hipocrisias e tantas heresias sem conto»..., cujas «fezes» se acumularam no império de Frederico II, rei de Sicília) e como «em quem o Espírito Santo começava a sexta idade e estado da Igreja em que se reformava e punha ante os olhos de todos os christãos a vida de Jesu Christo, não escripta ou lida em papel, mas debuxada com obras de perfectos imitadores e seguidores de Christo crucificado»..., entendamos, «a renovaçam da vida evangélica e guerra contra a secta do Anti-Christo pellos pobres voluntários que nada possuem nesta vida»¹⁶¹... Tal reforma e renovação — no etimológico e pleno sentido das palavras — não é, evidentemente, mais do que o meio e a condição para a sétima "idade"..., esse tempo de «hũa quieta e maravilhosa participaçam da futura glória na terra e em breve sua perfeiçam será em a ressurreiçam geral dos escolhidos»... Não

¹⁶⁰ Gianluca POTESTÀ, *Storia e escatologia in Ubertino da Casale*, Milano, Pubblicazione della Univers. Cattolica, 1980, estudou com particular demora as relações entre a *Lectura super Apocalypsim* de Pedro de João Olivi e a *Arbor Vitæ* de Ubertino (esp. 54-101), e Marino DAMIATA num livro apaixonante, *Pietà e storia nell' "Arbor Vitæ" di Ubertino da Casale*, Firenze, Ed. Studi Francescani, 1988, oferece a interpretação de tais relações. Pelo que diz respeito à relação do texto de Fr. Marcos com o de Ubertino, poderia pensar-se que a fonte do cronista português seria o *Liber conformitatum*, I, 2º, ed. cit., 23v-24v, mas o simples confronto mostra que Fr. Marcos, apesar de conhecer muito bem a obra de Bartolomeu de Pisa, se serviu directamente do texto da *Arbor Vitæ*, obra, aliás, de grande divulgação em Portugal desde a sua edição veneziana de 1485.

¹⁶¹ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Achegas ao estudo da influência da "Arbor vitæ crucifixæ" e da "Apocalypsis nova" no século XVI em Portugal* in *Via Spiritus*, I (1994), 55-109 (Apêndice, 91-109) apresentamos em paralelo os principais textos.

sabemos que valor atribuíra Fr. Marcos, nesta segunda metade de Quinhentos que ainda vive sob anseios (e receios) escatológicos de vária origem e significado¹⁶², concomitante, porém, a uma reorganização da pastoral e da missão da Igreja (e das Igrejas), a esse «em breve»..., que manteve da tradução, como tempo de espera por esse tempo pleno — feliz e final. Contudo, cremos se percebe facilmente como tal esquema — e tal esperança — convinha, justificando-o, não só a um tempo em que, por fim (e no fim?) triunfava a autêntica *forma vitae* instituída por Francisco com a observância plena da *Regra* como proclamavam os observantes, mas também, conseqüentemente, a uma obra que, como vimos, de tal triunfo propunha a história, calibrando o papel que nessa vitória tiveram um Paulo de Trincis..., um Bernardino de Sena..., um Giovanni de Capestrano..., uma Soror Colecta..., «colunas» a quem, naturalmente, dedica larga atenção. Deste modo, as *Crônicas da Ordem dos Frades Menores*, na sua articulação de duas histórias indissociáveis — franciscana e eclesiástica — não são mais do que a forma de patentear a inserção desse acontecimento único que é o aparecimento de *alter Christus*, Francisco, na história da Igreja, ou, mais precisamente, de acordo com a sua visão da «cidade de Deus», da História, sem mais..

Necessariamente, apoiado por tradições — essas tradições de que algumas, em certos momentos, se constituíram em autêntica gnose, isto é, os *secreta ordinis* que se filtraram em tanta literatura franciscana¹⁶³ — e documentação disponível, esta moldura "ideológica" condicionou, como era natural, a visão que de Francisco e da sua ordem transmite Fr. Marcos de Lisboa.

Se do santo o retrato físico, composto pelo do *Liber Conformitatum*¹⁶⁴ e pelo do *Floreto*¹⁶⁵, vem, tal como um *fait-divers*, relegado para um capítulo do livro final da primeira parte das *Crônicas* (I, 10, 3), com uma alusão, também recebida do *De Conformitate*, à imagem natural que,

¹⁶² Adriano PROSPERI, *America e Apocalisse. Note sulla "Conquista Spirituale" del Nuovo Mondo*, in *Critica Storica*, XIII (1976), pág. 1-61, e Ana de ZABALLA BEASCOECHA no seu notável *Tranculturación y misión en Nueva España. Estudio histórico-doctrinal del Libro de los "Coloquios" de Bernardino de Sahagun*, Pamplona, Ed. Univ. de Navarra, s.a. (1990), oferecem perspectivas importantes para fundamentar este juízo que pode contextualizar-se ainda com o trabalho de Paolo PRODI, *Nuove dimensioni della Chiesa: Il problema delle missioni e della "Conquista Spirituale" dell'America*, in *Problemi di storia della Chiesa nei secoli XV-XVII*, ed. cit., 267-293.

¹⁶³ S. da CAMPAGNOLA, *Dai «viri sipirituales» di Gioacchino da Fiore ai «fratres spirituales» di Francesco d'Assisi in Francesco e francescanesimo nella società dei secoli XIII - XIV*, ed. cit., 177-189; *Influsso del gioachimismo nella letteratura umbro-francescana del Due-Trecento in Francesco e francescanesimo...*, ed. cit., 237-239, *et passim*.

¹⁶⁴ Bartolomeu de PISA, *Liber conformitatum*..., ed. cit., I, 10^o, 138r.

¹⁶⁵ *Floreto de São Francisco*, cap. 159 (conf. ed. anastática da de Sevilla, 1492, Porto, 1988, 174-175).

profeticamente, teria deixado pintada, em S. Marcos de Veneza, Joaquim de Flora¹⁶⁶ — autor a que escassissimamente alude Fr. Marcos¹⁶⁷ —, o ângulo por que o cronista nos faz ver o seu "padre" S. Francisco, de quem, ao longo de dois livros, compõe uma vida que se destacará como uma «auctoritas» para o futuro¹⁶⁸, talvez se possa melhor fixar na síntese biográfica com que inicia o capítulo dedicado à «fermosura e claridade do corpo do sanctissimo padre S. Francisco depois da sua morte» (I, 2, 72), momento em que se torna patente «aquella santa carne (a qual crucificada com os vícios era já mudada em nova criatura) representasse a todos a figura da paixão de Christo por singular privilégio»... Com efeito, Francisco tinha sido «servo e amigo do Altíssimo, fundador e capitão da cavalaria espiritual — a religião dos Frades Menores —, professor da pobreza, forma de penitência, pregoeiro da verdade, espelho de santidade, e traslado de toda a perfeição evangélica, ajudado da graça divina, andando per ordenado processo, das cousas muy baixas subio até as muy altas»... Deste ponto de vista, com uma alusão («andando per ordenado processo»...) que, mais do que uma *ars contemplandi*, parece trair uma nota prudencial bem do seu tempo, Fr. Marcos recolhe e glosa, quase exclusivamente, ao longo dos dois primeiros livros a lição que desde a vulgarmente chamada *Vita Secunda* de T. de Celano e, principalmente, desde a *Legenda Mayor* de S. Boaventura, apresentava Francisco como *speculum* em que todos os cristãos, muito especialmente os seus discípulos, se devem compor e reflectir... S. Francisco é o espelho das virtudes..., o modelo de ascese..., e, por elas, a tal ponto se elevou às coisas «muy altas», que mereceu ser marcado com o sinal que, "identificando-o" com Cristo, demonstrava a sua união com o Pai... Um espelho de todas as virtudes... Mas a pobreza, rainha e enformadora de todas as outras ainda no *Sacrum Commercium*, é agora, mas não por obra de Fr. Marcos, quase uma virtude mais como, por exemplo, a humildade, e não, propriamente, a raiz do projecto de Francisco em que mais do que pela Pobreza há a declarada opção pelo ser concreta e autenticamente pobre com tudo o que tal conleva — falta de protecção..., ausência de poder..., abandono na mão de Deus..., trabalho manual..., etc. Por isso, quando aproveita a lição de textos como esse *Speculum Perfectionis* que o *Floreto* continha quase integralmente,

¹⁶⁶ Marcos de Lisboa deverá ter colhido, como muitos outros, esta informação em *Liber conformitatum*, ed. cit. I, 1º, 17v. de B. de Pisa, mas convirá notar que *La Franceschina* («Primo Prolago», ed. de Nicolà Cavanna, Assis, 1929, I, 9-10) desenvolve, com abundância de informação, a mesma tradição. Conf. sobre o assunto, Marjorie REEVES, *The influence of prophecy in the Later Middle Ages. A study in Joachimism*, Oxford, Clarendon Press, 1969, 96-100; 164-165 *et passim*...

¹⁶⁷ Além do lugar referido no texto, apenas logramos assinalar outra alusão em II, 1, 56, a propósito de Fr. João de Parma, escassez de referências que contrasta quer com o *Liber conformitatum* (I, 1º) quer, consequentemente, com *La Franceschina* («Primo prolago»), dois textos que conheceu muito bem.

¹⁶⁸ Robero PACIOCCO, «Come ho potuto e con parole improprie» in *La leggenda di un santo di nome Francesco* (em colaboração com Felice Accrocchia), ed. cit., 65.

Fr. Marcos, embora acentuando o radicalismo das propostas de Francisco e o mostre consciente, *sub signo* do *Speculum Perfectionis*, de que os frades nos últimos tempos da sua vida desvirtuaram o seu projecto (I, 2, 30, 32), desvirtuamento que Fr. Elias — de quem traça, naturalmente, um perfil negativíssimo: homem de «grande soberba e inchaço» (I, 1, 15), amante de hábito «largo e longo e com mangas largas, e pano de preço» (I, 1, 19), de «letras, e habilidades, e religião exterior» (II, 1, 1), «manhoso» (II, 1, 5), etc. —, revelando-se, por fim, um «varão prudente segundo o mundo» (II, 1, 7), isto é, um anti-Francisco, consagrara, Fr. Marcos, dizíamos, como que dissolve tal projecto, quase sempre, numa glosa que o explica... e o reduz a uma função demonstrativa de uma santidade vivida numa ordem — *ordo* e *ordinatio* —, santidade que é, igualmente, verificável pelo halo profético¹⁶⁹ e de permanente milagre que envolve esse varão maravilhoso... E mesmo depois da morte de Francisco, Marcos de Lisboa parece preocupado, sobretudo, em documentar minuciosamente a sua permanente intervenção — «não cessou a divina clemencia nunca per os tempos e lugares, de ouvir os clamores e oraçoens a elle offerecidas por intercessão e devação do bemaventurado padre São Francisco» (II, 7, 4) — não tanto na ordem (onde continuaria a ser um espelho apenas para alguns¹⁷⁰), mas no mundo, onde essa intervenção se manifesta constante em mortos ressuscitados (II, 4, 4)..., favor nas batalhas (II, 4, 6)..., curas milagrosas (II, 4, 5)... etc.¹⁷¹. Convirá, porém, lembrar que o cronista, ainda aqui, não faz mais do que prolongar o que as primeiras "crónicas" franciscanas, depois do *Memoriale* de T. de Celano, já expressamente propunham... Seria mesmo possível extractar das *Crónicas* um longo e variadíssimo "tratado de milagres". E, no entanto, tal intervenção taumatúrgica é também a demonstração da sua presença ao longo da sexta "idade" que, por ele "marcada", decorre e, logo, uma garantia e um conforto para esses poucos..., para esse *pusilus grex... pauper et humilis* da *novissima hora* (*Comp. Ass.* 67) que, pelo observante cumprimento da *Regra*, prosseguiam (ultimavam) a «renovaçam da vida evangélica»...

¹⁶⁹ Curiosamente, uma das profecias de S. Francisco diria respeito a que Portugal nunca seria unido a Castela: «...Tambem se acha escripto que vio a rainha dona Horraca, molher del rey de Portugal dom Afonso segundo, e que ficou hua profecia do santo, que este reino de Portugal nunca seria junto aos reinos de Castela » (*Chronicas...*, I, 1, 45).

¹⁷⁰ Fr. Marcos de LISBOA, *Chronicas...* III, 2, 23 e 24 apresenta, entre muitos outros referidos ou simplesmente aludidos, além dos «frades proprietários» que o próprio S. Francisco, mostrando-se em visão, se encarrega pessoalmente de condenar, outros tipos de «frades moscas» — um hipócrita e um soberbo.

¹⁷¹ Esta atenção ao milagre e aos casos maravilhosos não envolve apenas Francisco, mas também outros antigos discípulos seus, como um Santo António. O simples folhear das *Crónicas* bastará para o documentar. O mesmo se diga de outros, um pouco mais tardios, como Fr. Francisco de Fabriano († 1304) que «não há muytos annos, segundo a fama que achey, no anno de mil quinhentos e sessenta, [...] fez hum milagre em hum minino aleijado dos pees offerecido a sua sepultura, que foi tornado são» (II, 7, 1).

Francisco, deste modo, teria que ser, naturalmente, colocado, desde o início, sob a luz de fundador de uma ordem e, conseqüentemente, apresentado no horizonte de uma normalização e disciplinação eclesíástica e clerical... Dois pequenos pormenores talvez possam ser desse esforço de assim, constantemente, o perspectivar, como que o vívido emblema.

O primeiro podemos apreendê-lo no aproveitamento de um texto em que nas *Considerações sobre as Chagas*¹⁷², obra que, geralmente, se segue às *Fioretti*, se conta como a S. Francisco foi oferecido o Monte Alverne. Nesse momento diz-se que Francisco, aproveitando a festa de "nova cavalaria" que se estava celebrando em Montefeltro, pregou na praça desse castelo onde, entre outros nobres, estava o conde Orlando, proprietário do Monte Alverne... Francisco, para melhor se fazer ouvir, subira a um pequeno muro da praça... No fim da pregação penitente, o conde ofereceu-lhe esse lugar¹⁷³... O texto traz precisamente que a pregação se realizou numa praça de um castelo onde se celebrava essa festa cavaleiresca... O *Actus Beati Francisci* (IX), com ligeira variante, assinala igualmente que *Franciscus, cum prelibatum castrum intrasset, ut commodius a multitudine audiretur, super quædam murum ascendit et inde astanti multitudini predicavit*. O *Floreto* (cap. 129) reproduz quase à letra esta última fonte. E Fr. Marcos? — Segundo ele (I, 2, 37), o «Padre S. Francisco se foi à igreja pregar e por melhor ser ouvido da multidão de gente subiu-se em hũa parede, porque não achou outro púlpito mais conveniente»... Será violento sugerir que Fr. Marcos, como que custando-lhe ver e apresentar Francisco como um pregador "desqualificado" e anónimo que prega por praças e um tanto à aventura¹⁷⁴, coloca, dignificando o pregador e a sua palavra, o sermão na igreja e a parede só serve de púlpito, porque não há outro mais conveniente...

O segundo caso diz respeito à "tradução" daquele *puer quidam, puritate columbina et angelica innocentia decoratus* que, vivente S. Francisco, foi *receptus ad ordinem* e uma vez, durante a noite, viu Cristo, a Virgem Maria, S. João Evangelista acompanhados de muitos anjos, falar com Francisco... O texto latino do *Actus Beati Francisci* (XIX)¹⁷⁵ e as traduções que dele dependem (*Fioretti*, XVII; *Floreto*, 136) são muito claros: uma criança..., um rapazinho...

¹⁷² Seguimos o texto de *Le considerazioni sulle istimate di santo Francesco in Summa franciscana vel Sancti Francisci et Sanctae Clarae Assisensium. Opuscula, biographiae et documenta* (Compl. de Leonardo García Aragón, O.F.M.), Murcia, Publicaciones del Instituto Teológico Franciscano, 1993, 837-871. Consid., I (839-840).

¹⁷³ Franco CARDINI, *Francesco d'Assisi*, Milano, Arnaldo Mondadori Ed., s.a. (1990), 162-167, apresenta uma análise extremamente sugestiva deste episódio.

¹⁷⁴ G. ODDI, *La Franceschina*, ed. cit., I, 428, não alude ao lugar concreto (praça... igreja...) em que se verificou a pregação de Francisco em Montefeltro.

¹⁷⁵ *Actus Beati Francisci et sociorum eius* (Nuova edizione postuma de Jacques Cambell, com texto dei *Fioretti* a fronte, a cura di Marino Bigaroni e Giovanni Boccali), Assisi, Ediz. Porziuncola, 1988, 252-257.

Fr. Marcos (I, 1, 84) traduziu por um *frade mancebo e de muita pureza e inocência...*, tradução que parece ditada não só por não lhe parecer possível que uma ordem não tenha senão frades, mesmo muito novos, mas também, porque tal ponto era, precisamente, uma questão polémica entre algumas reformas franciscanas que admitiam alguns rapazes para certos serviços extraclaustro (v.g. a custódia de Santa Maria de los Ángeles da reforma de Villacreces¹⁷⁶) e a regular Observância¹⁷⁷.

Digamos ainda que, mesmo num tempo em que os irmãos não se definiam como ordem, mas, sim, como *fraternitas*, Fr. Marcos — de acordo, aliás, com uma tradição que remonta quase aos primeiros tempos da «história» (ou das «histórias»?) da «instituição» de Francisco¹⁷⁸ — sempre parece concebê-los com o estatuto religioso canónico só plenamente alcançado à volta de 1220-1223¹⁷⁹, e, logo, desde a sua óptica «institucional», desde que «o Padre São Francisco começou a ter frades» (I, 1, 34), sempre terão de se dizer

¹⁷⁶ Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Primeras Satisfaciones* (Art. III), in *Introducción a los orígenes de la Observancia en España. Las reformas en los siglos XIV y XV*, in *A.I.A.*, XVII (1957), 802, polemiza com os observantes regulares acerca, precisamente, deste ponto.

¹⁷⁷ Do mesmo tipo de normalização — e de incompreensão? — sugerida por meio de tradução, poderiam colher-se mais alguns exemplos ao longo das *Crónicas*; baste, porém, aqui, sempre na hipótese de que Fr. Marcos conheceu a *Vita prima* (ou *Assidua*) de Santo António — poderia, porém, ter igualmente utilizado a dita *Raymondina* (12) — e sobre ela trabalhou a *Vida, doctrina e gloriosas obras do padre Sancto Antonio de Padua* (II, 5) — a «tradução» que elabora da passagem dessa *Vita prima* (15) em que se conta como o nobre Tirso, sabedor dos desejos do santo, construiu, por suas próprias mãos, encima de uma esplêndida nogueira de um bosque seu em Camposanpiero, três celas destinadas a António e a seus dois compamheiros. Fr. Marcos, talvez porque lhe terá parecido uma extravagância «intraduzível», colocou as três celas onde elas, normalmente deveriam estar: debaixo da nogueira (II, 5, 27). Jean Boachon, numa tábuca de 1515 e procedente, ao parecer, dos franciscanos de Bourg-en-Bresse (hoje no museu de Brou da mesma cidade) mostrou, num dos oito episódios da vida de Santo António, essa cela em que o *celibem vitam ducens Dei servus, quasi apud argumentosa, studiis sacrae contemplationis insistebat...* Note-se, porém, em abono de Fr. Marcos, que o autor das *Chronicas antigas* de que diz ter-se servido para esse capítulo não lhe teria fornecido — a julgar pela tradução portuguesa — qualquer pista sobre a colocação da cela...

¹⁷⁸ *O Actus B. Francisci* (V, por exemplo) e, consequentemente, as *Fioretti* (V) sempre dizem «in principio Ordinis...»; Roberto RUSCONI, «*Clerici secundum alios clericos*»: *Francesco d'Assisi e l'istituzione ecclesiastica* in *AA. VV.*, *Frate Francesco d'Assisi*, Spoleto, Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1994, 71-100 (85, 89); Luigi PELLEGRINI, *La prima "Fraternitas" francescana: una rilettura delle fonti* in *AA. VV.*, *Frate Francesco d'Assisi...*, ed. cit., 37-70 (57-58).

¹⁷⁹ Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, I, 1, 7 escreve: «Nesta lição evangelica, nesta obra, neste dia e hora, que foi no anno de nosso Redemptor de mil duzentos e oito, e segundo conjectura no no mês de Outubro, aos dezoito, dia de S. Lucas, vinte e sete annos da idade do padre são Francisco e dous annos acabados depois da sua conversão, doze annos do Pontificado do Papa Innocencio III, foy principiada a sagrada religião dos frades menores, cuyo author foy o Spiritu sancto per o Evangelho de Jesu Christo, e não spiritu humano, cuyo ministro foy o glorioso padre S. Francisco...»; e em I, 1, 8: «E a ambos [Bernardo Quintavelle e Pedro Catanio] deu o padre S. Francisco seu habito aos dezasseis dias de Abril do anno de nossa redempção de mil duzentos e nove. E alguns contão deste dia a idade da religião dos Menores, porque nelle começou ser ordem...». Qualquer das datas, oferece a mesma visão...

"mosteiros" e "conventos" os *loci* franciscanos desses tempos... Ou não escrevesse ele as crónicas de uma «ordem»...

Posto isto, naturalmente, também esta visão que do Fundador oferecem as *Crónicas* se projecta, como poderemos sugerir, sobre a visão que aí se dá do projecto de Francisco e da sua história...

Com efeito, se, como vimos, Fr. Marcos aponta que S. Francisco nos derradeiros anos de sua vida teria sido consciente de que «os frades excedião já em procurar as necessidades e sahião do que demandava a estreita obrigação do estado evangélico» (I, 2, 30)...., o que não fazia senão confirmar o que ele próprio tinha profetizado (II, 1, 49 *et passim*), compreende-se que o cronista previna o leitor de que depois da morte do Fundador, ainda que tivessem florescido «muitos religiosos de altíssima familiaridade e contemplação divina»...., outros que foram santos «por grandes austeridades e penitências e estrictas disciplinas de seus corpos» e ainda outros que «dinos de memória per suas letras, sciencia e doctrina»...., não havia, porém, «nestes tempos na ordem geralmente a pobreza, solitários lugares, e austeridades como no princípio»...., falta que se supria «com as cerimónias, instituições e criaçam de religiosos em grande recolhimento e exercicios ordenados de religião» (II, «Prólogo»).... Curiosamente, a fonte para onde se remete o leitor é o tardio — em relação aos tempos que aqui nos interessam — *Speculum Disciplinæ* atribuído a S. Boaventura — talvez possa ser de Bernardo de Besse — e que, como vimos, é um largo texto que Fr. Marcos, confirmando a importância da obra, edita... Para Marcos de Lisboa este tempo de "comunidade" é para registar enquanto produziu, apesar de tudo, esses exemplos de santidade e doutrina — «no faltaron jamas ni faltaran en la religion del padre Seraphico, ardientes animos de immortal zelo para vivir en aquella pobreza, simplicidad, humildad, y menosprecio del mundo que nuestro Señor enseñó a sus discipulos, y despues a su siervo S. Francisco» (III, 1, 1) —, mas esse é — percebê-lo-famos mesmo que o não tivesse declarado — um tempo em que a pobreza, timbre franciscano e, polémicas à parte, o elemento sem o qual a ordem não lograva ver-se nem na sua "diferença evangélica" nem no papel escatológico que desta lhe advinha, tinha como que desaparecido... Então, como verificava Fr. João de Parma, «os frades tinhão communmete deixado o caminho do spirito de seu padre S. Francisco e convertido seus estudos à curiosidade das sciencias e obras dos edificios e outras vaidades» (II, 1, 37)... Só com a observância da *Regra* à letra se tinha voltado à *forma vitæ* distintivamente franciscana... Será, então, interessante anotar que, sendo as *Crónicas da Ordem dos Frades Menores*, como acentuaremos, um texto que visa, quase diríamos, antes de mais, a lição espiritual, e que, por isso, se propõe também como um "espelho" do frade menor, Fr. Marcos insista, com a naturalidade de quem trata de coisas que lhe são óbvias, no dever da perfeição do cumprimento da *Regra*, na obrigação da observância da estreita pobreza, nos milagres que confirmam (positiva ou

negativamente) tal observância..., mas não acentue — e, talvez, não pudesse acentuar —, como proposta essencial, a importância da vida retirada..., do "gosto espiritual" (e conseqüente opção) pelos lugares solitários..., a precaridade das casas..., a vileza do hábito..., o pouco ou nulo valor dos estudos..., etc. Apesar de a conhecer bem e de, ao parecer, a ter ouvido ler em Porziuncola e ainda de muito a citar, Fr. Marcos não escreve uma *Franceschina* em português e em castelhano... Contudo, como espelho que, como insinuamos, também quer ser, Fr. Marcos, apesar do que declara ao leitor no «Prólogo» da «Primeira parte» e reitera, em tom que pode deixar transparecer uma certa polémica, na introdução à última parte, "salta", por vezes, o que é ou pode parecer menos edificante em relação a determinadas figuras que eram reverenciadas pela sua santidade e doutrina e, como tal, tidas por mestres espirituais da ordem... Um caso exemplar do que afirmamos poderá ser o tratamento a que submete a celeberrima visão que Fr. Jacobo de Massa, simples leigo, teria tido no começo do generalato de João de Parma acerca do que viria a acontecer entre os Menores... O *Actus Beati Francisci* (cap. LXIV) e as *Fioretti* (cap.68) e depois a *Chronica XXIV Generalium*, essas *Chronicas Antiquas*¹⁸⁰ donde passou, por citação do próprio autor, para as *Chronicas da Ordem dos Frades Menores* (II, 1, 49) — ainda que, como realçamos, o seu relato, na parte que publica, esteja, por vezes, mais próximo do *Liber chronicarum* de Ângelo Clareno (4, 176-218) — ao contarem essa visão da árvore onde estava, entre os ministros de todas as províncias, o geral Fr. João de Parma, apontam que, depois deste ter descido desse alto lugar do ramo em que encontrava, a esse mesmo lugar subiu, como novo geral, Fr. Boaventura da Bagnoregio... A este, quando já ocupava esse lugar, *date sunt ungues ferree et acute ut novacularum acies radentium pilos. Qui cum impetu de loco suo se movens, irruere volebat in fr. Johannem. Quod fr. Johannes videns, clamavit ad Dominum; et Christus ad clamorem fr. Johannis vocabit s. Franciscum et dedit ei lapidem acutissimum, quem focarium vocant, et precepit ei, dicens: "Vade et ungues fr. Bonaventuræ quibus vult fr. Johannem discerpere, super vivum lapidem ita succide quod eum nequeat ledere"*¹⁸¹... Depois de S. Francisco ter cortado as unhas a Fr. Boaventura, um forte vendaval abanou a árvore e fez cair muitos frades e, antes de mais, os que nada tinham do verdadeiro espírito do *Poverello*... Levados estes pelos demónios, eram Fr. João de Parma e os "espirituais" levados pelos anjos... Como conta Fr. Marcos esta partidária visão que acabámos de resumir? — Como a *Franceschina*..., isto é, suprimindo o que de deselegante diz respeito a S. Boaventura..., quer dizer, não traduz tudo o que sugere a "perseguição" de S. Boaventura ao seu antecessor e seus partidários¹⁸², que para Ângelo Clareno é

¹⁸⁰ *Crónica da Ordem dos Frades Menores*..., ed. cit., II, 95-93.

¹⁸¹ *Actus beati Francisci et sociorum eius*..., ed. cit., 566.

¹⁸² Recordemos aqui a recente posição de Marino DAMIATA, *Aspettando l'Apocalisse in fervore e*

um dos elementos fulcrais dessa revelação... Curiosamente, porém, se a *Franceschina* termina esse relato truncado com esta observação que vale todo um comentário: «La significatione de questa visione ognuno che ha intelletto la pò immaginare»¹⁸³..., Marcos de Lisboa prefere explicá-la num sentido observante¹⁸⁴ a entregar a inteligência dela ao leitor... Em outras ocasiões, suaviza determinados factos, como, por exemplo, a condenação à morte de alguns frades de Narbona (II, 7, 33) que não explicita, preferindo dizer que «foram sentenciados de outra maneira»...

Fr. Marcos, como já se terá percebido e era de esperar, apresenta — mas aceitá-la-á verdadeiramente? — uma visão absolutamente sacerdotalizante¹⁸⁵ do projecto de S. Francisco e, com naturalidade, destina um capítulo (III, 7, 40), ao parecer tirado de — ou inspirado em? — Mariano de Florença, para tecer uma reflexão sobre «el estado de los legos en la orden»..., como introdução a *Una breve relación de algunos frayles legos que en diversas provincias florecieron en esta orden por santidad de vida*. Na primeira das três ordens fundadas por S. Francisco, quer dizer, na dos frades menores, o primeiro esquadrão é o dos clérigos, instituídos para que «se ocupassen de los divinos officios, y en la meditación, y estudio de la sagrada escriptura, mediante la qual predicassen y oyessen de confesión, y se ocupassen en otras semejantes obras espirituales, para provecho de los proximos»... O segundo esquadrão é o dos frades leigos que ordenou para que «se ocupassen en las obras manuales, sirviendo y ministrando a los clérigos con charidad y humildad, pero no sin mucho merecimiento»¹⁸⁶... Nesta perspectiva que poderia perceber-se já no *Speculum Perfectionis*¹⁸⁷ — e que recebeu no *De Conformitate* uma divulgada

furore con Ubertino da Casale, Roma, Tiellemmedia Editore, 2000, 15-16, que recupera Boaventura de Bagorea para as fileiras dos «espirituais»...

¹⁸³ G. ODDI, *La Franceschina*, ed. cit., II, 326.

¹⁸⁴ Fr. Marcos de LISBOA, *Chronicas...* II, 1, 49: «...porque o spirito de Christo quando he servido obra sem mestre escolherá os simplezes sem letras e as baixas pessoas do estado do mundo, e os insinará sem doctore encherá de seu sancto temor e puríssimo amor. E como muytos taes ajuntar em muytos e diversos lugares, entam lhe dará pastor e capitão tão sancto e inocente, conforme a Iesu Christo e seu servo Francisco»...

¹⁸⁵ O termo adapta o que escreve Grado Giovanni MERLO, *Storia di Francesco e dell'ordine dei Minori* in AA. VV., *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana*, Torino, Einaudi, 1997, 3-32 (23-27).

¹⁸⁶ Fr. Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, III, 5, 1: «...y tomó [Fr. Diego de S. Nicolas ou de Alcalá] en la Orden el estado más humilde que se llama de frayles legos, que no son de coro, mas sirven en officios y trabajos de los frayles».

¹⁸⁷ Interessa aqui anotar o comentário de Lothar HARDICK, O.F.M., *Première partie — historique et observance de la Règle au cours des premiers temps*, in *La Règle des frères mineurs. Étude historique et spirituelle* par les Pères Lothar Hardick, Josef Terschllüssen, Kajetan Esser, O.F.M., Paris, Éditions Franciscaines, (1961), 57 n.º 34.

confirmação¹⁸⁸ —, em que os dois grupos se distinguem não só pelo nome, mas também pelos ofícios e ocupações, os leigos devem entender ser «su estado como de populares los quales sirven y obedescen a los nobles, porque desta manera han ellos de servir y tener grande reverencia a los clérigos»... Estado baixo e humilde... e por isso mesmo "mais seguro"... e, como tal, preferido, alguma vez, por nobres e sábios... Fr. Marcos sabe que nas reformações e desencadear da Observância tiveram um papel determinante como se viu por um Fr. Gil de Espoleto..., por um Fr. Paulo de Trincis..., um Fr. Juan de la Puebla..., isto é, numa época em que era «cosa ordinaria [...] ser los frayles legos prelados de los monasterios y provinciais, como los frayles clérigos sin diferencia»..., realidade que só uma profunda nostalgia dos primeiros tempos de Francisco poderia ter ajudado a valorizar positivamente¹⁸⁹... Com efeito, «agora» — um agora que tanto poderá ser de Mariano como de Marcos —, dada a decadência da observância, essa observância que «consiste principalmente en la charidad, humildad, oración y pobreza» — haverá que ponderar tal ordenação? —, também o estado do frade leigo «no es estimado en lo que es razón y assi no hay quien quiera ser frayle lego si puede ser sacerdote»... Para os poucos que o são ou, ao parecer, para os ainda menos que o desejam ser, introduz Fr. Marcos essa breve explicação acerca de tal estado e essa relação de casos de frades leigos que se distinguiram pela sua santidade... O mais interessante, porém, é que se o cronista aponta a época dourada em que todos trabalhavam de mãos e os frades leigos competiam em santidade, também procede a identificá-los, antes de mais, com os que habitavam os eremitórios para quem Francisco deixara orientações precisas de vida e oração. Mesmo nos inúmeros casos de frades leigos exaltados ao longo das *Crónicas*, com particular relevo para a extensa atenção que concede a Diego de Alcalá (III, 5, 1-35) e a João Hortelão (III, 8, 1-10), Fr. Marcos transmite, como algo de muito natural, uma visão observante, entendamos, porém, de uma observância que, por sua vez, tinha, rápida e profundamente, acentuado a sua clericalização, mas que, com justas razões, se podia considerar herdeira de todos os que, desde os meados do século XIII, lutaram, com mais ou menos fortuna e dramatismo, pelo rigor do cumprimento da *Regra* de Francisco, iluminado pela última declaração da sua *intentio* que é o *Testamento* de 1226¹⁹⁰...

¹⁸⁸ Bartolomeo de PISA, *Liber conformitatum*..., ed. cit., I, 9º, 118 r ao comentar o III cap. da *Regra*.

¹⁸⁹ Marcos de LISBOA, *Chronicas*..., I, 1, 71, reflectindo sobre a recusa de S. Francisco em fazer-se sacerdote, anota: «Nem foi de pequeno effeito em a ordem este exemplo do glorioso Padre, porque assi na primitiva religião em quanto floreceo como na reformação da observancia, tremião e fugião os frades de ser sacerdotes, e em grandes conventos erão muy poucos sacerdotes, e trabalhavam mais subir a communicação divina per orações e humildade e simplicidade, que per altos graos e dignidades sem merecimentos».

¹⁹⁰ Uma notável e já clássica interpretação do *Testamento* é a que deu G. MICCOLI, *La proposta cristiana de Francesco d'Assisi*, in *Studi Medievali*, Ser. III, XXIV (1983), 17-73, agora in

Deste modo, um bom meio para testar, completando-a sob certos aspectos, essa visão, será observar, mesmo que rapidamente, como compreendeu ou quis fazer compreender Marcos de Lisboa todo esse movimento de rigorosa observância da *Regra* que os chamados "espirituais" catalisaram, sem que, para tal, nos detenhamos nas subtis questões dos limites teóricos e práticos da pobreza e do *usus pauper* não só "definidos" pela *Regra*..., iluminados pelo *Testamento*..., explicados por documentação papal quase sempre a pedido da Ordem e quase sempre polémica..., mas também condicionados pela imagem da vida pobre de Cristo e dessa *societas perfecta* que fora a primitiva comunidade evangélica..., ponto, este último, desencadeador de tão estremados radicalismos e de tão estremadas consequências, complicadas, como é bem sabido, por "leituras" franciscanas de textos de Joaquim de Flora¹⁹¹ que, com tons vários, procuravam, antes de mais, dar coerência a uma "resistência" da autocompreensão da ordem¹⁹². Fr. Marcos não se demora, cremos, na análise teórica de tais questões de fortes implicações económicas, jurídicas e eclesiológicas, o que, obviamente, não quer dizer que delas não faça a história, globalmente exacta, isto é, não se preocupe em mostrar como começou a «questão da Pobreza» e como se desenvolveu entre 1322 e 1328¹⁹³... Pelo contrário, não só, como vemos, não as esquece, como também as aproveita para, com algum comentário, deixar perceber a sua opinião não tanto, talvez, de historiador como de franciscano.

O grande cronista sabe — e di-lo — quanto essa questão — *magna disceptatio* — foi, tantas vezes, uma questão de «razões aparentes» envenenada por rivalidades e suspeições mútuas de teólogos seculares e mendicantes..., pois «não se defendião as partes com zelo da verdade catholica e spirito e mansidão e sapiencia divina, mas com paixão e spirito de sapiencia humana inchada e cega, a qual reinava naquelles tempos muito nos letrados» (II, 8, 12)... E se não se cofbe de dizer que João XXII, com a *Ad conditorem canonum*, obrou «por vingança e paixão contra a ordem e seus prelados», que Fr. Miguel de Cessena «louca e cegamente escreveo» ao acusar o papa de heresia, dando um enorme passo em falso ao aliar-se, depois da sua fuga de Avignon, a Luís de Baviera, o

Francesco d'Assisi. Realtà e memoria di un'esperienza cristiana..., ed. cit., 33-87; como reflexão geral e de ampla síntese poderá ainda ler-se J. HERNÁNDEZ VALENZUELA, *Nuevas hermenéuticas franciscanas: riesgos y posibilidades in Carthaginensia*, 17 (2001), 87-136.

¹⁹¹ S. da CAMPAGNOLA, *Dai «viri spirituales» di Gioacchino da Fiore ai «fratres spirituales» di Francesco d'Assisi. Una tipologia religiosa in Francesco e francescanesimo nella società dei secoli XIII-XIV*, ed. cit., 151-154, 155; *Influsso del gioachimismo nella letteratura umbro-francescana del Due-Trecento in Francesco e francescanesimo...*, ed. cit., 236.

¹⁹² Roberto LAMBERTINI, *Momenti della formazione dell'identità francescana nel contesto della disputa con i secolari (1255-1279) in AA.VV., Dalla «sequella Christi» di Francesco d'Assisi alla apologia della Povertà...*, ed. cit., 123-172.

¹⁹³ Roberto LAMBERTINI e Andrea TABARRONI, *Dopo Francesco. L'eredità difficile*, Torino, Ed. Gruppo Abele, 1989 apresentam uma detalhada visão destas questões.

inimigo político do papa, e que alguns mestres de teologia, entre eles Guilherme Occam, fizeram «apelações públicas de grandes e diabólicos desatinos» contra o Pontífice e que os considera «rebeldes» (II, 8, 14)..., também não evita fazer ponderar que «não é maravilha» que estes, como «outros doutos frades», tenham caído, pois, igualmente, caíram os anjos II, 8, 14)... E um pouco mais: tais «frades não se moveram por cobiça da carne ou dos olhos, porque nesta parte, antes e depois da excomunhão, viverão religiosamente e morrerão em Bavaria, terras do dito emperador, deixando fama e reputação de bons religiosos entre os que os conversarão» (II, 8, 14)... Mas, apesar de tudo isto que revela um bom conhecedor dessa *magna quaestio*, e de dela publicar alguns textos fundamentais, nomeadamente, a *Exiit qui seminat* de Nicolau III (II, 10, 12) e a *Responsio* de Ubertino da Casale a João XXII (II, 8, 10)¹⁹⁴, Marcos de Lisboa como que reduz, com algum acerto, todo o vasto problema a uma consequência desse «apagamento» — a palavra é sua — do espírito de pobreza na Ordem, que, como já referimos, poderia datar-se dos tempos de Fr. Elias, não perdendo, contudo, a ocasião de sublinhar alguns exemplos gritantes desse «apagamento», como faz, por exemplo, ao referir os privilégios que Nicolau IV concedeu às clarissas que, «passando a ter rendas e próprio em comum», atraíam o espírito dos seus Fundadores (II, 5, 12). Para Fr. Marcos, possivelmente, por lembrança de determinantes recomendações de Francisco, terão sido mesmo os privilégios, pedidos ou aceites, dos sumos pontífices, de par com o «descuido dos prelados», as causas mais imediatas da relaxação da ordem ter desembocado em tal questão... É um pouco mais precisamente, sem grande violência, pode dizer-se que esse acentuado declinar do espírito de pobreza se aprofundou pelos privilégios e concessões desse Nicolau IV, que era nem mais nem menos que o antigo ministro-geral franciscano, Girolamo d'Ascoli, eleito papa em 1288... Então, como elenca Fr. Marcos sem preocupações de cronologia, a ordem viu-se autorizada a colocar cepos nas igrejas..., a celebrar missas por pecúnia..., a aceitar "aniversários"..., e os conventos, por essa espécie de propriedade de lugar que tanto critica Fr. Marcos (II, 5, 12), passavam a ficar na posse dos frades naturais do lugar onde eram fundados sem mesmo admitirem "estrangeiros"..., a poder, à entrada das suas igrejas, vender velas e ter criados («moços») para as guardar e receber o seu preço..., a começar, em muitos lugares, os frades a fazer, por si mesmos, peditórios públicos por ruas e praças e a receber o dinheiro por «moços» que levavam consigo... e, enfim, a construir «altos, grandes, sumptuosos e curiosos edifícios deixando os lugares pobres e solitários aptos à quietação espiritual» (II, 5, 12). E, embora o cronista não o catalogue entre os exemplos de prelados descuidados, lembra quanto para estas

¹⁹⁴ Andrea TABARRONI, *Paupertas Christi et Apostolorum. L'ideale francescano in discussione (1322-1324)*, Roma, I.S.I.M.E., 1990, estudou em profundidade todo o auge desta questão: a consultar do mesmo autor juntamente com Roberto LAMBERTINI, *Dopo Francesco: L'eredità difficile*, já citada.

«larguezas» poderá ter contribuído o ministro-geral Mateo d'Aquasparta, pois por ser «de boa condição e querer consolar a todos, facilmente condescendia as vontades de todos, de maneyra que a comunidade da ordem em seu tempo veio a viver mais largamente» (II, 5, 12)... Por outro lado, todas estas larguezas e privilégios só terão ganhado uma dinâmica verdadeiramente irreversível que atinge todas as famílias mendicantes com o alastrar da Peste Negra (1348)¹⁹⁵ que ao dizimar, segundo Fr. Marcos, dois terços dos frades privou as ordens dos «varões e padres notáveis que com exemplo e doutrina as sustentavão e por causa de tantas e tão graves enfermidades, relaxado o rigor da disciplina no comer e outras cousas, cessãdo a peste não se pode restaurar o antigo rigor pela tibieza dos que ficarão, assi subditos como prelados» (II, 9, 10 conf. II, 9, 23)... Note-se, contudo, que a Marcos de Lisboa não o preocupa apenas esta vertente das larguezas que, em oposição directa à letra e ao espírito de Francisco, culminaria nesses «frades proprietários» (dinheiros, livros, roupas, etc.) — que, aliás, a Ordem sempre teria conhecido (II, 1, 18) e que o próprio S. Francisco se encarrega de, violentamente, criticar ao longo dos tempos (II, 9, 22) — mas também uma certa relação (não absoluta, necessariamente, de causa-efeito) entre esse abandono do espírito de Francisco e o brilho dos estudos na ordem, valorizando, assim, um certo anti-intelectualismo caro, se bem que nem sempre do mesmo modo e com a mesma intensidade, a todas as observâncias — muito especialmente nos seus começos — e, antes de mais, a todos os que aspiravam ao rigoroso cumprimento da *Regra do Poverello*. Com efeito, lembra Fr. Marcos, a propósito do estado da ordem à volta de 1316, que «florescia nestes tempos a religião dos menores, mais que em nehuns outros, em estudos e letras e muytos e muy insignes mestres em Theologia e também em nenhum tempo foi a santa religião mais affligida que neste» (II, 7, 32)... É um ponto de vista — uma lição mesmo — que reitera, com o mesmo tipo de insinuação, ao concluir a exposição sobre a situação de crise em que se encontrava a ordem franciscana entre 1322 e 1328: «... E também se deve notar como em tempo de mais estudos, letras e mestres na ordem, não só não cresceo a virtude, mas pôs a religião em tanta deshonra, por a sua temeridade e soberba» (II, 8, 14)...

Por tudo isto, será de notar a atenção que Fr. Marcos vai dando a todos os que, com mais ou menos violência e radicalismo, se foram opondo a tal «apagamento», procurando melhor guardar a *Regra* e «viver mais spiritualmente»... O cronista que não esconde a sua simpatia por todos esses casos, que, por tantos lados, lhe apareceriam justamente precursores da Observância, não só previne que «não se poderia acabar de contar com quantos modos estes padres forão perseguidos dos outros da comunidade e infamados» (II, 7, 18)..., mas também chama a atenção, a propósito do caso dos "espirituais"

¹⁹⁵ Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, II, 9, 10, não só nesta ocasião deu atenção às consequências das pestes na vida da Ordem, pois volta a acentuar outros surtos epidémicos (II, 9, 23).

da Provença, que essa «obra então desmanchada», estava providencialmente guardada para outros tempos (II, 7, 33)...

Compreendemos, conseqüentemente, que venha depois a lembrar, com simpatia e epítetos que a traduzem, esse «venerável varão» Pedro de João Olivi...; de quem faz um rasgado elogio e exalta a declaração, «mais profundamente que todos», da *Regra* (II, 5, 23), não alinhando aqui Fr. Marcos com outros observantes, como o autor de *La Franceshina*, que — e, mesmo assim, muito resumidamente — desse «homo famoso» só lembram as suas «opere maravigliose sopra le Sententie et sopra l'altra Scriptura»¹⁹⁶...; de Ubertino da Casale que é uma das suas fontes importantes para a sua compreensão do papel escatológico da Ordem, rememora (II, 7, 22) não só, com carinho, a sua biografia dizendo-o, curiosamente, passado aos cartuxos no remate das suas intervenções da *magna paupertatis quaestio* (II, 7, 22)¹⁹⁷, mas também a importância da sua *Arbor vitae crucifixae* «onde veyo a screver altissimas cousas sobre a vida de Christo e vida crucificada dos seus seguidores» e ainda o desassombro das suas posições em tal questão (II, 7, 18; 21), a sua acção na revelação de muitas relaxações (II, 9, 13) e a sua defesa de Olivi de que faz um breve resumo (II, 5, 24); com alguma confusão de identidade — di-lo também João de Cingulo... —, bem explicável, apesar de tudo, pelo "estado da questão" dessa, ainda hoje, um tanto misteriosa personagem, do «venerável padre» Ângelo Clarenho¹⁹⁸ que acabou seus dias «cheo de boas obras» e com fama de bem-aventurado¹⁹⁹, assinala, sem contestação, não só a fidelidade minorítica — ele e os seus «se contarão sempre por da ordem» —, mas também os seus esforços de reforma — sempre «se gloriarão por primeyros reformadores da pobreza Evangelica» (II, 7, 23) —, reforma que «inda em nossos tempos dura» (II, 5, 27; III, 6, 29); por outro lado, do mesmo Fr. Ângelo recorda, com a precisão de quem, como vimos, o deverá ter utilizado, quer o seu *Liber Chronicarum*, quer, com base no *De*

¹⁹⁶ Giacomo ODDI, *La Franceshina...*, ed. cit., II, 350 (dámos a alusão com alguma reserva de identidade).

¹⁹⁷ Marcos de Lisboa, ainda que pudesse ter recebido de Bartolomeu de PISA, *Liber conformitatum* (I, 9º, ed. cit., 131v) essa notícia da passagem de Ubertino aos cartuxos (assim poderia traduzir o «factus est monachus albus» do *De conformitate*), não seguiu o Pisano na inclusão de Ubertino entre os «ordinem persequentes» e que «ipse, ut membrum putridum divisionis, et scandali, abscessus ab ordine, factus est monachus albus».

¹⁹⁸ Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, II, 5, 27 ao referir, com bastante exactidão, a fundação dos «padres Clarenos», não sabe ainda que Pietro de Macerata e Liberato de Macerata são a mesma pessoa e que o seu companheiro («socius») é, precisamente, Pietro de Fossombrone que, mudado o nome à raiz da fundação dos «Pobres Eremitas», se passou a chamar Angelo Clarenho...

¹⁹⁹ Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, II, 7, 34 refere ainda que Anjo (Ângelo) Clarenho governava, em 1319, «os frades isentos per o papa Celestino quinto» que «não querião tornar a unidade da ordem».

*Conformitate*²⁰⁰, o ter aprendido «sem mestre humano a lingua grega»²⁰¹, quer ainda a sua consequente tradução para latim do livro de S. João Clímaco, isto é, a *Scala Spiritualis*; dentro deste quadro da «questão da Pobreza», lembra ainda (II, 7, 27-28) «a vida maravilhosa» desse «ferventíssimo zelador» que foi o «bem aventurado»..., o «santo» Fr. Conrado de Ofida de quem destaca as perseguições que lhe foram movidas junto do ministro geral João de Muro, porque defendia a «esteita observância da regra» e reprendia «muy asperamente as larguezas e relaxações na ordem introduzidas» (II, 5, 28), preferindo, no entanto, para estas notícias apoiar-se em Mariano de Florença e nas *Chronicas antigas* a servir-se do *Liber conformitatum*, passagem que, seguramente, leu²⁰²; conta com detalhes e admiração de descoberta a biografia de Jacopone de Todi de quem traduz, como dissemos, no corpo da obra, um avultado número de laudes. Por outro lado, o modo claro e tranquilo como narra (II, 5, 27) os acontecimentos de halo "espiritual" à volta de Celestino V (Julho-Dezembro de 1294) e o assinalar, positivamente, que os clarenos foram «a primeira reformação que na ordem se fez» (II, 5, 27) e uma certa compreensão, que já referimos, para os lances em torno de Miguel de Cessena, são outros tantos sinais de quanto a Observância, depois de séculos, foi (e é para Fr. Marcos, na segunda metade do século XVI) esse momento de triunfo de todos «os que spiritualmente queriam guardar a regra» (II, 7, 18)... e, logo, desse «vivo spirito de S. Francisco [que] nunca se apagou» (II, 7, 18; III, 1, 1)²⁰³... Esta última conclusão, bem justa, aliás, insinua-nos como o plano cronístico de Fr. Marcos parece, efectivamente, obedecer, antes de mais, à exigência de a patentear.

É um modo de tornar visível — ou mais visível — essa mesma conclusão é o cuidado que põe o cronista em não escamotear o facto de a Observância regular se ter, por sua vez, também anquilosado, isto é, que, como constatava, cerca de 1480, Fr. António de S. João de Vale de Arno, «los frayles de la observancia [...] ya se yvan esfriando de su primer hervor» (III, 6, 37). Lembremos em apoio desta constatação quanto o mesmo Fr. António de S. João criticava o abandono dos lugares solitários — queria, como dizia Fr. Tomás de Florença, que os frades fossem «sylvestres» (II, 1, 28) —, as censuras de um Fr. João de Lucca († 1471?) aos que se davam já a erguer grandes conventos — «mayores y de más curiosos edificios y officinas» (III, 8, 31) —, as grandes obras e livrarias (III, 5, 50), a construção de novos órgãos nas igrejas e o uso

²⁰⁰ Bartolomeu de PISA, *Liber conformitatum*..., ed. cit., I, 11º, 151v.

²⁰¹ Marcos de Lisboa traduz assim o «divinitus linguam graecam accepit» do *Liber conformitatum* (ed. cit., I, 11º, 151v); esquece, porém, as outras traduções que refere Bartolomeu de Pisa.

²⁰² Bartolomeu de PISA, *Liber conformitatum*..., ed. cit., I, 8º, 73r.

²⁰³ R. MANSELLI, *La Spiritualità del francescanesimo nel Medioevo*, in *San Francesco (Giornata lincea indetta in occasione dell'VIII centenario della nascita)*, Roma, Accademia Nazionale dei Lincei, 1985, 7-23 (22-23).

excessivo dos velhos — orientações que o capítulo geral de Auximo teve de proibir em 1461 (III, 4, 32) — tudo contra a Pobreza — e, como Fr. Marcos não deixou de anotar através de alguns exemplos — quanto «era aun en estos tiempos [fins do século XV] en algunas partes de la observancia viva aquella abstinencia de los primeros padres observantes, de jamas buscar carne para comer sino fuesse para los frayles enfermos, y ansi passavam muchos meses con solas yervas y legumbres» (III, 8, 31; III, 7, 35), censuras proporcionais às que, através de palavras de Fr. Jorge de Cebalio († 1491) ou de alguns casos milagrosos (III, 7, 35; 8, 31), se tecem ao aprovisionamento excessivo de carne e de outros alimentos, faltas estas não só contra a Pobreza, mas também contra o abandono à vontade divina. Poderiam multiplicar-se os exemplos que nada mais fariam do que sublinhar o que conclui o próprio cronista ao justificar o aparecimento dos capuchinhos: «en estos tiempos creciendo el numero de los frayles de la observancia y tomando muchos conventos grandes de los frayles claustrales, afloxavase en la austeridad y rigor de la regla del Seraphico Padre S. Francisco, y disminuyendose con la muchedumbre la perfection de los que començaron y sustentaron la observancia... (III, 9, 15).

Naturalmente, como acaba de ver-se, desse «esfriar del primer hervor» brotavam, dentro da própria Observância — alguma vez iniciadas sob o nome de recolecção — as reformas, masculinas e femininas, "modernas" (Clarenos..., Amadeus..., Capuchos..., Descalzos..., Concepcionistas...) de que a mais recente será a capuchinha (III, 9, 15)²⁰⁴ — à qual, como sabemos, elogiou²⁰⁵, sendo, por

²⁰⁴ Fr. Marcos basendo-se em *Memoriales*, reporta-se a 1520, refere a perseguição do Ministro Geral Francisco Liqueta e termina com uma lista dos padres mais notáveis dos Capuchinhos, reforma que, no momento em que escreve, já tinha em Itália quatro grandes províncias. De assinalar a nota positiva que atribui à orientação da nova Ordem em procurar insidiar-se em pequenas povoações.

²⁰⁵ Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, III, 9, 15, entre outros aspectos anota, como nota distintiva, que «Frey Matheo de Vaso fue el primero que vestio la capilla aguda o Capuchino, porque como fuesse de muy ferviente spiritu y de muy gran zelo de la santa pobreza, viendo la capilla del padre Sant Francisco aguda, hizo otra semejante...», «mas siendo perseguido por aquella novedad de capilla» solicitou ao papa Clemente VII que lhe fosse autorizado trazer «aquella forma de habito como la del padre Sant Francisco», o que lhe foi concedido (conf. III, 9, 36). Fr. Mario da Mercato SARACINO, *Narratione dell'origine della congregazione de' frati capuccini, ciò come, quando, dove e da qui elle hebbe il suo principio*, originariamente em forma de carta a Cosme I de Florença, em 1565, que pretendia saber qual a origem dos capuchinhos — curiosidade de que participava o cardeal de Santa Severina —, demorou-se a expor e a justificar a forma do seu hábito (*Monumenta Historica Ordinis Minorum Capuccinorum*, I, Assisi, Collegio di S. Lorenzo da Brindisi, 1937, 89-93 [91-93]).

A questão do hábito parece ter igualmente sido para Fr. Marcos uma questão relevante e, por tal, não terá perdido qualquer ocasião que se lhe oferecia para assinalar a documentação que revelava a «vera forma» do hábito franciscano — pinturas..., imagens..., velhos hábitos —, forma essa que usavam os capuchinhos e, ao parecer, outras reformas capuchas peninsulares. Assim, em Roma, como estaremos recordados, no convento junto ao que fora o hospital de S. Brás, viu uma pintura que representava o santo com esse capucho (II, 1, 1); em Spoleto, parece ter visto — ou

sua vez, por ela foi elogiado e que, curiosamente, só se instalará em Portugal cerca de quatrocentos anos depois (1939)²⁰⁶ —, que se foram operando no seio da observância e que Marcos de Lisboa registará com louvores que não são apenas imparcialidade de historiador, e que não fazem mais que demonstrar como é sempre possível continuar a aprofundar, com mais rigor, esse espírito que, convirá não o olvidar, deverá presidir e marcar a "sexta idade", esse tempo que, como diz o «Prólogo ao Leitor», será «de renovação da vida evangélica [...] pellos pobres voluntários que nada possuem nesta vida»... É esta mesma referência preliminar que, mais do que outros acenos que pudesse ter feito, representa o enquadramento indispensável à compreensão da obra e, logo, da perspectivização que oferece do papel escatológico desde sempre reservado à ordem pela observância (mais rigorosa e, agora, também mais vigorosa pelo maior número de observantes) da Pobreza. E nada custa admitir que, mais que quaisquer desaguçados internos — que também os houve —, terá sido a sua sensibilidade a esta «tensão dialéctica» entre a fidelidade ao «verdadeiro espírito» de Francisco e a legalidade que a formalizava — essa legalidade que, nos fins do século XV ou começos de Quinhentos, um observante espanhol erguia como pauta no *Defensorium Observantiae contra deviantes*, texto sintomaticamente publicado no *Monumenta Ordinis*... — que acabou por determinar a passagem de Fr. Marcos à província capucha de Santo António...

apenas sabido? — um hábito de Fr. Simão de Collazone († c. 1239) que, igualmente, dessa forma tinha o capuz; em S. João de Latrão [e Santa Maria Maggiore?] pôde ver — mesmo que motivado por um qualquer filtro literário — outra pintura que representava o santo com o mesmo hábito (II, 5, 21); encontrou — ou soube? — que o hábito de Fr. Rainerio, sepultado em Borgo di Santo Sepulcro, assim estava talhado (II, 6, 26); sabe que os «espírituais» de Provença usavam hábitos curtos, estreitos e capuchinos, como no princípio da ordem» (II, 7, 31); na catedral de Ciudad Rodrigo «sobre o choro nos arcos das naves esta a imagem de S. Francisco com capuchino» (II, 8, 50); a província franciscana da Piedade em Portugal usa o hábito com o capelo como o de S. Francisco (III, 9, 28). Naturalmente, aludiu, mas sem o explorar, ao caso de Fr. Felipe de Berbegal (Berbegallo) que também usou na sua reforma em Aragão, à volta de 1426-1431, «habitos, y capillas quadradas y agudas» (III, 1, 56)... Tal insistência, talvez, seja um modo não só de aplaudir, por o que ela significava de observância, essa forma de hábito que os capuchinhos, que muito admirou, usavam como, por consequência, justificar tanto o hábito da província da Piedade como o da de Santo António por que optou depois do seu regresso a Portugal. Será uma violência esta sugestão? Chiara FRUGONI, *Francesco e l'invenzione delle stimate. Una storia per parole e immagini fino a Bonaventura e Giotto*, Milano, Einaudi, 1993 com base no que considera o «primo "archetipo"» (fig. 129) das pinturas de «la figura stante di Francesco» «risalente a Bonaventura Berlinghieri, tavole di San Miniato, 1228, e di Pescia, 1235» chamou a atenção (279, 309, 322-323) para quanto fosse simbolicamente importante tal forma de hábito, sem, contudo, atender, talvez porque tardios, a estas recordações de Fr. Marcos e de alguma das suas fontes (conf., *Francesco e l'invenzione delle stimate*..., ed. cit., 311, n.º 83). E seja-nos permitido lembrar que a imagem de S. Francisco com hábito capuchinho que Marcos de Lisboa deverá ter visto na catedral de Ciudad Rodrigo ainda hoje lá se encontra...

²⁰⁶ Francisco Leite de FARIA e Fernando NEGREIROS, *Os Capuchinhos em Portugal. Memórias de um cinquentenário (1939-1989)*, Lisboa, Difusora Bflica, 1990.

Por outro lado, nesta segunda metade do século XVI, quando a clericalização, pelo que implicava de funções e de formação cultural, era, por muitas razões, um ideal e uma pauta (e, talvez, mesmo uma necessidade urgente) para uma reformação "normalizada" e disciplinada da cristandade romana²⁰⁷ (sem esquecer os disciplinamentos em terras de Reforma), não poderemos estranhar que, parafraseando um título extremamente feliz, uma vez mais, e independentemente da documentação, então, acessível, a história da intuição de Francisco seja para Fr. Marcos, com toda a naturalidade, a história da sua instituição «sacerdotalizada», o que, evidentemente, não quer dizer, que, como vimos e pelas razões expostas, não dê uma larga atenção aos frades leigos...

Uma breve referência a uma outra dimensão da história franciscana — a evangelização — poderá, talvez, ajudar a confirmar, de certo modo, alguns dos aspectos da visão que Fr. Marcos oferece da sua ordem decorrente desse extenso e já tantas vezes aludido «Prólogo» em que «se declara o intento do Espírito Santo em a instituição da sagrada religião dos Menores»... E será tanto mais interessante abordar, mesmo que rapidamente, tal questão quanto Fr. Marcos escreve num momento em que a missão — no sentido «moderno» do termo — era já uma realidade polémica nas suas práticas institucionalizadas e zelosamente garantidas por toda uma hierarquia de poderes e interesses civis cujo topo era a coroa (as coroas) para quem a Igreja havia como transferido os seus poderes de organização missionária nas terras novamente achadas e (ou) conquistadas²⁰⁸... Curiosamente, porém, Fr. Marcos, globalmente falando, concede escassa atenção à missão e, no devido tempo em que poderiam esperar-se algumas alusões, passa quase em silêncio por todo o clima de messianismo apocalíptico que, com particular incidência nos fins do século XV, e não apenas à raiz dos acontecimentos desse *annus mirabilis* de 1492, envolveu a Europa e, muito particularmente, a Itália e a Hispânia²⁰⁹... A alusão que, a propósito da primeira missão franciscana às Índias Ocidentais, faz à revelação que da conversão dessas paragens teve Fr. Martin de Valência, da província de Santiago, quando lia um texto de Isafas, e à sua consequente passagem ao México (III, 9, 9), bem como a atenção que dedica à acção do primeiro arcebispo de Cuzco, Fr. João de Zumarraga (III, 9, 10), e ainda a notícia sobre a

²⁰⁷ Gigliola FRAGNITO, *Gli ordini religiosi tra Riforma e Controriforma* e Roberto RUSCONI, *Gli ordini religiosi maschili dalla Controriforma alle soppressioni settecentesche. Cultura, predicazione, missioni* in Mario ROSA, *Clero e società nell'Italia moderna*, I, Bari, Ed. Laterza, 1992, 115-205 e 207-274, respectivamente.

²⁰⁸ P. PRODI, *Nuove dimensioni della Chiesa: Il problema delle missioni e la "Conquista Spirituale" dell'America*, in *Problemi di storia della Chiesa nei secoli XV-XVII*, ed. cit., 267-293.

²⁰⁹ Uma ainda actualizada visão de conjunto desta questão nas suas múltiplas e subteis modalidades é a que oferece *L'attesa della fine dei tempi nel Medioevo* (a cura di Ovidio Capitani e Jürgen Miethke), Bologna, Il Mulino (Annali del Istituto Storico Italo-Germanico, 23), s.a. (1990).

primeira missão franciscana às Índias Orientais de Portugal presidida pelo franciscano Henrique de Coimbra (III, 9, 49)²¹⁰, confirmam, mesmo que lhe juntássemos alguma notícia dispersa, a surpresa da resumida atenção que Fr. Marcos presta aos começos e ao desenvolvimento da actividade missionária da sua ordem ao largo das duas primeiras décadas do século XVI²¹¹. Haverá que esperar pela «Quarta parte» das *Crónicas* que Fr. António Daza, com uma mentalidade mais «contabilística» (número de conventos, de missionários, mártires, conversões, etc.) que será depois tão comum em outras crónicas, publicará em 1611, para ver retomados e desenvolvidos estes poucos fios que Marcos de Lisboa entreteceu, salientando-os, na «Terceira parte» do seu trabalho principalmente. Então, a actividade missionária franciscana será, como já sugerimos, exposta em toda a sua amplitude e esplendor, constituindo um índice admirável de missionários e de actividade evangélica e sólido prolegómeno de toda uma literatura — por vezes, fortemente reivindicativa — da actividade missionária franciscana...

E se será sempre possível perguntar o porquê deste quase silêncio, um simples folhear da obra evidencia que Fr. Marcos concede, mesmo para os tempos modernos, uma larguíssima atenção à actividade evangelizadora que, em outros moldes, sempre foi, como é bem sabido, um campo privilegiado pelos discípulos do *Poverello*... Referimo-nos, naturalmente, à evangelização que do Norte de África ao Oriente sempre atraiu, como consequência da imitação de gestos, decisões e doutrina do Fundador, a ordem franciscana que, mais tarde, em anos de polémicas sobre a sua actividade missionária, para defender que «foram os Frades Menores [...] os primeiros religiosos que a ela [Índia] vieram», não hesitarão em ter «como cousa certa que o nosso Padre S. Francisco andou por esta Índia fazendo seus caminhos quase nos mesmos anos em que ele vivia nesta vida mortal»²¹². Sempre se recordarão os desejos frustrados de Francisco

²¹⁰ Fernando Félix LOPES, *Fr. Henrique de Coimbra, o missionário, o diplomata, o bispo in Studia*, 37 (1973) agora em *Colecânea de estudos de história e literatura*, III, Lisboa, Academia de História, 1997, 363-446.

²¹¹ Lino GÓMEZ CANEDO, *Los primeros misioneros de México y Centroamérica: su ideal franciscano in Francesco nella storia...*, II, ed. cit., 267-299; AA. VV., *Difusione del francescanesimo nell'Americhe*, Assisi, Università di Perugia/Centro di Studi Francescani, 1984; M. PEREIRA, *A actividade evangelizadora dos franciscanos portugueses no Brasil durante o século XVI in Itinerarium*, 34 (1988), 150 - 170; José Adriano de Freitas CARVALHO, exposição na «mesa redonda» *La primera evangelización en América: balance histórico in Historia de la evangelización de América. Trayectoria, identidad y esperanza de un continente — Simposio internacional. Actas*, Ciudad del Vaticano, Librería Editrice Vaticana, 1992, 764-770; recentemente, foram editadas, sob o título de *O Franciscanismo em Portugal. Actas*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000, as contrinuições apresentadas ao III (1995) e IV seminários (1995) — *A acção missionária dos franciscanos nos séculos XIII-XV e A acção missionária dos franciscanos no Oriente nos séculos XVI-XVII*, que sobre o tema oferecem uma visão genérica, ainda que, em alguns pontos, muito útil.

²¹² Paulo da TRINDADE, O.F.M., *Conquista espiritual do Oriente* (Edição, introd. e notas de F.

de Assis de passar a Marrocos²¹³, projectos que acabaram por determinar as suas algo imprecisas viagens pela Hispânia²¹⁴.... viagens que empreendeu, como diz Pierre de Jean Olivi na esteira de S. Boaventura (L.M. 9, 4-9), *ad saracenos convertendos et ad martyrium accipiendum*²¹⁵ ... e se reflectiram, juntamente com a experiência síria, na Regra (N.B., XVI) ao fixar os princípios que deveriam nortear os que vão *inter saracenos et alios infideles: ... non faciant lites neque contentiones, sed sint subditi omni humanae creature propter Deum* (1 Petr. 2, 13) *et confiteantur se esse christianos ... et cum viderint placere Domino, annuntient verbum Dei, ut credant Deum omnipotentem...* Ora, é precisamente esta dedicação à conversão dos muçulmanos e o martírio que, tantas vezes, daí adveio aos irmãos que, como um *leitmotiv*, se vai orquestrando ao longo das páginas das *Crónicas*... Com mais ou menos extensão, desde os cinco mártires de Marrocos (I, 4, 1-28), tão ligados à história de Portugal²¹⁶, até à "legenda" de «dos frayles que padecieron martirio en estos tiempos», isto é, nos começos do século XVI (III, 9, 41), passando por esse Fr. Electo, martirizado ainda em tempo de S. Francisco (II, 4, 35), pelos quatro mártires de Taná (II, 7, 35), pelos sete de Ceuta (II, 4, 30-34)..., pelos de Valencia (II, 4, 36-39)..., pelos "modernos" mártires como Fr. André de Espoleto (III, 17-18), é todo um vasto martirologio ultramarino que se organiza nas *Crónicas*, como, aliás, também no *Liber conformitatum*, páginas que, em muitos dos casos referidos, Fr. Marcos teve presentes²¹⁷. E se a estes casos de martírio juntarmos os que Fr. Marcos regista, quase para os seus dias, em terras de Reforma — especialmente em Inglaterra (III, 9, 25-27) e em França (III, 9, 46-48)²¹⁸,

Félix Lopes, O.F.M.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1952, I, 14, 73; II, 14, 67; Fernando Félix LOPES, *Os franciscanos no Oriente português de 1584 a 1590* in *Studia*, 9 (1962) agora em *Colectânea de estudos de História e literatura...*, ed. cit., III, 265-362.

²¹³ Luigi PELLEGRINI, *I quadri e i tempi dell'espansione dell'Ordine* in AA. VV., *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana...*, ed. cit., 165-201 apresenta (182-185) uma precisa síntese destes começos dos interesses orientais dos franciscanos.

²¹⁴ José GARCÍA ORO, *Francisco de Asis en la España medieval*, Santiago de Compostela, Liceo Franciscano, 1988, 45; Francisco Leite de FÁRIA, *S. Francisco e Portugal. Síntese histórica e bibliográfica* in A. I. A., 42 (1982), 453-479 e *Os primeiros franciscanos em Portugal*, Lisboa, 1983, ponderou, combatendo o hipercriticismo de muitos historiadores, algumas das questões levantadas por esta viagem. Cremos, porém, que sem grande convencimento...

²¹⁵ P. de J. OLIVI, *Scritti scelti* (a cura di Paolo Vian), Roma, Città Nuova Ed., s.a. (1989), 136-137.

²¹⁶ Além das indicações que oferece A. G. da Rocha MADAHIL na *Introd.* à sua ed. já cit. do *Tratado da vida e martírio dos cinco mártires de Marrocos*, será sempre de atender ao trabalho de André IVARS, *Los mártires de Marruecos de 1220 en la literatura hispano-lusa*, in *A.I.A.*, XIV (1920), 334-381, e ainda a Flávio GONÇALVES, *A representação artística dos "Mártires de Marrocos"*. *Os mais antigos exemplos portugueses*, Porto, 1963.

²¹⁷ Bartolomeu de PISA, *Liber conformitatum...*, ed. cit., I, 8^o, 92v-93r (mártires de Marrocos); 95r (mártires de Taná); 87r-87v (mártires de Ceuta); 95v (Fr. Electo)...

²¹⁸ A atenção prestada por Fr. Marcos de Lisboa aos mártires franciscanos em terras de Reforma —

perceberemos a extensão e a intensidade que tal tema ganha nas suas páginas e, logo, quanto enforma a visão que da sua ordem propõe. Uma simples questão de, uma vez mais, ser estritamente fiel ao seu propósito de mostrar como ao longo dos séculos, também neste ponto, a observância, apesar de tudo, se foi mantendo? — É bem possível, mas, embora, curiosamente, Fr. Marcos nesse «Prólogo ao Leitor», já tantas vezes referido, não aluda a esta dimensão, será, talvez, legítimo insinuar que tal interesse pelo tema, para além dessa fidelidade à história e às suas fontes, poderá ainda derivar do facto de a tradição franciscana, na esteira de sugestões joaquimitas reelaboradas *in sede seraphica*, sempre ter concebido a conversão dos sarracenos e de outros infiéis como um acontecimento da "sexta idade", uma conversão que se faria à custa de martírio de muitos frades... P. de J. Olivi de quem depende, em última instância, esse «Prólogo», em diversas obras e por diversas formas, apontou, amplamente, na *Lectura Super Apocalypsim*, na sequência da interpretação das três tentativas de Francisco de passar ao ultramar como «nel sesto anno della sua conversione come angelo del sesto sigillo e come segno che per mezzo del suo Ordine nel sesto statu della Chiesa devono esser convertiti a Cristo; poi di nuovo, per una terza volta, nel tredicesimo anno della sua conversione, come segno che nel tredicesimo secolo dalla passione e dalla resurrezione di Cristo i Saraceni e altri infedeli devono essere convertiti per mezzo del suo ordine con molti martiri»²¹⁹. E um pouco mais: se a conversão dos infiéis não será tarefa fácil — donde o martírio de tantos —, a dos sarracenos, senhores de uma cultura rival, revelar-se-á ainda mais difícil... P. de J. Olivi vai mesmo ao ponto de pensar que dentre eles poderá sair o Anticristo ou, quando menos, que da *setta saraceni*, aqui entendida num sentido predominantemente cultural que tem por referente primeiro o aristotelismo escolástico, receberá o Anticristo um precioso conforto²²⁰ ..., ponto de vista que Jean de Roquetaillade²²¹ se encarregará de

e que, como lembrámos, Fr. António Daza amplificará — foi uma das razões, invocadas por Fr. Juan Reinoso, guardião de Salamanca e aprovador da *Tercera Parte*, como razão mais imediata para o seu pedido de privilégio de venda da obra, como se pode ler no Privilégio de 10 anos concedido por Filipe II em 22 de Agosto de 1568...

²¹⁹ P. de J. OLIVI, *Scritti scelti*..., ed. cit., 137 (conf. 87, 121-122).

²²⁰ Marino DAMIATA, *Olivi inquieto: La cristianità dilacerata da catari, ortodossi e saraceni*, in *Studi Francescani*, 88 (1991), 5-27 (esp. 22, 23-25).

²²¹ Para a compreensão desta importantíssima figura do universo da profecia no séc. XIV são hoje imprescindíveis, além do clássico estudo de Jeanne BIGNAMI-ODIER, *Études sur Jean de Roquetaillade (Johannes de Rupecissa)*, Paris, 1952, os diversos trabalhos que, sob a direcção de A. Vauchez, foram reunidos em *Les Textes Prophétiques et la Prophétie en Occident (XII-XVI siècle)*, MEFRM, École Française de Rome, 1990, com especial relevo, pelo que diz respeito a esta nota, para o de Martin AURELL, *Prophétie et messianisme politique. La Péninsule Ibérique au miroir du "Liber Ostensor" de Jean de Roquetaillade* (318-361, esp. 337); de atender ainda à importante colecção de textos reunidos e apresentados por Eulalia DURAN e Joan REQUESENS, *Profecia i poder al Renaixement. Texts profètics catalans favorables a Ferran el Catòlic*, València, Eliseu Climent editor, 1997, 34-38 e *passim*.

desenvolver. Por isso, à volta de 1326, um franciscano que talvez possa identificar-se com Fr. Bernardo Fuster, defendia, sintetizando, em *De Statibus Ecclesiae secundum Apocalypsim*, que «en tiempo del Anti-Cristo casi todos los mártires serán franciscanos, pocos habrá de las demás ordenes»²²²... Por outro lado, o martírio ter-lhe-á aparecido como um modo de melhor inserir, com todas as consequências, essa visão no contexto concreto de «contra-reforma» que a Igreja estava a desenvolver.

Fr. Marcos de Lisboa, como dissemos, recolhe, mediante a *Arbor vitae crucifixae* de Ubertino, muito dessa visão dos últimos tempos desta "sexta idade"... em que «os pobrezinhos» em imitação «do muito pobrezinho S. Francisco» lutarão contra «a secta do Anti-Christo», melhor, talvez, até, «contra a peste do Anti-Christo místico e seus sequazes»..., o que, implícita e obviamente, parece conlevar essa evangelização entre os sarracenos e o conseqüente martírio. Será, então, violento sugerir que o martírio de tantos que, sistematicamente, vai narrando é, qualquer seja o seu lugar numa concepção escatológica eclesial mais vasta, a ilustração imediata desta premissa? Por outro lado, e se assim for, poderá também pensar-se que, excepções à parte, esta ilustração não se lhe impunha como enformadora de uma missão que, sob o controle do poder civil e utilizando, tantas vezes, um dos seus suportes ou uma das suas consequências — a violência — estava longe dessa presença cristã entre os infieis que, como exigia Francisco, fugindo a disputas e controvérsias, só recorria à pregação da palavra de Deus quando parecesse que tal era do agrado do Senhor? — Não nos decidamos, já que o tema está longe de ter sido estudado²²³, mas cremos, provisoriamente, que a atenção sistemática dada por Fr. Marcos ao martírio se organizou, num aproveitamento sistemático das suas fontes — nomeadamente, como vimos, do *Liber Conformitatum* —, sob o estímulo considerável da visão dessa escatologia franciscana que, enformando o «Prólogo», parece enformar todas as suas *Crônicas*...

Convirá, finalmente, porque Fr. Marcos como que a suscita, pôr uma questão de duas faces acerca das *Crônicas da Ordem dos Frades Menores*. Qual a finalidade desta história que, no fundo, é a história da observância da *Regra* de S. Francisco? E, deste modo, a quem se dirige Fr. Marcos? Tal questão deve pôr-se, porque mesmo que o autor a ela não se referisse, seria, cremos, um erro pensar que o futuro bispo do Porto se teria proposto, independentemente do seu contexto cultural, uma pura "história" — se tal existisse... — da sua ordem... Mas Fr. Marcos nas palavras preliminares que dirige «Ao Lector» explica com

²²² José M.^o POU Y MARTI, *Visionarios, beguinos y fraticellos Catalanes...*, ed. cit., 256.

²²³ José Adriano de Freitas CARVALHO, *La prima evangelizzazione del Brasile (1500-1550): gli anni del silenzio in L'Europa e l'evangelizzazione del Nuovo Mondo* (a cura di Luciano Vaccaro), La Gazzada, Centro Ambrosiano, 1995, 213-232, para alguns aspectos do possível — e frágil — modelo evangelizador de matriz franciscana nesses anos em Portugal.

objectividade e com a sua costumada naturalidade, o seu propósito e, logo, os limites do seu trabalho...

Com efeito, depois de discorrer, com recurso a uma série de tópicos, sobre a multidão de livros e a dificuldade de orientação (*regra*) para os ler, Marcos de Lisboa, elaborando demoradamente uma tese cara a tantos humanistas, com um Erasmo e um Vives à frente, mas que passará também por um Luís de Granada, e que constituirá o pressuposto de toda uma produção literária que no século XVII se empenhará, com magro resultado global, em apresentar a biografia devota como uma substituição da literatura profana — «os quaes [cristãos] gastam sua primeira idade em aquellas memorias dos antigos Gregos ou latinos, e ouxalá se não gastasse toda a vida de muytos, em que mayor parte tem Homero, Virgilio, ou Cicero, que Christo» —, afirma que «nenhua licçam» poderá tanto ajudar o leitor em toda a virtude e contra todo o vício, como a das memórias e vidas dos sanctos, servos de Deus»... Por isso, vemo-lo concluir que, pois nessa «licçam tanto se ganha, facilmente se aceitará como bem empregado, por parte do autor, o tempo e papel e trabalho que nesta memória e cõpilaçam das Chronicas da Ordem dos Frades Menores seguidores e representadores da vida de Christo se emprega»... e, por parte do leitor, «quam bem gastados seram os dias e noites que nellas estudares e aprenderes se não a seres religioso, se o desejas ser, mas a ser christão se o queres de verdade ser»... As *Crónicas* são, deste modo, apresentadas como um texto a ler para dele tirar uma lição..., variadíssima e multiforme, isto é, como uma ampla e ordenada *legenda* formada por mil *legendas* que todo o cristão deverá ler, uns para aprenderem a ser verdadeiros religiosos — não apenas pelo cumprimento rigoroso dos votos, mas também de outros deveres, como, por exemplo, a reza do ofício divino (III, 5, 4; 6, 60; 8, 35)²²⁴ — outros a serem verdadeiros cristãos — destacando, sempre a propósito, e, por vezes, com alguma reserva crítica, as vertentes devotas²²⁵ — ou não tratassem, essencialmente, as *Crónicas* de um religioso que sempre foi apresentado como o mais autêntico (e autenticado) imitador de Cristo..., «como formado à sua imagem e expressa semelhança de sua cruz e vida»... *Franciscus, alter Christus* pervivendo em todos os que o imitam²²⁶...

²²⁴ Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, III, 6, 38 lembra que, por este motivo, Fr. Pedro de Nápoles nas suas «visitas» vigiava secretamente como se cumpria esta obrigação.

²²⁵ Marcos de LISBOA, *Chronicas...*, destaca a saudação angélica (II, 2, 16), o nome de Jesus (II, 5, 4; as missas em honra de Santa Maria (II, 2, 23), sem deixar de ponderar (II, 4, 34) que missas sem devoção não aproveitam às almas do Purgatório, e que valem mais os merecimentos das almas santas.

²²⁶ Jacques PAUL, *Les spirituels entre la sainteté et l'hérésie (Historiographie et perspectives d'études)* in AA.VV., *Gli studi francescani dal dopoguerra ad oggi*, ed. cit., 173-212 (192-202) traz algumas considerações pertinentes sobre o tema.

Mas, se a todos se dirige a obra em que se expõe que «cousa he ser christão e as partes do bom christão debuxadas em duas távoas» — entendamos Cristo e Francisco — têm os Menores, como «discípulos de n. p. S. Francisco e dos santos padres que seguirão, a principal parte do proveito destas Crónicas e memórias, pois claramente mostrão a observância de nossa profissão e mais de rosto nos estão ferindo e reprehendendo de nossos descuidos e transgressões»... Deste modo, a crónica da "observância" — de como se deve observar a *Regra* e dos que, pese a dificuldades sem conto, sempre a observaram e dos que "hoje" a observam — se para todos é uma *legenda* — de Cristo e de Francisco —, para o frade menor, em especial, e ainda para outros religiosos, essas memórias são um *speculum* e, assim, para muitos — especialmente os conventuais? — uma acusação pela longa deformação de uma imagem... E bem fácil seria, de tal modo esta ideia dinamiza o trabalho de Fr. Marcos, reorganizá-la, em estilo desse *Specchio de' Minori* que é *La Franceschina*, como um catálogo dos modos por que Francisco e seus discípulos ilustraram essa imitação de Cristo. As biografias autónomas, como as de Jacopone da Todi no século XVII²²⁷, a que foi dando origem, poderão ser um exemplo de quanto, no contexto das consequências da vitória da observância, terá tido de ser feita, com alguma facilidade, uma reescrita²²⁸. Assim, perante este preciso propósito de construir, numa época herdeira da redescoberta, por parte do Humanismo, da concepção ciceroniana da História como "lição", as suas *Crónicas* como uma *legenda* e um *speculum*, compreende-se que constatar que Fr. Marcos «sembra proporsi uno scopo morale più che storico»²²⁹, seja, antes de mais, reconhecer, quanto o grande cronista franciscano português alcançou, plenamente, esses precisos objetivos... A enorme aceitação que as *Crónicas* conheceram ao longo dos séculos deve-se, cremos, em parte considerável, a este seu logrado desejo de (ex)pôr a História — porque nunca se negou que obra de historiador tenha feito ao serviço da *lectio spiritualis*... É esta uma dimensão — se preferirmos, esta concepção — da História que, em aliança com os inúmeros textos dessa vasta antologia de autores franciscanos, faz, como pensamos perante a plenitude dos seus resultados, das *Crónicas* uma obra "marcante" da espiritualidade franciscana e da sua história.

²²⁷ Enrico MENESTÒ (a cura di), *Le vite antiche di Jacopone da Todi*, ed. cit., XLV, XLIX, LIV, LV; recordemos ainda que as *Crónicas* não terão sido somente aproveitadas como ponto de partida para algumas biografias, mas também como sugestão para o tratamento de alguns temas na pintura dos séculos XVII e XVIII, como anotam Servus GIEBEN, *San Francesco nell'arte grafica in Francesco nella storia...*, II, ed. cit., 335-349 (345) e Felice ACCROCCA, *Francesco e le sue imagini...*, ed. cit., 146 n° 102.

²²⁸ Roberto RUSCONI, *Dalla «questione francescana» alla storia* in AA. VV., *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana*, ed. cit., 339-357 refere, a propósito da «riscritta agiografica concernente le vicende di numerose "mulieres religiosae"» (345) alguma considerações que poderiam ter aqui igualmente alguma validade.

²²⁹ S. da CAMPAGNOLA, *Le origini francescane come problema storiografico...*, ed. cit., 108.

Mas tal lição vem, muito naturalmente, enquadrada por Fr. Marcos em coordenadas espirituais — e, até certo ponto, geográficas, como demonstra a sua impossibilidade de percorrer toda a Alemanha para documentar a sua história — ditadas pelo contexto contra-reformista em que escreve. Para além das datas da publicação da sua obra (1557-1570), há nas suas páginas alusões suficientemente explícitas que dizem da importância de não esquecer tal contexto. Desde o «Prologo» da «Segunda parte» alerta para que a sua história se destina — também se destina, naturalmente — tanto a informar sobre o passado, como a aproveitar, antes de mais, aos presentes religiosos, «pois somos chegados a tempos tam rigorosos que publicamente os hereges dizem mal e desfazem nas religiões, com muytas mentiras e falsidades, os religiosos em contrayro por defensam dos estados aconselhados e ordenados per Christo no Evangelho descobrão com seus exercicios, criçam e vida nas religiões, porque visto seu exterior e interior, fiquem os hereges confundidos, e suas calumnias não empeçam aos fies christãos», desideratos que nos colocam no contexto de uma frente de combate que, mesmo se mais antigo, ganhara, depois de 1517 — não o ano do triunfo da Observância, mas de Wittenberg —, através de críticas severas, duras discussões teológicas e deserções soantes, consequências devastadoras. Curiosamente, como se veio a consagrar em Trento, as observâncias podiam ser uma das formas de resposta. As *Crónicas* de Marcos de Lisboa, desde este ponto de vista, poderiam ajudar a prepará-la ou a consolidá-la. Ou até, pela sua narrativa de um triunfo particular, ainda que muito especial, a relativizar, de certo modo, os acontecimentos. Não mostram — ou demonstram? — as *Crónicas* como a fiel «sequella Christi» vence. Por algo, encerra a «Tercera parte» com «algunas vidas — sem esquecer os mártires — o cosas notables destes tiempos mas modernos, para consolacion de los religiosos, y edificacon de los otros estados, en estos calamitosos tiempos» (III, 8, 47)... E será sempre interessante lembrar que um dos últimos documentos que insere nas suas páginas — o breve de Clemente VII (13. 7. 1525) sobre a canonização de Fr. Jacome de la Marca (III, 6, 28) — seja publicado, precisamente, «porque en todas las partes pueda nuestro Señor ser glorificado en este su santo siervo y los hereges confundidos, y los catholicos edificados y animados». E animados — pondera Fr. Marcos em mais um comentário de nítido recorte contra-reformista — a imitar os santos antigos que, como «dona Hortulana», mãe de Santa Clara, faziam romarias para visitar os Lugares Santos, as igrejas de S. Pedro e S. Paulo em Roma, etc., já que «nestes nossos frios [tempos] arrefeceu e quasi se perdeo o fervor dos christãos para visitar os santos lugares e relíquias de nosso Senhor e de seus Sanctos, causado este mal com outros pelas continuas guerras e heresias, e muitos outros pecados nossos» (I, 8, 1)²³⁰.

²³⁰ Marcos de LISBOA, *Chronicas...* I, 1, 41 recorda, ainda que sem a imediata lição que aplica às romarias de «Dona Hortulana», que também S. Francisco «a todos os Apostolos, specialmente a S.

As *Crónicas da Ordem dos frades menores* parecem ser, assim, uma história que haverá que ler, antes de mais, no conjunto dos "renascimentos" e «contra-renascimentos» culturais — termos que poderão ser discutíveis, mas de que os religiosos são inseparáveis por basilares — nessa Europa do século XVI, sobretudo quando na sua segunda metade, qualquer seja a explicação, o seu sentido e tanto do seu radicalismo, a Igreja (para não dizer as Igrejas numa cristandade com fronteiras) procura, por sua vez, tornar-se mais "observante", sem esquecer, naturalmente, que, neste quadro, haverá que inscrever a vitória final — em termos oficiais e legais — da Observância sobre a Conventualidade, uma vitória, afinal, lograda nas Espanhas por «el dictado de los reyes»²³¹ — Filipe II (1566-1567) e, governando (1562-1568) ainda em nome de D. Sebastião, Henrique de Portugal. E, curiosamente, as primeiras gerais *Crónicas da Ordem dos Frades Menores* foram escritas desde as Espanhas por um observante português que viria a ser feito bispo do Porto por Filipe II... Há 420 anos.

José Adriano de Freitas Carvalho
Universidade do Porto

Pedro e S. Paulo, amava com special devação, e visitava muitas vezes a sua casa em Roma, e era delles visitado e consolado».

²³¹ Evidentemente, parafraseamos aqui o título do capítulo final da obra de José GARCÍA ORO, *Francisco de Asis en la España medieval...*, ed. cit., 497 («Al dictado de los reyes: reforma o cierre»); do mesmo autor, *La reforma de la Iglesia y la monarquía española* in AA. VV., *El Tratado de Tordesillas y su época (Congreso Intern. de Historia)*, Sociedad del V Centenario del Tratado de Tordesillas, 1995, III, 661-679 em que se analisam as «reformas quirúrgicas» de Filipe II; Gonzalo FERNÁNDEZ-GALLARDO, J., *La supresión de los franciscanos conventuales de la corona de Aragón* in *A. I. A.*, 60 (2000), 217-241.

